



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEdu) – MESTRADO

YASMIN DE MORAES BORGES

**JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
AS TRAJETÓRIAS DE JOVENS EGRESSOS DO PROUNI.**

RIO DE JANEIRO

2017

YASMIN DE MORAES BORGES

**JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR:
AS TRAJETÓRIAS DE JOVENS EGRESSOS DO PROUNI.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em Educação

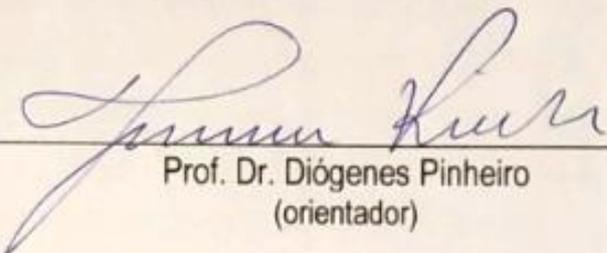
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Yasmin de Moraes Borges

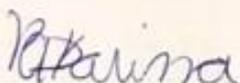
“Juventude e Políticas Públicas de Acesso ao Ensino Superior: as Trajetórias de Jovens Egressos do Prouni”

Aprovada pela Banca Examinadora

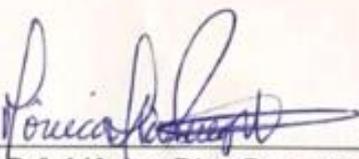
Rio de Janeiro, 07/07/2017



Prof. Dr. Diógenes Pinheiro
(orientador)



Profª. Drª. Ana Karina Brenner
(avaliadora externa)



Profª. Drª. Mônica Dias Peregrino Ferreira
(avaliadora interna)

Dedico a Pedro Costa, meu grande amor e maior parceiro que poderia encontrar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me feito uma mulher forte, capaz de suportar inúmeros contratemplos na vida e ainda assim seguir de cabeça erguida. Por sempre me abençoar, durante todas as caminhadas ao longo da vida, me fazendo sentir protegida e capaz de enfrentar qualquer coisa, colocando ao meu alcance tudo que sempre sonhei. Por me dar forças para encarar dois anos de mestrado, mesmo trabalhando muito e quase sem tempo e disposição física/mental para continuar. É graças ao Senhor que cheguei até aqui.

Agradeço ao meu amor, meu marido Pedro, por seu apoio incondicional, sua compreensão, amizade, companheirismo, dedicação, pelas noites de sono perdidas ao meu lado, por sua capacidade de se doar sempre que eu preciso. Por enxergar todo meu esforço e enxergar, também, que eu poderia ter sido ainda melhor, seu orgulho pela pessoa que me tornei me motiva a cada dia para ir além, muito do que sou hoje devo a você e me orgulho muito em dizer que me acho cada dia mais parecida contigo, mesmo com todas as nossas diferenças. Eu te amo além de todas as coisas, obrigada por dividir a vida comigo.

Agradeço a minha mãe Luciane, meus avós Santina e Valdemar, meus tios Andréa e Eduardo, por sempre terem feito de tudo para me proporcionar uma educação de qualidade, por todo sacrifício para que eu pudesse estudar em boas escolas, fazer curso de línguas, pelo tempo dedicado a me auxiliar nas tarefas, estudar para as provas. Sem vocês eu não seria absolutamente nada, nunca conseguirei retribuir o que fizeram por mim durante toda minha fase escolar.

Agradeço ao meu queridíssimo orientador Diógenes Pinheiro, por toda sua dedicação, paciência, compreensão e amizade. Por sua compreensão não só com minha vida acadêmica, mas também com minha saúde, me ajudando no momento que mais precisei. Por nossos encontros de orientação tão enriquecedores, me ensinando tanto e respeitando minha forma de pensar. Seu papel foi cumprido com excelência e serei sempre extremamente grata por isso, te admiro imensamente.

Agradeço as professoras da minha Banca Examinadora, Dr.^a Mônica Peregrino e Dr.^a Ana Karina Brenner, pelos valiosos apontamentos durante a qualificação e no cotidiano da Universidade. A contribuição para o meu trabalho foi de suma importância para que eu conseguisse essa estrutura de texto e conteúdo, hoje vendo o resultado percebo o quão importante foi seguir as orientações.

Agradeço a dois professores que marcaram minha graduação e se tornaram inesquecíveis, Zacarias Gama e Eliane Ribeiro. O primeiro, meu queridíssimo orientador da monografia, uma pessoa que sinto muitas saudades e sou muito grata, sem seu apoio durante o tempo em que fui sua bolsista não teria conseguido chegar aonde cheguei, poder te acompanhar nas aulas da graduação/mestrado/doutorado fez com que eu descobrisse minha vocação. Nunca irei me esquecer do que fez por mim, possibilitando que eu pudesse largar meu emprego e me dedicar a faculdade, você é um grande amigo e o trarei sempre em meu coração. Quando me formei você me disse que eu poderia ser a melhor professora do mundo, me emocionei ao ouvir isso de você e eu espero que o meu dia de chegar ao tão sonhado Ensino Superior seja breve. A segunda, minha amada professora, passamos dois anos juntas nas aulas de PPP na UERJ e você foi fundamental na escolha do meu tema de monografia, que se ampliou e tornou o tema da minha dissertação de mestrado. Depois de te entregar uns dez projetos – pois eu mudava meu tema a cada semana – para a disciplina de PPP, acho que a escolha foi certa, pois realizar ambos os trabalhos foi um prazer, os fiz com alegria e entusiasmo.

Agradeço aos meus companheiros de luta durante esses dois anos, a galera das políticas, meus amados amigos (as) que dividiram comigo as disciplinas, grupo de pesquisa, alegrias, angústias, desesperos, lágrimas, gargalhadas, textos, seminários, mureta, terra brasilis, que me acordavam quando eu caía de sono na aula, que me davam carona, entre tantas outras coisas que aconteceram nesses dois anos: Thaysa, André, Márcio, Cida, Miguel, Amanda's, Fabrícia, Gisele, Luciana, Kátia, Valéria, Laine, Noelia, Isis e todos os outros não mencionados, mas que guardo em meu coração. Agradeço também aos professores das disciplinas cursadas ao longo do mestrado, por toda sua dedicação, auxílio, troca de conhecimento durante todas as aulas: Lígia Martha Coelho, Maria Luiza Sussekind, José Damiro de Moraes, Nailda Marinho e Rosana Heringer.

Agradeço as minhas diretoras do Colégio Pedro II Sandra, Tânia e Ana Cristina, por sempre conciliarem meus horários de trabalho, mudando toda a estrutura do colégio, me possibilitando estudar, não sei como conseguiria concluir meu mestrado sem o apoio e compreensão de vocês. A valorização da qualificação do professor é o que traz a educação de qualidade para dentro da escola. Agradeço também a todos os colegas que sempre ficavam com minhas turmas enquanto precisava me ausentar, em especial as minhas três grandes amigas Michelle, Monique e Valéria.

Agradeço a minha amada amiga/irmã/comadre Joana, por me dar abrigo e almoço em sua casa durante minhas janelas entre as aulas, poderia ficar sentada num banco da faculdade por horas, mas eu sempre podia contar com você, aqueles cochilos me salvavam quando tinha aula até às 21h. Também por levar remédio para mim na faculdade quando eu estava passando mal e não podia me ausentar e por sempre aguentar minha chatice e todas as reclamações do quão cansada e destruída eu estava por não dormir, não comer, ter que conciliar estudo e trabalho e ainda pegar ônibus lotado em pé para ir e voltar da faculdade, ainda assim você sempre me lembrava quão boa eu era em tudo que fazia.

E para finalizar, agradeço às pessoas mais importantes desse trabalho, sem às quais nada disso seria possível, meus queridos egressos entrevistados: Thaysa, Joyci, Lilian, Raquel, Letícia, Iris, Monique, Leonardo, Rodrigo, Jonatas, Darius, Heliton e Jonas. A melhor parte da minha dissertação foi, sem dúvida alguma, contar as histórias de vocês, me emocionar a cada fala, conversa e encontro. Suas trajetórias são incríveis e sou muito grata por poder contá-las. Vivemos em um contexto no qual políticas públicas e direitos sociais estão sendo pdio. Espero que esse contexto mude e que tenhamos cada vez mais oportunidades educacionais para jovens de origem popular. Assim como vocês modificaram suas trajetórias através dos suportes dados por essas políticas públicas, espero que muitos mais possam ter o mesmo direito.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Muito obrigada.

RESUMO

BORGES, Yasmin de Moraes. **JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: AS TRAJETÓRIAS DE JOVENS EGRESSOS DO PROUNI.** Brasil, 2017, n° f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O presente estudo analisa as políticas públicas voltadas para a ampliação do acesso ao ensino superior, com foco no Programa *Universidade para Todos* (PROUNI), a partir de trajetórias de jovens egressos que narraram suas caminhadas educativas e vida na universidade. O objetivo foi olhar além das peças legislativas e compreender como oportunidades educacionais, através de diversos tipos de políticas, são capazes de modificar a trajetória de jovens de origem popular, que na maioria dos casos não conseguem alcançar esse nível de ensino. A hipótese é que o Programa atendeu às necessidades de jovens como uma determinada trajetória social, que geralmente tinha que combinar educação e trabalho. A conclusão é que a passagem desses jovens pela universidade lhes garantiu alguma mobilidade social, visível na carreira que trabalham, no maior consumo cultural e consciência cidadã.

Palavras-chave: Juventude, Políticas Públicas, Ensino Superior.

ABSTRACT

BORGES, Yasmin de Moraes. **YOUTH AND PUBLIC POLICIES OF ACCESS TO HIGHER EDUCATION: THE TRAJECTORIES OF EGRESS YOUNG PEOPLE OF PROUNI.** Brazil, 2017, n. F. Master thesis - Post-graduation in Education Program, Federal University of Rio de Janeiro State's, Rio de Janeiro, 2017.

This study analyzes policies aimed at expanding access to higher education, focusing on the Programa *Universidade para Todos* (ProUni), based on trajectories of egress young people who narrated their educational path and university life. The objective was to look beyond the legislative parts and understand how educational opportunities, through different types of policies, are able to modify the trajectory of young people of popular origin, who in most cases cannot reach this level of education in Brazil. The hypothesis is that the program met the needs of young people with a certain social trajectory, which generally used to combine education and work. The conclusion is that the passage through the university of those young people guaranteed them a social mobility visible in the career that they work, in the greater cultural consumption and citizen conscience.

Keywords: Youth, public policies, higher education.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1: Distribuição percentual dos bolsistas Prouni por faixa etária de 2005 a 2007.....	20
Tabela 2: Moradia, Idade, Raça e Sexo.....	35
Tabela 3: Trajetória na Escola Pública.....	36
Tabela 4: Perfil Universitário.....	40
Tabela 5: Perfil profissional e escolar dos Pais/Responsáveis e Irmãos.....	43
Gráfico 1: Escolaridade dos Pais/Responsáveis.....	46
Gráfico 2: Escolaridade dos Irmãos.....	48

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio	PROUNI – Programa Universidade para Todos
FESP – Fundo Emergencial de Solidariedade	PUC – Pontifícia Universidade Católica
FIES – Fundo de Financiamento Estudantil	Q.I. – Quociente de Inteligência
IES – Instituições de Ensino Superior	REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira	RJ – Rio de Janeiro
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada	SISPROUNI – Sistema do PROUNI
MBA – Master in Business Administration	SISU – Sistema de Seleção Unificada
MEC – Ministério da Educação e Cultura	TCU – Tribunal de Contas da União
MP – Medida Provisória	UCAM – Universidade Cândido Mendes
MP – Ministério Público	UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil	UF – Unidade Federativa
PL – Projeto de Lei	UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios	UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
PNE – Plano Nacional de Educação	UNIGRANRIO – Universidade do Grande Rio
PPA – Plano Plurianual	UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1	
POLÍTICAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E MOBILIDADE SOCIAL.....	17
1.1. Mobilidade Social e Educação no Brasil.....	22
1.1.1 – Mobilidade e Destino Social.....	24
1.1.2 – Oportunidades Educacionais.....	25
1.2. O Prouni como uma política pública de inclusão educacional.....	27
1.3. Questões Metodológicas.....	30
CAPÍTULO 2	
PERFIS E ESCOLARIDADE DO GRUPO FAMILIAR.....	34
2.1. Perfil dos Entrevistados.....	35
2.2. Visão dos entrevistados sobre a Escola Pública que cursaram e Perfil Universitário...36	
2.3. Escolaridade dos Pais/Responsáveis e Irmãos de Estudantes de Meios Populares.....41	
2.4. Escolaridade e Profissão dos Pais/Responsáveis.....43	
2.5. Escolaridade e Profissão dos Irmãos.....47	
CAPÍTULO 3	
TRAJETÓRIAS DOS EGRESSOS ENTREVISTADOS.....	51
3.1. Da Rocinha para PUC: uma questão política.....	52
3.2. O único dos irmãos a seguir uma trajetória escolar.....	58
3.3. PROUNI na conquista do sonho da profissão de sua vocação.....	62
3.4. PROUNI como meio de acesso ao ensino superior e ascensão social	65
3.5. A possibilidade de ingresso na PUC através do PROUNI	68

3.6. Mudança de vida através da formação superior	70
3.7. 14 anos fora da escola e um retorno de sucesso	73
3.8. O PROUNI como meio de acesso ao emprego público.....	76
3.9. Da Baixada Fluminense para a PUC: ampliando as perspectivas de vida.....	81

CAPÍTULO 4

DESCOBERTAS E PERSPECTIVAS.....	87
--	-----------

4.1. Justificando o Campo: a importância do estudo de trajetórias e biografias para a construção de produto científico.....	87
4.2. Educação como Meio Propulsor de Mobilidade Social e Ascensão Profissional.....	89
4.3. Uma Breve Discussão sobre a Relação da Política com os Incentivos ao Setor Privado.....	93
4.4. Descobertas.....	94

CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS....	98
---------------------------------------	-----------

Anexo I: Questionário Egressos do PROUNI: Vida antes da Universidade: Trajetórias dos Familiares e Trajetória Escolar.....	101
---	------------

Anexo II: Roteiro para entrevista – Egressos do PROUNI: Vida na Universidade.....	103
--	------------

Anexo III: Quadro Analítico Geral.....	105
---	------------

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de pesquisa realizada com jovens egressos do Programa *Universidade para Todos* (Prouni) no Rio de Janeiro, onde analisamos seu lugar no grupo familiar, trajetórias educacionais e vida na universidade, procurando estabelecer relações entre o acesso à universidade e um possível processo de mobilidade social. Interessa analisar o efeito que a passagem pela universidade teve sobre esses jovens que, como muitos estudantes de origem popular que se valeram do Prouni, não tinham na universidade um caminho natural para sua escolarização.

O que nos instigou nesta pesquisa foram as questões abertas pelo meu trabalho monográfico, intitulado “Prouni e Reuni no Contexto da Reforma Universitária do Governo Lula”, no qual analisei as políticas públicas de ensino superior criadas no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pesquisando os dispositivos legais, publicações sobre o tema. Porém, atendo-me mais às duas políticas – Prouni e Reuni. Realizei uma breve comparação entre os programas, tentando compreender a importância de ambos no contexto da reforma universitária. Ao finalizar a monografia, senti que o trabalho ficou demasiadamente teórico, com muitos dados que mostravam somente um lado do Prouni, focando muito na questão da privatização, transferência do dinheiro público para a esfera privada, precariedade do ensino ofertado pelas Instituições de Ensino Superior (IES) particulares, entre outros fatores que cercam a visão preponderante entre os pesquisadores que se voltaram para a análise deste Programa. Entretanto, tendo em vista se tratar de um trabalho monográfico, com tempo mais exíguo para elaboração, não cheguei a uma esfera fundamental que é se perguntar sobre os impactos do Prouni na vida de seus beneficiários, quais impactos foram estes e o que essa perspectiva avaliativa contribui nas discussões acerca da continuidade ou não do Programa.

O Prouni foi alvo de inúmeras críticas, inclusive por parte do Tribunal de Contas da União (TCU), que realizou, em 2009, uma auditoria que demonstrou diversas fraudes e problemas de gestão, presentes desde os primeiros anos do Programa, comprovados por monitoramentos realizados em 2011 e 2013. Não obstante, as considerações ao final dos trabalhos realizados pelo TCU não vão apontar no sentido de propor a extinção do Programa, mas sim pela sua otimização, principalmente em termos de gestão, reconhecendo a sua importância para a vida dos inúmeros beneficiários, sujeitos que, sem este suporte, dificilmente teriam acesso ao ensino superior.

Esta é, a meu ver, a questão central, ou seja, o Prouni foi, pelo volume de atendimento, o mais importante programa de acesso à universidade voltado para um público que, tradicionalmente, não teria conseguido cursar o ensino superior sem a existência de tal política governamental. O Prouni deve ser situado dentro de um momento do Estado brasileiro, que priorizou a ampliação do ensino superior por meio de um rol de políticas de inclusão de sujeitos usualmente à margem da universidade.

Por isso, é importante se perguntar: quem são os jovens egressos do Prouni? Ao responder essa questão, este estudo opta por analisar os efeitos das políticas públicas sobre os sujeitos, sem, porém, a pretensão de recobrir uma experiência tão ampla que abarcou mais de um milhão de indivíduos. Analisar um programa com tal amplitude não é algo simples e este estudo optou por fazer isso mergulhando na trajetória de um grupo de estudantes que teve no PROUNI um suporte fundamental para conseguirem cursar o ensino superior.

O capítulo 1 tem como objetivo localizar o Prouni em um ciclo mais amplo de políticas de inclusão para a juventude, que marcou o país a partir de 2005. Discute-se, ainda, a importância que a passagem pela universidade teve sobre a trajetória dos estudantes ouvidos nesta pesquisa. Adota-se o conceito de “mobilidade social” para descrever os efeitos da universidade na vida desses indivíduos, acreditando que tal impacto pode ser usado para se pensar a importância que o acesso ao nível superior tem para os jovens de origem popular, pois, geralmente, são os primeiros de seu grupo familiar a ter uma jornada educacional tão ampliada.

Para realizar a transição para a análise empírica, foi necessário colocar um apêndice metodológico ao final do capítulo, pois utilizei alguns aportes metodológicos específicos. Inicialmente, aplicou-se um questionário a um grupo de pouco mais de 20 egressos do Prouni. Destes, elegemos um grupo menor que correspondia – em sua maioria – aos que eram efetivamente jovens à época que cursaram o Programa. Em seguida, foi realizada uma entrevista em profundidade com nove sujeitos, que versava sobre sua família, sua trajetória educacional desde o ensino fundamental, seu período na universidade e situação atual. Pesquisas com egressos e valendo-se do complexo uso da memória requerem uma reflexão sobre seus alcances e limites.

O capítulo 2 aborda o efeito das políticas educacionais sobre a trajetória individual, valendo-se de dados coletados que buscaram localizar as especificidades da trajetória individual dentro de seu grupo familiar. Trata das memórias dos entrevistados sobre a escola pública que cursaram e localiza as instituições de ensino superior que acessaram através do PROUNI.

Valendo-se de um diálogo com autores da Sociologia da Educação contemporânea, busca levantar questões sobre as trajetórias de estudantes de origem popular, suas dificuldades mas, também, suas conquistas, que vêm garantindo a maior presença de sujeitos com esse perfil no ainda restrito sistema educacional superior brasileiro.

O capítulo 3 faz um aprofundamento em nove trajetórias de egressos do PROUNI entrevistados nesta pesquisa. Suas múltiplas caminhadas exemplificam as muitas possibilidades e percalços enfrentados por esses jovens em busca de alguma mobilidade social através da educação. Em síntese, visa demonstrar que uma mesma política pública representou um suporte necessário para estudantes que vinham de distintas situações de dificuldade para continuar estudando. Busca entender as trajetórias no bojo de um processo político mais amplo que teve na universidade uma instituição fundamental, legitimadora de um novo lugar social para esses sujeitos.

O capítulo 4 sintetiza algumas “descobertas” da pesquisa. A primeira, é que o Prouni não representou, como muitos pensam, um programa acessado por aqueles que não conseguiam ingressar em instituições públicas. Muitos estudantes optaram pelo Prouni em função de melhor localização, já que despesas com locomoção estão entre as principais causas de evasão de jovens com esse perfil das universidades públicas. Seguindo a sugestão de Abramo (2009), de certa forma, o Prouni “coube” na vida desses jovens, melhor do que outras opções disponíveis. A segunda, refere-se à necessidade de qualificar melhor o que chamamos de ampliação do “campo de possibilidades” (VELHO, 2003). Isso porque, a passagem pela universidade não é “mágica”, não abre caminhos fáceis e a mobilidade experimentada por esses sujeitos demonstra isso. Por isso, foi importante distinguir mobilidade de ascensão social. Ascensão se aproxima de processos mais profundos e radicais, como a saída da condição de extrema pobreza, por exemplo. Mobilidade diz respeito a se mover, mudar de posição, porém de forma mais contínua. O Prouni garantiu alguma mobilidade social a seus egressos.

Além disso, a reflexão sobre a importância do Prouni na vida desses sujeitos não vai contra o conjunto de estudos que mostram a menor qualidade da educação ofertada no âmbito do Programa, mas ajuda a entender a diferença entre uma avaliação mais geral de uma política e seu efeito sobre indivíduos concretos. O que explica uma aparente contradição, a de que em nível macro o Programa seja mal avaliado, mas que em nível micro percebam-se efeitos positivos sobre as trajetórias individuais. Avaliar programas como o Prouni implica considerar

as múltiplas dimensões de uma política, e optamos por ver os efeitos das políticas sob a percepção de seus sujeitos de direitos, os estudantes.

CAPÍTULO 1

POLÍTICAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E MOBILIDADE SOCIAL

Um número cada vez maior de indivíduos tem acessado o sistema educacional brasileiro, em seus diferentes níveis, e esse processo chegou também ao ensino superior. Mesmo o ensino médio, que apresentava situação dramática quanto ao acesso e permanência de jovens, vem alcançando números crescentes nas últimas décadas¹, também reflexo da política de correção do fluxo escolar. Este crescimento traz grandes desafios quanto à garantia de permanência dos jovens que ingressam nas escolas e quanto aos que conseguem terminar esse nível de formação. As políticas voltadas para a educação superior lidam, simultaneamente, com dois níveis de pressão, de um lado, o maior nível de jovens concluintes do ensino médio, e, de outro, a pressão dos mais velhos que não conseguiram ainda acessar à universidade. Isso faz com que a universidade seja também o lugar do jovem trabalhador. É deste perfil de jovem que trata este estudo.

Como chama atenção Cardoso (2008), o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego partiu de um diagnóstico segundo o qual os jovens se deparavam com “problemas específicos” visando inserção no mercado de trabalho, já que representavam quase a metade dos 7,7 milhões de desempregados do país. Com efeito, a partir desse diagnóstico emerge a percepção de que o Estado deve ter alguma intervenção para o enfrentamento desse problema social. Nesse sentido, a política viria para “estimular as empresas a oferecer vagas para pessoas nessa faixa etária”, a fim de enfrentar o desemprego juvenil.

Esta constatação vem na esteira de apontamentos do mesmo autor acerca da mudança estrutural no mercado de trabalho nas últimas décadas, trazendo à tona a saída da escola e a não entrada no mercado de trabalho:

“Primeiro porque, para a proporção crescente dos jovens, emprego e trabalho deixaram de ser alternativas excludentes. Uma proporção cada vez maior deles

¹ Destaque para a conquista da Educação Básica como um direito, através da Emenda Constitucional n°. 59/2009, onde vemos: Art. 1º Os incisos I e VII do art. 208 da Constituição Federal, passam a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 208.

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”

Ressalte-se ainda a meta número 3 (três) do PNE 2014/2024: universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezesete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento).

passou a estudar e trabalhar (...). Em segundo lugar, porque o desemprego, que atingiu 10% dos jovens de 18 anos em 2000, ganhou relevância como destino provável dos egressos do sistema escolar. Esse fato inaugura um novo cenário na transição, que já não pode ser chamada “da escola para o trabalho”. Agora, os jovens transitam da *escola para a força de trabalho*, não necessariamente empregada, ou para a inatividade pura e simples. (...) Ou seja, quanto mais cedo o jovem urbano deixou a escola em 2000, maior foi a probabilidade de que seu destino fosse o desemprego ou a inatividade.” (o autor não conta com os que nem trabalhavam nem estudavam, contando apenas com os que tendo deixado a escola estavam empregados ou procuravam emprego) (CARDOSO, 2010:277).

Como salienta o autor, esse é um dos nós que frustram muitas vidas, “truncando” as expectativas da juventude, não só no Brasil, mas também no mundo, sendo uma das características da condição juvenil contemporânea. Nesse cenário, a universidade pode responder como uma alternativa de qualificação para o ingresso mais vantajoso no mundo do trabalho. No caso dos jovens entrevistados nesta pesquisa, o trabalho já era uma realidade presente em suas vidas, mas visavam melhorarias profissionais, “subir na empresa” ou “ter uma carreira”, aspirações comuns na fase de transição para a vida adulta

“O que caracteriza o mundo contemporâneo é o fato de o desemprego juvenil retardar as trajetórias dos jovens, empurrando o emprego para cada vez mais tarde na biografia dos indivíduos², enfraquecendo com isso a coincidência entre vida adulta e independência financeira, com esta a responsabilidade pelo provimento de si e de sua própria família” (CARDOSO, 2008:571).

Consideramos que esta situação é complexa, sendo friccionada não só por estas constatações estruturais apontadas acima, mas por outros níveis e fenômenos que repercutem

² Esse aspecto biográfico também nutre uma bibliografia que só faz crescer, contudo não utilizaremos classificações a priori, mesmo por que nossos casos concretos dificultam a mobilização dessas classificações fechadas. Para discutir o tema conferir: Carlos A. Costa Ribeiro (2014) que se vale das (cinco) classificações (transições) propostas por KERCKHOFF (1990): (1) a saída das escolas, que prepara os jovens para a vida laboral e produtiva nas economias de mercado; (2) a entrada no mercado de trabalho, que marca o começo de uma carreira produtiva em algum setor de atividade econômica; (3) a saída da casa dos pais, que dá início a constituição de um domicílio independente; (4) o casamento, que significa a formação de uma nova família; e (5) o nascimento dos primeiros filhos, que possibilita a reprodução futura das famílias. (p. 11)

Conferir também FILARDO (2010), que olhando outra realidade, e mobilizando outros autores que se debruçam neste mesmo tema, nos diz: Dentro de las múltiples líneas de trabajo que abordan las trayectorias recorridas hacia la adultez — considerada como el período en que se desempeñan todos los roles que implican la integración social plena —, este documento se inscribe en la “sociología de las transiciones” (Casal, 1996; Casal et al., 2006; Stauber y Walther, 2001), que analiza los cambios de estados que procesan los individuos a lo largo del ciclo vital (...)En tal sentido, los momentos en que ocurren ciertos hitos vitales significados como de desempeño de roles adultos suponen transiciones a la adultez. Se consideran entonces cuatro eventos fundamentales: salida del sistema educativo, ingreso al mercado laboral, constitución de domicilio diferente al hogar de origen, inicio de la vida reproductiva (hijos).

na interação entre os indivíduos, seus desejos e escolhas. Concordando, nesse sentido, como o que aponta Velho:

“Essa problemática está presente nas bibliografias e trajetórias individuais. Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão.” (2003:532³)

O que, de certa forma, sintetiza e orienta este trabalho é que o Prouni foi uma importante política de inclusão, que teve impacto nas trajetórias dos indivíduos. Mais que isso: foi a principal política de acesso à universidade no Brasil, permitindo a chegada de um público até então ausente no ensino superior, bem simbólico e material de alto valor social. Por afetar sobretudo os jovens de origem popular, o tema nos aproxima da leitura de autores internacionais e nacionais que tratam de “trajetórias improváveis de sucesso” nos meios populares (Lahire, 1997; Silva, 2011). Como veremos, ambos destacam que o indivíduo projeta suas expectativas amparado em avaliações sobre a realidade. Isso confluiu para a noção de campo de possibilidades (VELHO), entendido como uma “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos”.

“Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades.” (2003:558)

O Prouni representou não só uma política de expansão do acesso ao ensino superior, mas impactou simbolicamente a representação da universidade como “sonho distante”. Isso mudou também seus projetos e possibilidades de vida, funcionando como um dos “eventos definitorios de las trayectorias futuras”, principalmente quando se fala de jovens este “periodo vital se ‘juega’ la integración social” (FILARDO, 2010: 6). Em suma, o PROUNI reconfigurou trajetórias que não tinham na educação superior uma possibilidade viável até então.

³ Refere-se a posição do livro no formato e-book (todas as citações Velho, 2003 se encontram no mesmo padrão).

Tabela 1 – Distribuição percentual dos bolsistas Prouni por faixa etária de 2005 a 2007 ⁴

Faixa etária	2005	2006	2007	Total
Até 17 anos	1,7	1,3	1,0	1,3
De 18 a 24 anos	86,1	72,8	68,3	74,7
De 25 a 30 anos	6,6	15,9	18,8	14,5
Mais de 30 anos	5,6	9,9	11,9	9,5
Total	100,0	100,00	100,00	100,00

Fonte: TCU - SisProuni/Micro dados Enem 2002, 2003, 2004, 2005, 2006.

Quando se olha para os dados acerca do acesso ao ensino superior no Brasil, depara-se com uma taxa baixa, para uma demanda que cresce a cada dia, principalmente em função do também crescente acesso ao ensino médio, bem como pela busca por qualificação profissional. Quanto à primeira variável, essa demanda advinda da educação básica, poderia ser ainda maior, não fossem os inúmeros problemas enfrentados – como abandono escolar e retenção escolar. No do trabalho, um mercado cada vez mais competitivo, numa sociedade cada vez mais complexa, coloca a busca por saberes especializados como uma condição, na busca por mobilidade e ascensão social.

Evidentemente, pode-se questionar se cabe exclusivamente à universidade este papel, eminentemente profissional, se esta é a missão para o qual historicamente fora criada, e se está dentro das suas funções. Sabemos hoje do crescente número de novas profissões e o abandono educacional em continentes, como a Europa, é uma realidade presente. No entanto, o Brasil vem de uma outra tradição. Aqui trata-se, ainda, de se garantir o direito à educação, sobretudo quando se fala em universidade, um direito que está longe de estar garantido aos grupos populares. Creio que ninguém questiona o fato de que todas as crianças devem ter acesso à escola. Porém, afirmar que todos, independentemente de sua condição, devem ter acesso à universidade já é alvo de muitos questionamentos. De imediato, aciona-se o discurso do “mérito”, cujas raízes sociais e econômicas são esquecidas, como já demonstrou Bourdieu.

Não serão estas perguntas que buscaremos responder aqui, ainda que nosso trabalho possa vir a contribuir para tais discussões. De passagem, apenas registramos, com Anísio Teixeira, que as universidades, dentro de suas grandes funções, “têm como objetivo preparar profissionais para as carreiras de base intelectual, científica e técnica. No Brasil foram

⁴ Foram utilizados dados até 2007 pois não encontramos nas bases utilizadas informações mais recentes. Observa-se que ao decorrer dos anos a taxa de idade foi aumentada, tempo de ingresso variável.

dominantemente isso” (TEIXEIRA, 2011). Questão amplamente estudada por Luiz Antônio Cunha, fazendo-o apontar este como um dos aspectos marcantes da formação do ensino superior no Brasil, podendo-se afirmar que existe a busca dos jovens por uma “compensação, no nível superior, de uma formação que não tiveram no básico” (CUNHA, 2007).

Uma questão do senso comum é que o Brasil estaria passando ou estaria na iminência de um apagão de mão de obra, mais especificamente de mão de obra qualificada. Em documento publicado pelo Ipea, no final de 2013, este problema, que estaria evidente, foi refutado. A pesquisa com base nas Pnads, abarcando as últimas duas décadas, entre outras questões acerca do mercado de trabalho brasileiro, buscou responder a esta questão de forma bastante direta, sintetizada na pergunta: há escassez de mão de obra qualificada? A resposta foi não, não existe escassez de mão de obra qualificada no Brasil, naturalmente que com algumas ressalvas.

“De um lado, a oferta – tanto relativa quanto absoluta – de trabalho qualificado vem aumentando quase que continuamente, especialmente na última década(...) os desempregados hoje são em sua maioria qualificados e não o contrário. Sendo assim, essas evidências sugerem que, se há escassez, é de mão de obra não-qualificada. Cabe notar, no entanto, que essa análise não elimina a possibilidade que setores específicos podem ter experimentado uma escassez de profissionais qualificados e especializados. Porém, este não é o cenário para o mercado de trabalho como um todo.” (IPEA, p.19)

Nos últimos vinte anos, período abarcado pela pesquisa do Ipea, houve um duplo movimento estrutural: primeiro, o aumento da educação como mecanismo de inserção ocupacional; segundo, a expansão do sistema educacional reduziu o valor das credenciais educacionais de todos os segmentos (CARDOSO, 2013). Isso no âmbito de uma análise puramente quantitativa, mas que torna mais intensa as expectativas em torno do acesso ao ensino superior.

De fato, as formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho brasileiro enfrentam dificuldades dada a complexidade deste, definido por Cardoso (2013) como “rarefeito”, com uma de suas marcas mais expressivas, do que comumente chama-se de mercado informal. O setor informal, ainda que imbricado no setor formal, é o destino de grande parte da força de trabalho jovem no Brasil, diplomada ou não. Muitas são as variáveis para se levar em conta na implicação desta inserção, da transição da escola para o trabalho (gênero, raça, etnia, imigração, classe social, regionalidade, família, etc.). E como todas essas variáveis se manifestam na realidade brasileira.

“Alguma noção de responsabilidade perante a pessoa que se está empregando e desta com relação à família que a emprega deve explicar ao menos parte do fato de que 45% dos ocupados (em sua maioria chegados ao emprego por relações pessoais) tinham até 24 anos de idade, sobretudo quando se sabe que jovens dessa idade eram apenas 18% do total de ocupados nas cidades em 2003, segundo a Pnad. O ambiente de regulação rarefeita parece ser uma importante porta de entrada dos jovens no mercado de trabalho, pela via das relações familiares pessoais” (CARDOSO, 2013: 60-61).

Todos os nossos entrevistados passaram por muitas dificuldades com os "custos" com que se deparavam, transporte (para os que ingressaram na universidade antes do passe livre para bolsistas), alimentação (considerando que as universidades providas – exceto a PUC – não contam com Restaurantes Universitários – conhecidos como bandejões), e material de estudos. O próprio Programa passou por modificações a fim de possibilitar a permanência dos ingressantes que não conseguiram bolsa integral, através do FIES⁵, complementando as bolsas de 50% e 25%. Cabe aqui olharmos mais detidamente para o desenho próprio do Prouni.

1.1. Mobilidade Social e Educação no Brasil

No Brasil, o direito à educação foi sempre pensado na lógica do privilégio e os avanços recentes – da universalização do ensino fundamental ao maior acesso de grupos populares à universidade – expressam o muito que ainda temos a construir para efetivar a educação como direito de todos, e não direito de classe. Inicialmente, a pergunta que mobilizava esta pesquisa era se a passagem pela universidade, por meio do Prouni, representou uma ascensão social para os estudantes egressos do Programa. Desdobrava-se em subtemas: está trabalhando na profissão em que se formou? Fez ou faz Pós-graduação? Percebe que seu padrão de vida melhorou? Porém, em pouco tempo, percebemos que a questão da ascensão social era maior do que a passagem pela universidade. Na verdade, esses estudantes do Prouni compunham, em boa parte, a chamada “Nova Classe Média” surgida na era Lula. Eram filhos, irmãos, pais, mães, mas que em sua diversidade se aproximavam muito do perfil desses grupos que ascenderam socialmente a partir das melhorias no salário mínimo, das políticas de transferência de renda, como o Bolsa-Família, da expansão das

⁵ O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação (MEC) destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores presenciais não gratuitos e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo MEC.

aposentadorias, inclusive para áreas rurais. Em suma, do notável processo de ascensão social ocorrido no país na primeira década dos anos 2000.

“Um dos acontecimentos mais importantes no Brasil das últimas décadas é o surgimento, ao lado da classe média tradicional, de uma segunda classe média. (...) essa nova classe média compõem-se de milhões de pessoas que lutam para abrir ou para manter pequenos empreendimentos ou para avançar dentro de empresas constituídas, que estudam à noite, que se filiam a novas igrejas e a novas associações, e que empunham uma cultura de autoajuda e de iniciativa.” (UNGER, 2010:17)

A possibilidade de ingressar na universidade era fruto desse processo e não o contrário. Sem dúvida, a passagem pela universidade era um elemento a mais nessa trajetória ascendente, sobretudo por visar um bem simbólico importante, como a universidade, que para os grupos populares ainda é vista como um sonho distante, raramente como direito.

“Mais do que o consumismo e o otimismo, o que caracteriza a nova classe média brasileira – para minha surpresa e talvez para sua – é o lado do produtor, leia-se educação e trabalho. Este é o lado brilhante da base da pirâmide.” (NERI, 2011:14)

Pensamos que a passagem pela universidade permitiu uma mobilidade social para esses egressos, pois consolidou a trajetória que vinham percorrendo, garantindo acesso a melhores empregos, melhoria de condições materiais e maior consumo cultural, marcadores clássicos da classe média tradicional. Nogueira (2002) chama atenção que conforme mudam as oportunidades educacionais, com o maior ingresso de jovens pobres na universidade, por exemplo, há a necessidade de se fazer investimentos que diferenciam e qualifiquem melhor os filhos da classe média, que passa a investir maciçamente em intercâmbios internacionais, visto ser esta possibilidade distante ainda para os grupos populares.

Portanto, foi necessário repensar o debate para situar agora o conceito de “mobilidade social”, como resultado da passagem desses jovens pela universidade:

“Para os jovens, a despeito da instabilidade social e econômica, o percurso de mobilidade social não pode ser visto apenas pelo nível educacional atingido e pela carreira profissional. A visão de mundo e os estilos de vida são fundamentais para compreender as opções realizadas nesse momento de vida, e implicam a inserção de cada um dos jovens nos diferentes mundos sociais e em diferentes redes de sociabilidade. Esse conjunto de fatores corresponde à posição relativa do indivíduo “ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital [...]” (Bourdieu, 1996, p. 27) e define um campo de possibilidades, dimensão sociocultural e espaço para formulação e implementação de projetos.” (BARROS, 2010:75)

Em que consistia essa mobilidade? Se moveram em que direção? Elegemos a relação com o mundo do trabalho como marcador essencial. Trabalhar na profissão na qual se formou era um critério importante de análise das trajetórias pesquisadas. Assim, foi necessário percorrer brevemente o debate que relaciona a construção da ideia de educação como direito e não destino social. O que foi feito de forma a auxiliar na discussão sobre mobilidade social de egressos do Prouni.

1.1.1 – Mobilidade e Destino Social

O sistema regular de educação brasileiro foi implantado a partir dos anos 1940 com o objetivo de preparar os brasileiros para uma melhor integração ao padrão urbano-industrial que ganhava força nesse período. A transição de uma economia agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial necessitava de uma população educada para o novo mundo do trabalho que se afirmava.

Nesse processo, coube às classes populares brasileiras a chamada Educação para o Trabalho, que preparava e aperfeiçoava a mão-de-obra eminentemente migrante e acostumada ao trabalho rural para o paradigma de trabalho fordista-taylorista; convencionou-se então chamar esse curso de técnico ou profissionalizantes, porquanto formava operários especializados para a indústria. Não cabe nenhum tipo de juízo de valor ou análise esquemática para dar conta do papel importante que tiveram os cursos de nível médio voltados para a profissionalização, visto ser inegável sua contribuição no processo de ascensão social de uma parcela dos trabalhadores que migravam para as cidades. É inegável, também, que tal ascensão era parcial, uma vez que iremos encontrar boa parte desses trabalhadores morando em favelas e nas periferias pobres das grandes cidades, já que os salários pagos nas indústrias, mesmo para aqueles mais qualificados, eram insuficientes para arcar com as despesas de alimentação e moradia. A solução encontrada por boa parte desses trabalhadores foi a ocupação de áreas e sua transformação em favelas ou bairros populares, de infraestrutura precária em termos de equipamentos sociais (escola, hospitais e lazer).

“Na melhor tradição teórica progressista, pode-se encontrar no Brasil dois excelentes estudos interpretativos dos fenômenos relacionados às grandes transformações da sociedade e à politização gerada pelos movimentos de ascensão social especialmente durante a década de 1970. Nessa época, o país conviveu com forte ritmo de expansão econômica, influenciado

fundamentalmente pelo dinamismo do setor industrial, que foi o responsável também pela geração de grande parte das ocupações trabalhistas, sobretudo as de maior remuneração. Concomitantemente, assistiu-se também à mobilidade de vários segmentos sociais, inclusive da maior parcela que provinha do meio rural. (...) Juntamente com as políticas de apoio às rendas na base da pirâmide social brasileira, (...) houve o fortalecimento das classes populares assentadas no trabalho.” (POCHMANN, 2011:8,10)

Já para as camadas sociais médias e altas, estava destinada a chamada Educação para a Cidadania, de caráter acadêmico e voltada para a formação dos quadros intelectuais, relacionados aos funcionários públicos e aos profissionais liberais, que tinham acesso aos melhores salários e aos trabalhos mais leves. Mais que diferentes processos educativos, essa separação delimitou também diferentes destinos sociais para as gerações de jovens oriundos dos espaços populares e das classes altas e médias. Os jovens mais pobres estavam destinados a ter, no máximo, acesso ao ensino médio, na modalidade supletivo, ou a algum tipo de curso profissionalizante.

1.1.2 – Oportunidades Educacionais

Sabemos que o fracasso escolar dos alunos pobres foi, ele próprio, alvo de um processo de naturalização. Assim, os problemas socioeconômicos típicos de famílias de baixa-renda, como pobreza, carência cultural, desajustes familiares etc. foram “álibis” que, de certa forma, justificaram, por um longo tempo, a falta de um maior investimento intelectual e afetivo dos professores em relação a esses alunos, que, a princípio, estavam destinados a fracassar. Como uma profecia que se auto realiza, o fracasso se reproduzia no interior da escola, fruto, em boa parte, da aceitação acrítica dos estereótipos que pesam sobre as classes populares.

Historicamente, a visão das classes dominantes no Brasil caminhou para a desqualificação moral das classes populares, vistas como sendo compostas por indivíduos potencialmente criminosos ou, no mínimo, como carentes ou excluídos; ambas as visões reforçaram a ideia de incapacidade e impossibilidade desses setores serem parceiros ativos na construção de um destino comum. As classes populares e os espaços onde habitavam (favelas e periferias) tornaram-se sinônimos de tudo o que deve ser combatido, foco de doenças e criminalidade. Neste sentido, a própria ideia de cidadania passou a ser um conjunto de valores e hábitos repartidos pelas classes dominantes, que não reconheciam assim nada de positivo no estilo de vida e na produção cultural das classes populares. Nesse contexto, o projeto de uma escola cidadã passa a reproduzir, também, os valores sociais

dominantes, onde a capacitação para o exercício da cidadania passa a ser uma adaptação aos estilos de vida dos grupos socialmente hegemônicos.

Ao se olhar as classes populares, a partir dos valores das classes dominantes, o resultado só poderia ser o que o autor denomina de paradigma da ausência, no qual os setores populares seriam definidos por aquilo que eles não têm, em termos materiais, culturais, intelectuais e, no limite, morais. O peso de tais concepções ideológicas se fizeram sentir na orientação das pesquisas e nas práticas pedagógicas voltadas para os setores populares, especialmente no que se refere às duas dimensões mais importantes do fracasso escolar: a repetência e a evasão.

Dentro dessa visão dominante, a repetência seria consequência de uma suposta incapacidade de aprender, generalizada nas classes populares, em que se destacam: as determinações de ordem biológica - Q.I. desenvolvimento cognitivo, emocional e motor; as determinações de ordem econômica - profissão dos pais, renda familiar, condições de vida material do grupo familiar; as determinações culturais – as formas de utilização da leitura e da escrita no cotidiano, o grau de racionalidade na organização das tarefas do dia-a-dia, as práticas linguísticas do grupo social, em relação ao investimento familiar na escolaridade.

Curiosamente, o debate brasileiro a respeito das desigualdades escolares a partir da década do 1990, quando essas reflexões afinadas com a Nova Sociologia da Educação ganharam mais força no país, acabou levando a criação de alguns efeitos perversos. Com efeito, vários pesquisadores, professores de instituições acadêmicas e mesmo técnicos governamentais identificaram e difundiram a visão de que os agentes das unidades escolares, principalmente os professores, eram os principais responsáveis pela exclusão precoce e, conseqüentemente, pela inoperância do sistema público de ensino. A maioria dos profissionais da rede pública experimentava a precarização continuada de suas condições de trabalho e de sua posição social. Ao mesmo tempo, era bombardeada por uma literatura educacional que enfatizava o fracasso do sistema escolar e dos professores em particular, no cumprimento de sua função social. Assim, a responsabilização passou do indivíduo ou grupo social para a instituição e para o profissional de ensino, sem a necessária mediação, capaz de tornar uma teoria numa forma de iluminar a realidade e não numa camisa de força que explica qualquer realidade sobre a qual recai.

Na mesma linha de argumentação, a evasão seria produto: do desinteresse das famílias pobres pela educação escolar; da necessidade de ingresso precoce das crianças no mercado

de trabalho. A própria escola acaba por explicar seus maus resultados a partir das carências familiares ou individuais de seus alunos; em outras palavras: a escola considera os grupos familiares de origem popular e até mesmo os alunos os principais responsáveis pelo fracasso obtido. Com isso, essa realidade é aceita por eles passivamente, pois eles próprios se reconhecem incompetentes para realizar todo o percurso escolar. As consequências dessa postura reproduzem e aprofundam a dominação de classe, conformando o ciclo ideológico de que falamos no início, pois abre caminho para a aceitação da subalternidade como destino social, aceitando-se, assim, o insucesso profissional, os baixos salários, as más condições de vida etc. Nesse sentido, o fracasso escolar mantém o circuito reprodutor da pobreza.

No entanto, cabe destacar, que é sob a influência dessa mesma literatura que atualmente se reafirma a necessidade de se pensar as práticas efetivadas no espaço escolar com as práticas afirmadas em outros espaços sociais. Esse caminho, ainda que recente, aponta para a busca de vínculos mais duradouros e complexos entre a sociedade, a escola, a política e a cultura como dimensões indissociáveis de um projeto de cidadania abrangente.

1.2. – O Prouni como uma Política Pública de Inclusão Educacional

O Programa Universidade para Todos – Prouni – foi inicialmente criado pela medida provisória 213, de 2004, editada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Tal medida, ocasionou a interrupção do Projeto de Lei (PL) nº. 3.582/2004, visto que esta lei tratava do mesmo assunto e, conseqüentemente, substituiu o projeto na criação do Programa. A própria utilização do recurso da Medida Provisória explicita este caráter emergencial da necessidade de se expandir o ensino superior⁶.

Vemos na Exposição de Motivos do PL nº. 3.582/2004, de forma cristalina, o argumento do Programa ser necessário devido ao aumento da demanda por ensino superior, e seu imediatismo em função das metas do Plano Nacional de Educação PNE data:

“Ocorre que o número de matrículas no ensino médio praticamente dobrou, de 5,7 milhões para 9,8 milhões entre 1998 e 2002, conforme dados do Censo da Educação Básica do INEP/MEC, sendo que o número de matrículas na 3ª série do ensino médio, de 1.274.933 em 1996, chegou a 2.239.544 em 2002. A consequência direta destes dados é o aumento da demanda pelo ensino superior. Por outro lado, nesse mesmo período, houve uma enorme expansão

⁶ Consta em nossa Constituição Federal: Art. 62. Em caso de relevância e urgência, o Presidente da República poderá adotar medidas provisórias, com força de lei, devendo submetê-las de imediato ao Congresso Nacional.

da rede privada de ensino superior. Das 1637 instituições de ensino superior contabilizadas no Brasil em 2002, de acordo com o censo do INEP/MEC, 1442 são privadas e 195 são públicas, totalizando uma oferta de vagas de 1.773.087. Não obstante, 37,5% das vagas em instituições privadas, o que corresponde a aproximadamente meio milhão, estão ociosas. Nas instituições de ensino público, a capacidade está muito mais bem aproveitada, com apenas 14.863 de vagas não preenchidas, o que corresponde a 5%⁷.

(...)

A meta proposta pelo Plano Nacional de Educação (PNE - Lei nº 10.172 de 06 de janeiro de 2001) é a de prover, até o final da década, educação superior para pelo menos 30% da população na faixa etária de 18 a 24 anos, **razão pela qual torna-se imperativo que tais medidas sejam adotadas imediatamente**, ampliando o número de bolsa de estudo para alunos de baixa renda (negritos nossos). ” (BRASIL, PL nº. 3.582/2004)

Com promulgação, em setembro de 2014, da Medida Provisória nº. 213/2004, após trâmite no Congresso Nacional, foi transformada na Lei nº. 11.096, em janeiro de 2005, quando foi sancionada, com vetos.

O Prouni é um programa do Ministério da Educação, criado pelo governo Lula no ano de 2004, devidamente institucionalizado com a Lei nº. 11.096/2005. Este programa concede bolsas de estudos integrais (cem por cento de desconto na mensalidade) ou parciais (cinquenta e vinte e cinco por cento de desconto) para alunos ingressantes no ensino superior privado, com ou sem fins lucrativos, em cursos de graduação, para que estudantes de camada social menos favorecida, que aqui denominamos de jovens de origem popular.

Para conseguir participar do processo seletivo o candidato deverá ter realizado a prova do ENEM e obter no mínimo 450 pontos na média nas notas do exame e não pode ter zerado a redação.

Os candidatos deverão ser cidadãos brasileiros que não possuam diploma de ensino superior, na qual o candidato deve comprovar uma renda mínima na família para que este possa se beneficiar do programa. Podem participar do programa alunos oriundos de escolas da rede pública ou da rede privada na condição de bolsistas integrais, que possuam renda de até um salário mínimo e meio para bolsas integrais e até três salários mínimos para bolsas de 50% ou 25%⁸, e, professores da rede pública (para cursos de licenciaturas), sendo que esta última categoria não necessita a comprovação da renda, as instituições integradas ao Prouni podem conceder até 10% de suas bolsas do programa a seus funcionários e/ou dependentes. O aluno deverá ainda não ter concluído nenhuma formação superior.

⁷ Note-se a diferença com relação a análise divulgada no PPA 2004-2007.

⁸ Art. 14. Terão prioridade na distribuição dos recursos disponíveis no Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES as instituições de direito privado que aderirem ao PROUNI na forma do art. 5º desta Lei ou adotarem as regras de seleção de estudantes bolsistas a que se refere o art. 11 desta Lei. (BRASIL, 2005)

Conforme estabelece a lei 11.096/2005, as bolsas são concedidas para indígenas, afrodescendentes e deficientes. Os benefícios não existem apenas para os alunos, sendo também a Instituição de Ensino Superior beneficiada. Estas instituições por sua vez ao aderirem ao programa serão beneficiadas com isenções fiscais, como imposto de renda das pessoas jurídicas, contribuição social sobre o lucro líquido, contribuição social para financiamento da seguridade social, contribuição para o programa de integração social, estes calculados a partir da proporção da ocupação efetiva das bolsas de estudo, ou seja, diversos tributos são isentos, quando as mesmas aderem ao Programa Universidade para todos.

“Art. 8º A instituição que aderir ao Prouni ficará isenta dos seguintes impostos e contribuições no período de vigência do termo de adesão: I - Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas; II - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido, instituída pela Lei nº 7.689, de 15 de dezembro de 1988; III - Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social, instituída pela Lei Complementar nº 70, de 30 de dezembro de 1991; e IV - Contribuição para o Programa de Integração Social, instituída pela Lei Complementar nº 7, de 7 de setembro de 1970. (BRASIL, 2012).”

Ressalta-se que o Prouni faz parte do projeto de Reforma Universitária brasileira, aumentando o acesso as Universidades, bem como ofertando, e conseqüentemente, trazendo grandes benefícios as Instituições de Educação Superior privadas.

Passada essa panorâmica pela situação da juventude em relação a sua transição para o mercado de trabalho, passando ou não pela Universidade, e pelo programa que deu oportunidade de terem essa experiência, também se qualificando para melhor (ou não) enfrentar o mercado de trabalho. Vamos observar o programa a partir dos que, geralmente, menos tem voz nas políticas públicas, são e foram seu público alvo e beneficiários.

“A análise da transição para outra etapa da vida em meio ao projeto de mobilidade social mostra um processo e uma disposição para ação semelhante e revela, ao mesmo tempo, as distinções internas a esse universo social, apontando para a pluralidade de experiências de vida e para interpretações distintas que homens e mulheres jovens constroem sobre sua trajetória de vida.” (BARROS, 2010:90)

O sentido da criação da política pública do Prouni se deu devido a grande massa de egressos do ensino médio, que saíam da escola e não conseguiam ingressar nas faculdades públicas e nem se inserir no mercado de trabalho. Essa política foi criada visando sanar o déficit das vagas nas universidades públicas, já que uma quantidade reduzida de egressos da escola pública conseguia chegar a este nível de ensino. Com a criação do Prouni, muitos jovens que nunca

vislumbraram sua entrada no ensino superior devido a vários fatores – distância, prova do vestibular, escassez de vagas, necessidade de se inserir no mercado de trabalho, entre outros – começaram a enxergar em sua trajetória aquela realidade antes tão distante do seu entorno e grupo familiar. O Prouni surgiu no rol das políticas públicas num período crucial, oferecendo oportunidade a milhões de jovens de origem popular de atingirem uma mobilidade social através da educação.

1.3. – Questões Metodológicas

A partir das trajetórias dos estudantes que havia conhecido na época do trabalho monográfico, pude observar, por meio de seus relatos, que o Prouni foi imprescindível para garantir sua formação universitária. Através de conversas informais sobre o tema, a maioria dos egressos relatou a dificuldade de ingresso e, principalmente, de permanência, com qualidade, em universidades públicas, seja pela grande concorrência nos processos seletivos, seja pela localização das instituições, alimentação, material didático, alguns cursos são em horário integral, o que impossibilita a permanência do estudante-trabalhador. Assim, o fato de a universidade ser pública e em princípio gratuita não impede que operem diversos outros fatores que sua possibilidade de permanecer, levando que alguns deles nem sequer tentem ingressar em universidades públicas.

Por isso, o ponto de partida desta pesquisa foi aprofundar esse processo de escuta sobre as trajetórias dos egressos do Prouni. Pesquisas no campo da Memória Social nos alertam sobre as dificuldades inerentes à rememoração das trajetórias individuais, pois a memória não é capaz de recuperar no passado a vivência na sua pureza, ou seja, a memória é acionada no presente, visando lembrar fatos do passado, mas com vistas aos projetos de futuro que os indivíduos possuem. Esse trânsito entre passado, presente e futuro “contamina” a memória e tende a que os entrevistados busquem no passado aspectos que tem a ver com sua visão atual de mundo e, mais do que isso, que tem relação com seus projetos de futuro. Portanto, o processo de entrevista foi complexo, pois ao mesmo tempo em que devia ter atenção a um roteiro pré-determinado, havia um subtexto que tinha que ter atenção, justamente em relação a esse “uso” da memória, que às vezes tende a distorcer eventos importantes das trajetórias individuais.

Ao iniciar esta pesquisa, enfrentei o desafio que enfrentam todos que fazem pesquisa com egressos: localizar os sujeitos e, mais que isso, fazer com que respondessem às minhas indagações. Uma pesquisa com egressos tem, portanto, uma primeira grande dificuldade, pois

o pesquisador não possui uma base para encontrar seus colaboradores, tem que buscar através de suas redes, e de pessoas próximas, contatos com os possíveis perfis a serem estudados. Em nossa pesquisa não foi diferente, na época da monografia cheguei a sondar com alguns amigos, o que na época eram apenas curiosidades, mas sem nada formal e concreto, ao elaborar o projeto de mestrado comecei a estreitar estas redes e estabelecer os diálogos com mais seriedade, já pensando nos rumos da pesquisa.

Utilizamos a metodologia chamada de “Bola de Neve”, que significa basicamente usar sua rede de relações para acionar os informantes desejados. E classificada dentre as técnicas de amostra não probabilística, uma vez que a escolha dos indivíduos a serem entrevistados depende da indicação de uma “rede de referências”, ou seja, um amigo sugere outro amigo que, por sua vez, indica outro e assim por diante (Martins, 2004). Ao contrário de amostras probabilísticas, onde o que importa é ter uma amostra que represente a diversidade estatística da população, o que é feito pela eleição aleatória de indivíduos, com base em modelos estatísticos, aqui a grande lacuna era a população. Onde encontrá-los? Importa menos o perfil aleatório da amostra e mais a constituição da amostra em si mesma, visto que os participantes certamente guardam afinidades entre si, pois participam de uma mesma, ainda que ampliada, rede social.

Uma vez definida uma amostra inicial de 22 egressos, a primeira fase do nosso trabalho de campo consistiu na elaboração de um questionário para traçar o perfil desses estudantes egressos, de seus pais/responsáveis e irmãos, além da sua trajetória escolar. Este questionário foi enviado a eles através da plataforma do Google formulário (Google docs). Após conseguirmos reunir os egressos necessários para dar início ao trabalho de campo nos deparamos com mais dificuldades. Ao enviar o questionário para os egressos, levamos mais de três meses para receber todos de volta, mesmo sendo possível respondê-lo pelo computador, smartphone, tablet, tivemos que entrar em contato com os entrevistados inúmeras vezes para conseguir que eles nos retornassem o questionário respondido. É importante tratar disso, visto que a pesquisa muitas vezes parece algo mágico, feito no conforto de seu computador, mas o cotidiano impõe dificuldades que certamente impactam o resultado final.

A mesma dificuldade ocorreu na fase do campo relativa às entrevistas, uma vez que dependia da disponibilidade dos egressos. Ao todo, conseguimos que 13, dos 22, nos concedessem entrevistas. Ao final, selecionamos nove para a construção final do trabalho. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na residência dos egressos, visando maior conforto e comodidade destes. Isso, porém, tomou um tempo considerável devido à necessidade de deslocamentos para diversas partes da cidade. O que, por outro lado, trouxe outros elementos

interessantes para nossa análise, principalmente no que diz respeito de visualizarmos um dos aspectos fundamentais para dimensionar as condições objetivas a que estavam submetidos durante suas passagens pela universidade, a questão da *mobilidade urbana* pela cidade.

“De forma geral, podemos conceituar mobilidade urbana como sendo um atributo relacionado aos deslocamentos realizados pelos indivíduos em suas atividades de estudo, trabalho, lazer e outras nas áreas urbanas. Sob essa ótica, fica evidente o papel central das cidades, como locus das diversas relações de troca de bens e serviços, cultura e conhecimento entre seus habitantes, o que só é viável se atendidas as condições mínimas adequadas de mobilidade para a população.” (PERO e STEFANELLI, 2015:370)

Devido à proximidade do tema – jovens pobres na universidade – este trabalho foi muito influenciado pela leitura do livro de Jailson Souza Silva, “Por que uns e não outros? Caminhadas de Jovens da Maré rumo à Universidade”, pois seu trabalho, lançado em 2007, foi um marco importante na discussão sobre o “sucesso dos improváveis” no Brasil. De um lado, rompeu com a ênfase dada ao fracasso escolar das classes populares ao buscar ver trajetórias de sucesso e, de outro, abriu a possibilidade de compreender que, assim como o fracasso, o sucesso educacional é influenciado por múltiplas variáveis. Nesse sentido, usando quase como “espelho” a metodologia de trajetórias de vida feitas pelo autor com 11 indivíduos da Maré, também de sua rede de relações, buscamos ver nesses nove entrevistados as múltiplas trajetórias que marcaram sua passagem pela universidade.

Outros autores contribuíram de forma relevante, como Adalberto Cardoso trouxe uma visão sobre a relação dos jovens com o mercado de trabalho e o desemprego; Gilberto Velho com o conceito de campo de possibilidades; Anísio Teixeira e Luiz Antônio Cunha trazendo a luz as discussões sobre o papel da universidade; Nadir Zago contribuindo para pensarmos a relação desses indivíduos com a escola que cursaram; Elsa Teixeira mostrando como a influência da mãe no papel educativo é importante para o sucesso escolar dos filhos; Paulo Carrano, Andrea Marinho, Viviane Oliveira, Enid Silva, Débora Macedo e Marina Figueiredo trazendo a discussão acerca de homens e mulheres jovens egressos do ensino médio e sua relação com o mercado de trabalho; Márcio da Costa com a relação das influências escolares e não-escolares e sua incidência na trajetória dos indivíduos; Pierre Bourdieu e Bernard Lahire no que tange ao efeito de ações externas em indivíduos imersos no contexto de desigualdade, no qual seres improváveis conseguem de alguma forma reverter o quadro em que se encontra, Lahire ainda nos fala sobre a influência da família nessa relação. Além disso, foram utilizados documentos oficiais que tratam do tema: auditorias e monitoramentos do Tribunal de Contas da União, IPEA, SISPROUNI, lei 11.096/2005, Plano Nacional de Educação, Plano Plurianual (2004-

2007), entre outros. Essas referências foram importantes para levantar questões que ajudavam a interrogar os informantes sobre diferentes ângulos de suas trajetórias que, no capítulo seguinte, vais percorrer suas trajetórias escolares e a escolaridade do grupo familiar.

CAPÍTULO 2

PERFIS E ESCOLARIDADE DO GRUPO FAMILIAR

Neste capítulo, traçaremos um perfil educacional dos egressos do Prouni que foram sujeitos desta pesquisa, com ênfase em sua escolaridade e de seu grupo familiar. Trabalhamos com a hipótese de que é possível estabelecer relações entre desempenho escolar e a maior ou menor relevância atribuída à educação para o núcleo familiar, traduzido em termos de sua participação, incentivo e suporte que contribuam para que os indivíduos possam ter uma trajetória educacional expandida. Seguindo pistas levantadas pela bibliografia que aborda a relação escola/família, é dada uma grande importância para o envolvimento da mãe para com a educação dos filhos, sua participação nos auxílios as tarefas escolares etc. Teixeira (2010) destaca que nos “processos que contribuem para compreender o sucesso escolar”, importa “a importância da leitura precoce; cálculo racional do percurso escolar dos filhos e disposições familiares ascéticas; ordem moral doméstica de rigor, valorização do estudo e trabalho escolar, acompanhamento do trabalho escolar, valorizando a autorregulação; estilo de educação contratualista e papel fulcral da figura feminina (mãe)”. A valorização do espaço da escola e da figura do professor também se mostraram como fatores preponderantes para alcançar o sucesso escolar.

Diversos autores já chamaram atenção para esse aspecto, sobretudo a partir da influência da obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que destacou a importância da construção de um *habitus*, isto é, do que autor definiu como “um sistema de disposições estruturadas” que orienta a ação prática dos sujeitos sociais. Nesse sentido, a família teria um papel preponderante na construção deste *habitus*, na medida em que constrói as disposições que tornam o ambiente escolar familiar, na sua disciplina, disposição para os estudos, investimento educacional etc.

“Os *habitus* individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.” (SETTON, 2002:65)

As perguntas iniciais foram: quem são os sujeitos desta pesquisa? Onde moravam, estudavam? Como foi sua jornada? Buscou-se levantar informações que pudessem reconstituir essas trajetórias. A seguir, apresentamos os principais marcadores do perfil desses indivíduos.

2.1. Perfil dos entrevistados

Tabela 2 – Moradia, Idade, Raça e Sexo⁹

	Moradia		Idade atual	Raça	Sexo
	Antiga	Atual			
Tatiana	Rocinha	Jacarepaguá	27	Branco	Feminino
Daniel	Bangu	Bangu	27	Pardo	Masculino
Renata	Riachuelo	Riachuelo	30	Pardo	Feminino
Luiza	Riachuelo	Riachuelo	31	Pardo	Feminino
Ricardo	Riachuelo	Del Castilho	29	Preto	Masculino
João	Pavuna	Pavuna	30	Pardo	Masculino
Hugo	Bangu	Bangu	42	Pardo	Masculino
Liliane	Inhaúma	Inhaúma	28	Preto	Feminino
Juliana	São João de Meriti	Jacarepaguá	27	Branco	Feminino

Analisando a raça dos participantes, fica claro que o perfil principal dos egressos entrevistados é negro, isto é pretos (2) e pardos (5). Como nossa pesquisa contempla somente bolsistas do estado do Rio de Janeiro, todos os egressos são naturais do estado do RJ e somente um deles advindo de outro município – São João de Meriti – na Baixada Fluminense.

Uma questão que incluímos foi a religião dos entrevistados, um dado não disponibilizado pelo SisProuni¹⁰, mas que acreditamos ser de extrema importância para traçarmos o perfil dos egressos estudados em nosso trabalho. Observamos que a maior parte dos participantes são católicos (6), seguidos dos espíritas (2) e religiões afro-brasileiras (1). Não contabilizamos nenhum evangélico, agnóstico ou de outras religiões que não constavam em nosso questionário.

O estado civil predominante entre os participantes é o de solteiro (6), seguido da união estável (2) e casados (1). Devido à predominância do estado civil solteiro e à pouca idade da maioria dos entrevistados, a quantidade de egressos que responderam que não possuem filhos não foi uma surpresa. Somente um participante declarou ter um filho.

No próximo item, iremos nos aprofundar nas questões relativas à fase da vida escolar dos participantes, sua relação com a comunidade escolar, percepções sobre a escola pública frequentada por eles, apoio da família etc.

⁹ Nomes fantasia.

¹⁰ O sistema do Prouni (Sisprouni) inclui todos os bolsistas do Prouni e nesse sistema informatizado é onde estão armazenadas todas as informações e dados sobre as instituições participantes e estudantes bolsistas cadastrados no Programa de Universidade para Todos (Prouni).

2.2. Visão dos entrevistados sobre a escola pública que cursaram e perfil universitário

Tabela 3 – Trajetória na Escola Pública

	Educação Básica
Tatiana	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Daniel	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Renata	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens. Fundamental cursados em escola particular, os demais anos de escolaridade no setor público de ensino. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Luiza	Escola particular até o 7º ano, a partir do 8º ano cursou no ensino público. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Ricardo	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens. Fundamental no setor privado, os demais anos de escolaridade cursados na escola pública. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
João	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Hugo	Escola pública, nunca houve retenção, interrompeu os estudos no 8º ano, ficou fora da escola por 14 anos.
Liliane	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens. Fundamental cursados em escola particular, os demais anos de escolaridade no setor público de ensino. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.
Juliana	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.

Para ser beneficiário do programa o aluno necessita ter cursado ao menos o ensino médio em escola pública ou em escola particular na condição de bolsista integral. Logo, os resultados em relação à instituição de ensino, pública ou privada, não foram uma surpresa para nós, que já esperávamos uma maioria oriunda da escola pública. Entretanto, dos nove entrevistados, quatro deles cursaram a educação infantil e o primeiro segmento do ensino fundamental na escola privada, o que acreditam ter feito diferença em sua formação, constatamos a seguir:

“A diferença foi brusca de sair de um colégio particular e ir para um colégio público, foi absurda, eu senti muito, o ensino é totalmente diferente, não era tão puxado como era no colégio particular, matérias que estavam dando na sétima série eu já havia visto no colégio particular. Foi muita diferença, muita diferença mesmo! Eu via nitidamente a diferença no ensino de um colégio particular para um colégio público, principalmente municipal, no estado era melhor, completamente melhor, eu estudei no Central do Brasil, não sei como está hoje, mas na época era um dos melhores colégios estaduais do Rio, o colégio era muito bom mesmo, mas o município deixava muito a desejar, os professores falavam que no colégio municipal ninguém ficava reprovado” (Luiza)

“Quando eu cheguei na sexta série na escola pública eu tinha colegas que não sabiam ler, aquilo me assustava porque eu não estava acostumada com isso” (Renata)

“O nível é extremamente baixo, depois que eu fui para a escola pública praticamente não precisei estudar, o segundo grau foi um pouco mais puxado por ser escola técnica, mas da quinta série até a oitava eu praticamente não estudei” (Ricardo)

“Quando eu fui para a escola pública o conteúdo que eu vi na sexta série eu já tinha estudado na quinta série no particular, eu estava adiantada nesse sentido” (Liliane)

A relação dos jovens com a escola é de suma importância, pois nesse espaço se iniciam as primeiras aspirações em relação ao futuro, principalmente no que diz respeito às suas perspectivas de prosseguimento aos níveis de ensino mais elevados, fortemente ligadas às suas aspirações profissionais. Pesquisas mostram que a percepção do aluno sobre a escola influencia diretamente em suas escolhas futuras de continuidade dos estudos ou escolha das profissões. As influências não-escolares se tornam marcantes nas trajetórias destes sujeitos, que encontram em espaços como a igreja, grupo de amigos, irmãos, namorado/a, influências que os direcionaram ao meio educacional, a mudanças no estilo de vida, ao anseio em *mudar de vida*, desejos bastante observados entre os entrevistados. Como sintetiza COSTA:

“Há diversas possibilidades de trajetórias que condicionariam a valorização atribuída à educação escolar. Condicionalmente no plano das oportunidades escolares, suas características particulares e experiências vividas são muito importantes no valor atribuído por cada um à escola. Outras influências não-escolares, mas a elas associadas, como as representações sobre a escola presente nos meios dos quais se torna, ou o ‘estilo de vida’, devem ser também relevantes.” (2006:136)

Outro ponto a ser destacado foi a trajetória escolar de sucesso dos egressos, já que a maioria absoluta não ficou retido em nenhuma série da educação básica. Entretanto, um entrevistado mencionou que já interrompeu os estudos, o que mostra que apesar da não retenção, teve que se ausentar da escola, chamando a atenção o tempo que permaneceu fora desta.

“Eu interrompi meus estudos para trabalhar, na época não existia essa fatura que tem hoje de escolas noturnas e não davam vaga para quem tinha treze anos, quando eu fiquei mais velho não consegui vaga. Hoje em dia até na igreja você consegue fazer o ensino fundamental, é muito mais fácil, naquela época era tudo mais difícil.” (Hugo)

Essa situação se enquadra no que a pesquisa de CARRANO, MARINHO E OLIVEIRA apresenta:

Apesar de trabalhar e estudar simultaneamente se constituir em obstáculo na trajetória escolar, no grupo estudado o fenômeno não parece estar associado mais diretamente às reprovações mas, sim, ao abandono (Carrano; Marinho; Oliveira, 2015, p. 1445).

Ainda que não se encaixe totalmente no que aqueles pesquisadores encontraram na relação trabalho abandono escolar, o caso que trazemos aqui poderia se inserir no escopo dos que estão fora da significância estatística:

“Nos experimentos com a variável de abandono no ensino médio obteve-se como fortes preditores a variável: ter filhos e ter trabalhado. Em abandono no ensino médio os números apontam significância estatística apenas para a variável ter filhos” (Carrano; Marinho; Oliveira, 2015, p. 1448-1449).

Pelas trajetórias analisadas, observou-se nas falas de alguns egressos, que o Prouni funcionava também como alternativa, uma espécie de compensação de uma má formação no ensino básico pelo ensino superior:

“O Prouni é muito importante em relação as políticas públicas porque ele gera oportunidades para as pessoas que vem do ensino público e não tem condições de entrar em uma faculdade pública, que querendo ou não são as melhores que tem no país, de concorrer de igual pra igual com outra pessoa no mercado, é a oportunidade para muitas pessoas, não é porque a pessoa vem de baixo e não tem grana que não vai conseguir passar para a faculdade pública, mas são poucos, a maioria tem que trabalhar e estudar, então fica mais difícil e o Prouni dá essa oportunidade, gera mais vagas e caso ele não consiga numa pública pode ir pra particular, se formar, ter uma condição melhor, ter um curso superior, fazer uma pós-graduação. É uma política pública que seria fundamental que continuasse, e eu espero que continue. Enquanto as escolas públicas não oferecerem um ensino de qualidade e o jovem não puder só estudar, enquanto o jovem tiver que sair para trabalhar e estudar ele perde na concorrência na hora de fazer uma prova, e as universidades públicas não tem vaga para todo mundo, e o Prouni veio para abrir portas nas faculdades particulares. Enquanto um aluno não puder entrar no pré-escolar, fazer um ensino fundamental e um ensino médio de qualidade, sem precisar trabalhar, para ter condições de brigar, aí pode até ser que acabe, mas hoje não chegamos neste patamar. ” (Hugo)

A fala do egresso instiga a pensar sobre a desigualdade de oportunidades no sistema escolar, visto que menciona a dura disputa no acesso a uma faculdade pública, vista como uma realidade distante para os jovens de origem popular devido a inúmeros aspectos como escola de origem,

condições socioeconômicas, incentivo familiar e escolar, carreiras restritas, entre outros. Bourdieu nos traz uma discussão semelhante ao que tange analisar esta desigualdade:

“Sabe-se, com efeito, que às oportunidades objetivas diferentes correspondem sistemas de atitudes diferentes relativas à Escola e à ascensão social pela Escola: mesmo se elas não são o objetivo de uma estimativa consciente, as oportunidades escolares, cuja expressão pode ser percebida intuitivamente no grupo a que se pertence (vizinhança ou grupo de iguais), por exemplo sob as características concretas do número de indivíduos conhecidos que ainda estão sendo escolarizados ou que já estão no trabalho numa idade determinada, contribuem para determinar a imagem social dos estudos superiores, que está de algum modo objetivamente inscrita num tipo determinado de condição social; segundo a maneira pela qual o acesso ao ensino superior é encarado coletivamente, mesmo de uma maneira difusa, como sendo um futuro impossível, possível, provável, normal ou banal, registra-se a variação de conduta das famílias e dos alunos (e em particular sua conduta e seu êxito na Escola), que tende a se pautar pelo que é ‘razoavelmente’ permitido esperar.” (2013:259)

Continuamos a discussão acrescentando a oferta de cursos para os jovens de origem popular, oriundos da escola pública, como de baixo valor social e pouca estrutura universitária, as políticas públicas existentes para remediar esta desigualdade histórica acabam perpetuando em outros aspectos na medida que um determinado público da elite educacional e socioeconômica é encaminhado para os cursos de alto valor social, enquanto para os demais restam as vagas em cursos pouco disputados.

“(…) pode-se considerar que o ligeiro crescimento das oportunidades dos alunos originários das classes populares de ascender à universidade foi de qualquer forma compensado por um reforço dos mecanismos que tendem a relegar os sobreviventes a certas faculdades (...) a evolução da estrutura das oportunidades de acesso a um nível e a um tipo determinado de ensino, o que constitui talvez a lei fundamental da transformação das relações entre o sistema de ensino e a estrutura das classes sociais: tomando por unidade o estudante, e abstraindo a posição que o estabelecimento ou a trilha de opção ocupam na hierarquia patente ou dissimulada da instituição escolar, deixa-se escapar o duplo privilégio resultando do fato de que as categorias que possuem as mais fortes chances de ascender a um nível dado de ensino têm também as oportunidades mais fortes de ascender aos estabelecimentos, às seções e às disciplinas que se ligam às mais fortes oportunidades de êxito posterior, tanto escolar quanto social.” (Bourdieu, 2013:265)

Para sintetizar a trajetória universitária dos egressos entrevistados, segue um quadro analítico:

Tabela 4 – Perfil Universitário

	Instituição	Credenciamento	Curso	Turno	Idade ao entrar na faculdade
Tatiana	PUC	Universidade	Pedagogia	Manhã	18
Daniel	Estácio	Universidade	Administração	Noite	21
Renata	Estácio	Universidade	Pedagogia	Noite	19
Luiza	Mackenzie	Faculdade	Administração	Noite	20
Ricardo	PUC	Universidade	Sistemas de Informação	Noite	18
João	Estácio	Universidade	Direito	Noite	19
Hugo	Castelo Branco	Universidade	Ciências Contábeis	Noite	35
Liliane	Unigranrio	Universidade	Pedagogia	Noite	18
Juliana	PUC	Universidade	Pedagogia	Integral	18

O que nos chamou mais atenção foi que quase todos os egressos cursaram a faculdade no turno da noite (7), uma pessoa no turno da manhã e outra no período integral. Este dado reforça que o perfil dos alunos participantes de nossa pesquisa é um perfil de aluno trabalhador, que mesmo com a bolsa precisa trabalhar durante o dia para custear suas despesas com os estudos e, muitas vezes, ajudar e/ou sustentar a casa. A maioria dos entrevistados foi aluno do curso de Pedagogia (4), em segundo administração (2) e por último Sistemas de Informação (1) e Ciências Contábeis (1). Observamos novamente o já exposto no item acima, juntamente com a fala de Bourdieu, que os cursos escolhidos requererem pouca estrutura universitária e baixo custo para a universidade. Entendemos que a rede de relações acaba por limitar a amostra, trazendo pouca variedade de cursos para análise, ainda assim, acreditamos ser um ponto importante a ser destacado.

Após o ingresso, surge um aspecto dramático para as jovens de origem popular, não basta conseguir acessar o ensino superior, pois o difícil é permanecer. Essa questão que aparece desde o início do programa:

“Uma limitação que pode ser observada é quanto à permanência dos beneficiários nos cursos, pois, outras despesas como transporte, livro didático ou alimentação não estão contempladas na bolsa e nem todos têm acesso à bolsa permanência (...) Segundo dados do SisProuni, no período de 2005 a 1º/2008, evadiram do programa 9.496 bolsistas, uma média de 2,8% do número de bolsas concedidas por semestre. No mesmo período, 54.84436 bolsas foram encerradas pelos mais diversos motivos (...) Esse número representa 14,2% do total de bolsas concedidas até o final do primeiro semestre de 2008” (TCU, p.52-53).

É importante ressaltar que a trajetória da família influencia muito na trajetória escolar dos egressos, tema apontado por vários estudos, de que em famílias grandes os irmãos mais novos possuem maiores oportunidades e facilidades de acesso aos estudos em decorrência dos irmãos mais velhos os “puxarem” para o caminho da educação, já que, na maioria das vezes, os pais das famílias de camadas populares não tiveram oportunidades de acesso à escola, dificultando ainda mais que seus filhos primogênitos pudessem ter tal acesso. Em alguns casos, estes têm inclusive que abandonar a escola para se inserir no mercado de trabalho precocemente, como iremos verificar em uma das trajetórias analisadas neste trabalho.

2.3. Escolaridade dos pais/responsáveis e irmãos de estudantes de meios populares ¹¹

Se as trajetórias que estamos explorando em nosso trabalho estão sendo por nós considerada como de sucesso, grande parte da responsabilidade por essa possibilidade de chegar ao ensino superior de forma menos truncada possível, deve-se à influência da família de nossos entrevistados. Não por acaso, os trabalhos que pesquisam trajetórias escolares exploram largamente esse aspecto familiar na formação dos indivíduos e do caminho por eles trilhados. Segundo Lahire:

“Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o ‘fracasso’ ou o ‘sucesso’ escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra.” (1997:19)

Tal formação, encontra-se fortemente influenciada pelo aspecto material, como expõe Carrano; Marinho; Oliveira:

“Esse cenário de debilidade econômica, que se reproduz dentro da própria família, tende a incidir negativamente sobre a disponibilidade de dedicação exclusiva do jovem à vida escolar”. (2015, p. 1444)

Tamanha é a força das condições familiares que:

¹¹ É importante ressaltar que os entrevistados Renata, Luiza e Ricardo são irmãos, logo suas análises em relação à família são bem semelhantes. Também é interessante observar os desdobramentos das trajetórias de vida de cada um deles e suas percepções de mundo através das inúmeras experiências distintas vivenciadas por eles. Utilizar três irmãos em nossa análise contribui para que possamos observar que a influência da família é sim de suma importância, porém não é determinante.

“Em relação ao atraso escolar, duas variáveis dominam estatísticas em educação: escolaridade dos pais e números de irmãos.” (Idem)

Essa mesma condição não repercute só na vida escolar, mas também na entrada no mundo do trabalho – tanto pela necessidade de trabalho precocemente, como pelas repercussões na formação escolar com inúmeras dificuldades -, como colocam CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA:

“Estar dentro de uma família numerosa também pode influenciar o jovem a entrar no mercado de trabalho cedo, já que a renda não é suficiente para manter todos os integrantes da casa”. (Ibidem)

Os mesmos autores, contudo, chamam a atenção, citando o estudo de BARBOSA (2009)¹², que não está apenas no aspecto material a influência da família, tão pouco sendo determinada por esta, sofrendo muito do chamado *clima familiar*, explicitando que:

“É nesse sentido que a influência das famílias no desempenho escolar dos filhos não pode ser considerada como puro reflexo de uma condição material, econômica ou de estágio de mobilidade escolar. As análises necessitam combinar as dimensões do material-objetivo e do simbólico-cultural.” (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 1446.)

Considerando tamanha importância na vida dos indivíduos e observamos com cuidado essa questão com relação aos nossos entrevistados, tanto pelo, como já dissemos, importante papel das famílias para as trajetórias de sucesso, como pela superação em alguns casos de situações desestruturadas ou conturbadas.

“A escola é uma prioridade na gestão do cotidiano, traduzida pela ambição e determinação de vencer. O cruzamento dessas dimensões (práticas educativas e vontade de sucesso) é fator essencial para o sucesso escolar.” (ZAGO, 2000:72)

Começamos pelo quadro abaixo, com a composição e colocação profissional dos familiares de nossos entrevistados.

¹² BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. Desigualdade e desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

Tabela 5 – Perfil profissional e escolar dos Pais/Responsáveis e Irmãos

	Pais/Responsáveis	Irmãos
Tatiana	Mãe manicure e pai garçom – ambos com 2º Segmento do Ens. Fundamental Completo.	Irmã professora e doutoranda, irmão técnico em análises clínicas e cursando Ens. Superior.
Daniel	Pai falecido – Ens. Médio Completo – e mãe dona de casa – Superior Incompleto.	Irmão 1 pedreiro e irmão 2 cabeleireiro, ambos com Ens. Médio incompleto.
Renata	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã analista de finanças e irmão 1 coordenador de planejamento, ambos pós-graduados em sua área. Irmão 2 cursando o Ens. Superior.
Luiza	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã professora, cursando pós-graduação, irmão 1 coordenador de planejamento pós-graduado e irmão 2 cursando o Ens. Superior.
Ricardo	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã 1 analista de finanças pós-graduada, irmã 2 professora, cursando pós-graduação e irmão cursando o Ens. Superior.
João	Mãe dona de casa – Ens. Médio incompleto – e pai aposentado concluiu o ensino médio.	Irmão 1 Militar – Superior completo –, irmã vendedora – Ensino médio completo – e irmão 2 menor impúbere.
Hugo	Pai e mãe falecidos, ambos concluíram o Ens. Médio.	Irmão administrador concluiu o ensino superior, irmã 1 não alfabetizada (Portadora de Necessidades Especiais) e irmã 2 dona de casa, concluiu o ensino médio.
Liliane	Pai gráfico com formação técnica e mãe agente de pessoal do município, concluiu o ensino superior.	Irmã desempregada, concluiu o ensino superior.
Juliana	Pai aposentado – 1º segmento do ensino fundamental incompleto – e mãe autônoma completou o 1º segmento do ensino fundamental.	Irmão desempregado, concluiu o ensino médio.

2.4 - Escolaridade e profissão dos pais/responsáveis

Discutir a escolaridade dos pais/responsáveis dos nossos entrevistados é de suma importância para que possamos compreender o processo educativo.

“A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos

jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para a vida adulta e a mobilidade de classe. Para o jovem, a continuidade dos estudos no nível superior representa um esforço para conquista de sua autonomia e independência frente à família em uma conjuntura que lhe não oferece garantias de continuidade desses mesmos projetos de vida. O trabalho dirigido para o duplo movimento de transição de situação de classe e de idade implica, por sua vez, um constante questionamento de si mesmo, uma avaliação sempre renovada sobre a viabilidade do projeto e sobre o desejo ou não de mantê-lo.” (BARROS, 2010:73)

Temos um dado bastante motivador quase todos os entrevistados tiveram participação dos pais/responsáveis em sua educação, o que nos mostra que prevalece nas camadas populares a preocupação em direcionar os filhos nos caminhos da educação, entendido por eles na maioria das vezes como a única forma de ascensão social. Outro dado que nos chama atenção é a predominância da mãe como pessoa que exerceu papel educativo em sua criação. Este dado pode nos levar a pensar na questão da mãe como pessoa que esteve mais presente no lar da família, muitas abandonam os estudos e/ou a vida profissional para que possam se dedicar a família e a criação dos filhos – como chegamos a abordar no capítulo anterior.

“Meu pai foi meu exemplo, ele era funcionário público, auxiliar administrativo da prefeitura, mas sempre tentava tirar um dinheiro por fora, de forma informal, sempre trabalhou muito. Minha mãe era técnica de contabilidade, chegou a cursar administração durante um tempo, mas trancou a faculdade e não voltou mais, depois que ela foi mãe parou de trabalhar, optou por ficar em casa e ser mãe” (Daniel)

“Meus pais sempre sentaram com a gente para estudar, eles sabiam que a gente tinha dificuldade, tanto meu pai quanto minha mãe faziam questionários e sentavam mesmo para estudar, não deixavam a gente estudando sozinho, nunca pensaram em contratar explicadora, sempre eram eles que estudavam com a gente, então eu acho que isso facilitou muito, os pais participando é totalmente diferente na vida da criança, a gente sempre teve a presença dos dois na vida escolar” (Luiza)

“Meus pais se esforçavam muito para manter três crianças na escola particular, procurando sempre oferecer o melhor ensino, aí quando não teve jeito mesmo, as condições ficaram bem complicadas a gente teve que ir para a escola pública, mas mesmo assim eles sempre cobraram, principalmente minha mãe sempre sentou com a gente para estudar, cobrava boas notas, isso sempre foi importante para a gente, esse incentivo foi muito importante” (Renata)

“Meus pais não tem escolaridade, meu pai estudou até a 2ª série e minha mãe até a 5ª série, eu nunca tive explicadora e depois da 3ª série meus pais não sabiam mais ensinar meu dever, mas tinham a preocupação de me colocar para estudar, fazer o dever de casa, ler livros, eles valorizaram a educação, sempre me falaram que a gente tá

onde tá porque a gente não estudou, os dois começaram a trabalhar ainda crianças e não tiveram oportunidade de estudar, tiveram que largar a escola muito cedo para ajudar dentro de casa e aí eles sempre falavam comigo e com meu irmão que a gente só ia conseguir mudar de vida, já que a gente não precisava trabalhar criança como eles, se a gente se dedicasse e estudasse, para pobre outra maneira não tem, ou você estuda para conseguir algo melhor ou continua na bolha que você vive. Eu levei isso muito a sério na minha vida e sigo até hoje, meus pais sempre valorizaram muito a importância do estudar” (Juliana)

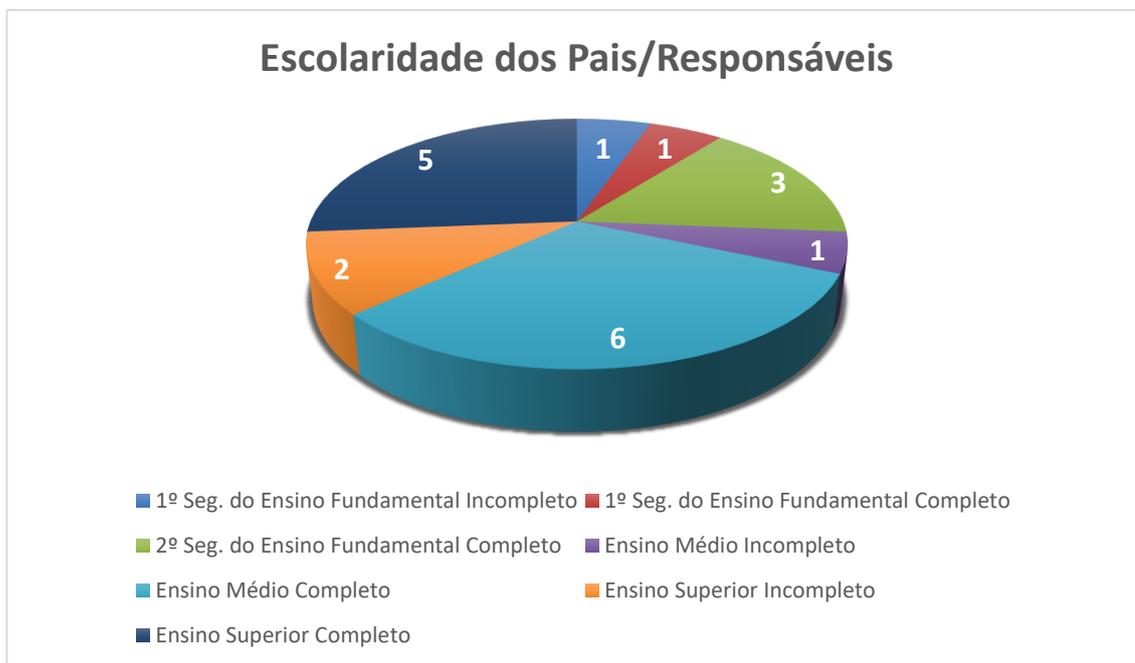
“Minha mãe, pela história de vida dela, sempre falava que eu e minha irmã tínhamos que ter uma profissão, uma renda e não depender de ninguém, eu acho que o grande desejo dela é que a gente fosse independente para não precisar ficar dependendo de marido ou deles mesmo. Ela tem nível superior, meu pai não, então ela sempre influenciou mais a gente, pela preocupação em relação a independência da mulher e a vivência dela na faculdade. ” (Liliane)

Após a análise dos dados relativos aos pais/responsáveis, fica claro o incentivo e exigência em relação à escolaridade dos filhos. Alguns desses pais sequer concluíram a educação básica, mas tinham a consciência da importância dos estudos para o futuro de seus filhos. A grande influência da mãe é recorrente nas entrevistas, assim como a pouca presença de explicadoras, professores particulares, sendo assim a figura materna a principal responsável por realizar a função de cobrar responsabilidade, dedicação, ainda que as condições para auxiliar nos exercícios fossem reduzidas. Algumas mulheres, inclusive, deixaram sua vida laboral para que fosse possível se dedicar exclusivamente aos filhos, sobretudo à sua educação. Tais relatos vão ao encontro do que fala Silva (2011):

*“A presença cotidiana das mães no seio familiar, principalmente quando aliada a uma forte personalidade, contribuiu para que elas se tornassem as principais artífices da trajetória escolar dos filhos – fato já verificado em inúmeras pesquisas. Porém, a base material desse apoio era fornecida, em geral, pelo pai. Assim, havia aparentemente uma clara divisão dos papéis, cabendo à mãe as responsabilidades diretamente relacionadas à atividade escolar: preparar o material escolar, conduzir a criança à escola, participar das reuniões, conseguir a *explicadora* e atividades análogas” (SILVA, 2011:111)*

Os egressos dessa pesquisa são advindos de famílias de origem popular, com pais/responsáveis que não tiveram grandes oportunidades de acesso à escola e trabalhando em profissões que não requerem alta qualificação. A escolaridade dos pais/responsáveis dos entrevistados é bastante variada, porém a maioria chegou ao ensino médio e 1 completou o ensino superior. A maioria dos entrevistados mencionou pai ou mãe como pessoas que

exerceram influência em sua educação, somente um colocou a figura da avó como participante do processo educativo. A seguir, a distribuição da escolaridade dos pais:



A presença na formação escolar dos filhos nos aproxima do que expõe Teixeira:

“De facto, a frustração das ambições escolares dos pais, impedidos, quando jovens, de prosseguir os estudos, por dificuldades financeiras, permite transferir para os filhos o desejo de uma escolaridade prolongada. (...) Lahire (1995) conclui que não há correspondência linear e directa entre o capital escolar dos pais e o sucesso académico dos filhos, uma vez que este depende da configuração familiar na qual os indivíduos se inserem. Na descrição de tais configurações familiares, o autor estudou as formas familiares de cultura escrita, também referida por Laurens (1992), as condições e disposições económicas (cálculo racional do percurso escolar dos filhos e disposições ascéticas), ordem moral doméstica e modos familiares de investimento pedagógico, referindo ainda o papel fulcral da figura feminina. (...). Também se verificou que a frustração das ambições escolares dos pais, por dificuldades financeiras, funciona como alavanca para o sucesso dos/as filhos/as, através da transferência de ambições falhadas e sacrifícios dos pais, que vivem o seu sonho através dos filhos, o que permite compreender este fenómeno como parte da trajectória familiar geracional.” (2010:380)

A profissão dos pais/responsáveis também é importante para traçar o perfil do egresso. Muitos dos entrevistados mencionaram a dificuldade dos pais em mantê-los somente estudando, devido aos custos com material escolar, locomoção, alimentação, etc. As profissões paternas/maternas citadas são bastante variadas: Modelista, Cozinheira, Autônomo, Manicure, Garçom, Agente de Pessoal e Gráfico. A maioria das profissões mencionadas pelos participantes revela que os pais não tiveram muitas oportunidades educacionais e isto se refletiu nas escolhas de suas profissões. Como já mencionado anteriormente pelos autores estudados, a situação escolar/acadêmica/financeira dos pais se reflete na trajetória dos filhos como uma espécie de *alavanca*, impulsionando-os a seguir cada vez mais, mesmo em trajetórias de pais/responsáveis sem grandes oportunidades educacionais.

2.5 - Escolaridade e profissão dos irmãos

Analisar a trajetória dos irmãos também é importante e nos diz muito sobre a trajetória dos entrevistados. Em algumas famílias, os irmãos são os principais responsáveis por encaminhar os demais para o processo educativo, principalmente quando os pais/responsáveis não tiveram oportunidades escolares. Segundo ZAGO:

“Evidentemente existem variações nos resultados escolares mas pôde-se verificar que os casos de uma escolarização mais extensa são também aqueles que apresentaram, ao longo do percurso, desempenho mais favorável. (...) O desenvolvimento escolar dos filhos apresenta certas diferenças: enquanto o mais velho, segundo a mãe, estuda sem sua interferência e tem melhores resultados nas avaliações, os dois menores são menos envolvidos com os estudos. (...). Do mesmo modo que em relação à escola, a avaliação que faz sobre o fracasso escolar não é unilateral. As razões atribuídas às dificuldades escolares não são voltadas unicamente para os filhos. Suas observações demonstram uma tendência a encorajar o sucesso e não o fracasso escolar.” (2000:75)

Analisando a trajetória educacional e profissional dos irmãos mencionados¹³, podemos observar que a maioria dos irmãos dos entrevistados possuem trajetórias educacionais de sucesso, estando inseridos no processo educacional e apresentando elevado nível de escolarização, somente dois deles não são alfabetizados – uma é portadora de necessidades especiais e o outro ainda não se encontra em idade escolar – como podemos observar no gráfico abaixo:

¹³ Ressaltamos, novamente, que os entrevistados Renata, Luiza e Ricardo são irmãos, viveram na mesma casa e vislumbraram oportunidades educacionais bem parecidas.

Escolaridade dos Irmãos



Em relação à profissão dos irmãos, encontramos nos resultados do questionário diversos tipos de atividades que exigem maior qualificação educacional, por exemplo: administradores (3), professores (3) e estudantes (3). O que nos mostra que nas famílias dos egressos participantes há uma preocupação em relação à educação de todos, e que a trajetória de sucesso analisada não se constitui em exceção, mas sim numa marca do grupo familiar em processo de ascensão social. Temos também uma diversidade de profissões e atividades de cada um dos irmãos mencionados na pesquisa: militar (1), vendedor (1), técnico em análises clínicas (1), dona de casa (1), pedreiro (1) e cabeleireiro (1). Contamos, ainda, com dois irmãos que não foram classificados, um deles é menor impúbere, não se encontrando em idade escolar, e outra é portadora de necessidades especiais, nunca tendo frequentado a escola ou se inserido no mercado de trabalho. Segundo Lahire:

“Parte dos perfis culturais dissonantes explica-se por situações de mobilidade social (o indivíduo não tem a mesma posição social dos pais), escolar (o indivíduo não tem o mesmo nível escolar dos pais ou aumentou seu próprio capital escolar por ter retomado os estudos) ou profissional (o indivíduo mudou de posição na hierarquia profissional). Se tais mobilidades, pequenas ou grandes, muitas vezes se traduzem por uma heterogeneidade das práticas e preferências culturais do ponto de vista de seu grau de legitimidade, é porque os indivíduos que tiveram essa experiência ocuparam posições diferentes nas hierarquias social, cultural ou profissional e, por isso, frequentaram ambientes socializadores ou agentes socializadores variados. Conviveram ou confrontaram-se com registros culturais diferentes dos que conheciam anteriormente e, por esse motivo, conservam em si, sob a forma de disposições mais ou menos fortes, os vestígios do conjunto dessas experiências socializadoras heterogêneas, por vezes até nitidamente contraditórias” (2007:802).

Pudemos observar que as trajetórias dos irmãos são bem diversificadas. Alguns autores mostram dois vieses em relação à escolaridade de irmãos: na primeira situação, o irmão mais velho atinge um alto nível de escolaridade e direciona os mais novos como um exemplo da possibilidade de conquista através da educação; a segunda situação é quando os irmãos mais velhos, sem oportunidades de alcançar um alto nível de escolaridade, por se inserir no mercado de trabalho precocemente, possibilitam que os mais novos se dediquem exclusivamente a escola e não interrompam os estudos para a atividade laboral, tornando assim possível que os mais novos atinjam maiores níveis de escolaridade. Observamos de acordo com os relatos das entrevistas a diversidade de trajetórias dos irmãos dos entrevistados e trouxemos os dois casos em que a trajetória de sucesso dos egressos entrevistados não influenciou a trajetória dos irmãos:

“Meus irmãos nem terminaram o ensino médio, por falta de interesse mesmo, eu já procurei me esforçar mais e também tinha uma cabeça diferente. Eles até trabalham de maneira informal, mas é algo esporádico, nenhum dos dois tem carteira assinada. Acesso eles tiveram, mas não tiveram interesse mesmo” (Daniel)

“Meu irmão é dois anos mais novo que eu, enquanto eu sempre coloquei meus estudos como meu foco e minha meta, ele sempre pensou mais em trabalhar e conseguir retorno imediato. No segundo ano do ensino médio ele largou a escola, faltando muito pouco para terminar, para poder trabalhar, ficou anos sem se preocupar com isso, achava que a escola não servia para nada. Só quando ele arrumou um emprego de carteira assinada ele percebeu que sem estudo ele nunca seria promovido a gerente no lugar que trabalhava, aí ele começou a se preocupar, só o choque de não conseguir emprego de carteira assinada por não ter o ensino médio fez ele correr atrás, aí ele fez o ENEM e conseguiu a certificação. Ele chegou a se matricular numa faculdade a distância depois de muita insistência minha, mas quando viu que ia ter de pagar, ‘perder dinheiro’ e estudar largou, disse que estudar não é para ele”. (Juliana)

A proximidade entre o perfil dos irmãos dos egressos do Prouni reforça a hipótese inicial de que o grupo familiar já vinha experimentando um processo de ascensão social. A passagem pelo Programa certamente foi uma oportunidade relevante para continuidade dessa tendência na medida em que garantiu também alguma mobilidade aos entrevistados. A importância dada à educação pelo grupo também está de acordo com aquilo que a literatura vem indicando ser o comportamento das *novas classes médias*, sobretudo daquelas frações mais próximas dos grupos populares, que recentemente ascenderam ao padrão de vida das classes médias.

Nogueira e Nogueira (2002), analisando a obra de Bourdieu, lembram que o autor considerava essa adesão à escola, vista como instituição fundamental da sociedade, um comportamento típico das classes médias, que tenderiam a investir na escolarização de seus filhos, uma vez que possuíam chances objetivas de sucesso escolar e profissional. Isso levaria, inclusive, à renúncia de gastos com supérfluos para investir em educação, no que o sociólogo francês chamava de *ascetismo*, sacrifício na renúncia em passeios e compras para suprir necessidades educacionais (cursos de línguas estrangeiras, por exemplo). Outra estratégia desses grupos, apontada por Bourdieu e analisada por Nogueira e Nogueira (2002), diz respeito ao que classificou de *boa vontade cultural*, visível no reconhecimento e aceitação da cultura erudita e em investimentos para adquiri-la, como a ida a exposições, livrarias e museus. Se considerarmos que os grupos familiares dos egressos se enquadram dentro daquilo que denominamos inicialmente de “Novas Classes Médias”, isto é, grupos mais populares que ascenderam recentemente a um melhor padrão de vida, tais marcadores de classe adquirem grande relevância.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS DOS EGRESSOS ENTREVISTADOS ¹⁴

Este capítulo reflete sobre a inserção desta dissertação de mestrado no campo das pesquisas recentes sobre juventude, especialmente sobre os novos sujeitos no ensino superior, dos quais os egressos do Prouni são um exemplo. Tentamos assim estabelecer essa *ponte entre os níveis micro e macro*, traçar os *mapas* de análise deste estudo e mostrar o quão importante vem se tornando a pesquisa a partir de biografias e trajetórias. Há sempre o risco de se perder na riqueza dos detalhes das biografias – desafios, conquistas, decepções – que podem turvar a visão da conjuntura onde essas trajetórias se desenrolam.

No caso do tema abordado nesta dissertação – jovens em processo de ascensão, oriundos de escola pública, no ensino superior – após uma pequena busca em artigos, livros, documentos legais, constataremos que a maioria dos temas abordados são voltados para o fracasso, evasão, entre outros temas semelhantes. Bem distinta da perspectiva apresentada neste trabalho. No entanto, abordar o seu sucesso não significava desconhecer os problemas apontados pelos muitos críticos do Prouni, de que oferecia uma formação de pior qualidade a preços altos para o governo federal que, assim, mais uma vez, estaria subsidiando a educação superior privada, já majoritária no país. Ao centrar o foco de análise nos indivíduos não desconhecemos esses aspectos da conjuntura, do cenário onde esses sujeitos se movimentavam, mas dissecar a estrutura do ensino superior brasileiro não era, efetivamente, o objetivo do trabalho. Optamos por olhar o sujeito e os efeitos de uma política pública sobre sua trajetória educacional. Em outras palavras, poderíamos perguntar: qual a importância do Prouni para as trajetórias educacionais desses sujeitos?

Conhecer essas histórias e torná-las um produto científico é socialmente relevante e fundamental para ressaltar a importância da oferta de suportes, por parte do Estado, na forma de políticas públicas, que sejam relevantes nas jornadas da juventude.

“Os objetos estudados e as perspectivas teóricas mais utilizadas levaram inevitavelmente ao uso crescente de histórias de vidas, biografias e trajetórias individuais. Dessa forma, os indivíduos, na sua singularidade, também se tornaram matéria da antropologia, à medida que eram percebidos como sujeitos de uma ação social constituída a partir de redes de significados. Em lugar de considerar os indivíduos como determinados por instâncias

¹⁴ Optamos por não identificar os egressos entrevistados neste trabalho.

englobantes anteriores, passava-se a estudá-los como intérpretes de mapas e códigos socioculturais, enfatizando-se uma visão dinâmica da sociedade e procurando-se estabelecer ponte entre os níveis micro e macro” (VELHO, 2003:16)

O contato com cada experiência citada neste trabalho, seja de egressos amigos, conhecidos ou daqueles que passei a conhecer, modificou minha visão de mundo, e principalmente, ampliou minha visão acerca da educação e das políticas públicas. Transformei minha rede de amigos e conhecidos em meu objeto de pesquisa, e toda curiosidade e vontade de transformar suas histórias em produção científica, ir além do que já foi estudado anteriormente me trouxeram até aqui.

“Na verdade, transformei parte significativa de minha rede de relações sociais em objeto de pesquisa, em um movimento um tanto heterodoxo para os padrões tradicionais da antropologia. Portanto, eu já possuía um tipo de conhecimento e de informação apreciável sobre parte do universo que me propus a investigar.” (VELHO, 2003:15)

O objetivo foi dar, na medida do possível, voz aos entrevistados, contando suas trajetórias escolares, familiares, acadêmicas, profissionais, entre outros temas abordados, como forma de resgatar momentos essenciais de suas trajetórias. Somente com os recortes isolados das falas o efeito não seria o mesmo, assim creio ser possível conhecer nossos sujeitos e compreender a trajetória de cada um deles, comprovando o que foi dito sobre a importância de trazer o estudo com biografia e trajetórias para analisar as exceções, os casos pouco prováveis. As trajetórias dos jovens egressos do Prouni são exemplos para os inúmeros conceitos trabalhados ao longo desse trabalho.

3.1. Tatiana - Da rocinha para à PUC: uma questão política

“Eu conseguiria ter feito a faculdade em outra universidade, como falei cheguei a passar em outras, mas o Prouni me proporcionou estar dentro de uma universidade privada, de grande nome, com um aprendizado muito bom, que oferece um ensino muito bom, e é financiamento público, de alguma maneira eu estava também dentro do público na universidade privada, e ele também me proporcionou um aprendizado diferente. A estrutura que eu encontrei na PUC, uma universidade que é privada, estando como bolsista do Prouni, talvez não tivesse encontrado em outro lugar. A gente sabe que a universidade pública é boa em relação ao ensino, mas as condições não são lá essas coisas, a gente sabe que deixa a desejar em muitos sentidos, por exemplo, eu estou fazendo mestrado no público e eu não recebo bolsa, eu não recebo

nenhum incentivo para continuar estudando, com o Prouni eu pude me manter porque a faculdade me oferecia condições lá dentro, é diferente. **Tem a questão também de estar dentro de um espaço que você sabe que é um espaço da elite, você está ocupando um espaço que você sabe que não deveria estar ali, mas você está porque é um programa do governo e você está financiado de alguma maneira por aquele programa e você tem o direito de estar ali, o PROUNI me deu o direito de estar ali, se não fosse ele eu não estaria ali, eu não conseguiria pagar uma universidade como a PUC e hoje eu tenho um diploma da PUC, no meu diploma está escrito ‘aluna PROUNI’ e isso me dá muito orgulho, eu estava lá dentro, é uma forma de eu me colocar como uma pessoa que estava lá dentro, que conseguiu se colocar numa universidade daquele porte através de uma política pública, eu fiz parte desta história.” (grifos nossos)**

A entrevistada tem vinte e sete anos e cursou Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), na condição de bolsista do Prouni. Entretanto, a entrevistada chegou a prestar vestibular para as faculdades públicas e foi aprovada, inclusive se matriculou na UFRJ, mas o desejo de estar na PUC permaneceu e ela não desistiu. Além da proximidade da sua residência na época – ela morava na favela da Rocinha, Zona Sul do RJ – ela sabia da existência de um programa de bolsas na PUC, já que seu namorado estudava lá na condição de bolsista, eram bolsas oferecidas pela própria universidade. Sabendo desta possibilidade, ela se matriculou na universidade para tentar ter acesso a uma das bolsas oferecidas, aí surgiu o Prouni, após sua entrada na PUC e a incerteza da bolsa fornecida pela universidade, o Prouni veio no momento certo para possibilitar a permanência dela em uma universidade de prestígio, quando conseguiu ser contemplada pela bolsa, a entrevistada abandonou seu curso de pedagogia pela UFRJ.

“Eu fiz o ENEM no final do ensino médio, mas não consegui uma nota tão boa para ser chamada de primeira, eu achei que nem fosse ser chamada, já tinha até esquecido do Prouni, porque eu fui muito bem na redação, mas na prova não fui tão bem, só que na segunda chamada eu entrei. A incerteza era tão grande que eu cheguei a fazer matrícula na UFRJ, depois cancelei para dar a vaga para outra pessoa. O PROUNI foi a certeza de poder continuar naquela faculdade (a PUC).”

Quando entrou na faculdade suas visões acerca do ensino superior eram mais voltadas a sua profissionalização, cursar uma boa faculdade para estar à frente no mercado de trabalho, e a PUC lhe proporcionaria isso. Além da bolsa, que ela recebera através da política pública do

Prouni, a PUC tinha um programa de bolsa permanência para os alunos bolsistas, garantindo transporte, alimentação e material didático (xerox e impressão) – diferente das demais faculdades citadas neste estudo – a bolsa FESP¹⁵ faz a diferença na trajetória universitária dos alunos da PUC, garantindo a permanência destes na instituição. Fato confirmado pela entrevistada, que relata não ter tido dificuldades em cursar a faculdade devido a bolsa FESP e a bolsa de iniciação científica conseguida logo no início da faculdade.

“Minhas expectativas em relação a universidade foram atendidas, quando eu me formei sabia que estava pronta para o mercado de trabalho, até além do mercado na verdade, eu senti que eu estava pronta para começar minha vida profissional e estava segura.”

A entrevistada nunca sofreu discriminação por ser bolsista do Prouni em uma faculdade elitizada, mas esta não era uma regra de todos os cursos, em sua turma só haviam dois alunos pagantes, nos cursos de maior valor social ela acredita que havia discriminação, sendo que a maioria das bolsas eram destinadas aos cursos da área de humanas, no qual há pouca procura por matrículas na PUC. A estrutura da faculdade também era diferente em relação aos cursos, tudo era muito bom, mas a entrevistada relata a diferença em relação aos cursos de alto valor social e os da área de Ciências Humanas.

“A PUC é muito misturada, até essa questão de classes sociais, esse enriquecimento a gente lá vivencia, e a universidade em si me proporcionou muitas coisas bacanas, eu vivi a universidade. As pessoas sempre falam sobre isso, a gente entra querendo se especializar, entrar no mercado de trabalho e quando você chega lá vê que é muito mais que isso, muito mais do que a gente pensava, amplia o mundo e a PUC com certeza me proporcionou isso, eu fiz viagens, conheci outras pessoas, as aulas não eram só nas salas, nós saíamos muito, fazíamos vários encontros, a universidade ampliou muito minha percepção de mundo. Na minha turma tinha um caso que destoava muito, uma menina que vinha do Alto Leblon, eu da favela, outra de Nova Iguaçu, da favela de Belford Roxo, e o contraste era muito grande, já fizemos trabalho na casa dela uma vez e era outra realidade perto da nossa, completamente diferente.”

Após sua formação, a entrevistada ingressou imediatamente no mercado de trabalho, sendo convocada para todas as escolas em que deixou currículo, além de ter realizado concurso público para várias prefeituras do estado do RJ, sendo aprovada em alguns deles, aguardando

¹⁵ O Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio (FESP) é um programa da Coordenação de Bolsas e Auxílios da Vice-Reitoria Para Assuntos Comunitários que, através da concessão dos auxílios transporte e alimentação, tem como objetivo favorecer a permanência dos alunos atendidos nos cursos de graduação desta Universidade.

ser convocada. Iniciou sua carreira em uma escola particular da Barra da Tijuca – Zona Oeste do RJ –, na época já havia se mudado para Jacarepaguá, também na Zona Oeste, com sua família, e seu salário era acima da média do mercado. Permaneceu por dois anos nesta instituição, até ser convocada pela prefeitura do Rio, tentando conciliar em alguns momentos, mas isto não foi possível por muito tempo. Outras questões também a desmotivaram em relação a escola particular, como a falta de respeito com os funcionários, atividades fora do horário de trabalho sem remuneração, entre outras.

Seus pais não tiveram grandes oportunidades educacionais, cursaram somente o segundo segmento do ensino fundamental, e exercem atividades que não requerem muita qualificação – seu pai é garçom e sua mãe manicure –, entretanto sempre se preocuparam com a educação dos filhos, incentivando os estudos, sendo exigentes, presentes, acompanhavam de perto o desempenho destes, tanto que todos eles passaram pela universidade, inclusive as filhas foram além dela, uma concluindo o mestrado e a outra cursando o doutorado, ambas em universidades federais.

“A minha vida deu uma guinada, saí da favela, vim morar no bairro, é diferente, é muito diferente, a vida que a gente leva hoje para vida que nossos pais levaram”

Atualmente, ela é Professora de Educação Infantil do Município do RJ. A renda de sua família melhorou consideravelmente. Saíram da Rocinha e foram morar em Jacarepaguá, Zona Oeste do RJ, e após um ano residindo fora da favela a entrevistada saiu de casa e comprou um apartamento financiado junto com o namorado, também professor do ensino público, realizaram uma reforma e o casal também adquiriu um automóvel, com o dinheiro guardado da época em que residiam na casa dos pais. Ela também teve possibilidade de viajar para inúmeros locais, dentro e fora do país, algumas a lazer e outras pela faculdade, ampliando ainda mais sua visão de mundo. Em relação a sua trajetória educacional, desde sua formação já cursou uma pós-graduação na área de educação infantil na Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), que lhe serviu de base para ingressar no mestrado acadêmico pela mesma instituição. Além das pós-graduações, ela realizou dois cursos de extensão, também em sua área, ambos em universidades federais. Sempre frequentou palestras e seminários em diversas instituições visando se aperfeiçoar cada vez mais.

Quando questionada sobre seu posicionamento político, relata que foi o ponto que mais se modificou após sua entrada na universidade, além dos conhecimentos acadêmicos referentes ao

seu curso, ela adquiriu muitos conhecimentos políticos, participou do Centro Acadêmico, presenciando muitas discussões políticas, debatendo sobre o assunto, levando assim a reflexão sobre diversas questões, sua turma também tinha uma característica de militância, o que enriquecia muito as discussões e acabou por influenciá-la. Além disso, quando membro do centro acadêmico, chegou a organizar debates com políticos candidatos as eleições dentro da universidade.

Seus planos para o futuro contemplam a aprovação em um concurso federal, com a conclusão do mestrado ela acredita que suas chances irão aumentar, em relação ao doutorado ela ainda não sabe se desejar cursar, mas independente disso pretende continuar trabalhando na educação básica, as pós-graduações seriam para agregar financeiramente em sua profissão, pois também quer começar a constituir família.

A entrevistada foi influenciada a entrar na faculdade por sua irmã mais velha – que já havia ingressado na faculdade pública – e seu atual marido – que na época estudava na PUC –, a partir daí ela acredita que gerou certo impacto na vida do irmão, que atualmente se encontra cursando uma faculdade, influenciou também seus primos, amigos próximos, filhos de amigos. De sua família, ela e a irmã foram as primeiras a chegar à universidade, hoje existem outras pessoas formadas, além disso, sua irmã será a primeira doutora da família. As filhas são motivo de orgulho para toda a família, principalmente para a mãe que se engrandece muito quando relata a trajetória universitária e profissional das filhas, exaltando que a filha estudou na PUC e foi contemplada pela bolsa do Prouni. Ela e sua irmã viraram referência dentro da família, que sempre as procuram para sanar dúvidas acerca da universidade, o impacto foi bastante significativo. Ela virou uma referência do Prouni não só na família, mas também na favela, as pessoas as paravam para saber como ela tinha conseguido entrar na PUC e ela relatava sua trajetória, incentivando assim mais pessoas daquele meio a se inserir naquele espaço.

Em relação a políticas de cotas, ela mantém a mesma opinião em relação as outras políticas afirmativas, se colocando a favor e reafirmando sua importância e a necessidade de continuidade destas.

“Eu acho que a política de cotas tem que continuar, é hipocrisia dizer que o ensino público é igual, a gente sabe que não é, é diferente do privado, mesmo aqueles cursinhos que a gente faz tem diferença, eles também fazem cursinho para entrar, o fato é esse, chega a ser desleal, tem q ter essa divisão: vaga para um, vaga para outro, porque não tem jeito. Em relação as cotas raciais, a sociedade brasileira ainda tem um resquício de racismo e tem uma questão histórica, que é verdade, a

maioria dos presídios é composta por negros, e é uma representação destas pessoas, elas precisam chegar lá e ocupar estes espaços, hoje a universidade é muito mais plural por causa das ações afirmativas, se elas não existissem a gente não teria acesso, a verdade é essa, talvez tivesse uma ou outra pessoa, mas o grosso não chegaria, o gargalo seria muito menor, existe um gargalo mas ele está se ampliando. A gente precisa ocupar estes espaços para mostrar para aquelas pessoas que elas também podem ocupar, eles têm que ocupar, o espaço é deles também, agora o como ocupar é desleal, porque não tem vaga para todo mundo, o ideal seria que tivesse vaga para todo mundo, enquanto não tiver vaga para todo mundo tem que existir as políticas de ações afirmativas. ”

Em relação ao Prouni, quando solicitado que ela realizasse uma avaliação do Programa, relatou achar que essa política pública ainda é necessária, porém faz uma análise relacionando sua trajetória na PUC com as demais universidades que o Prouni ofereceu bolsas, muitas delas de baixa qualidade, na qual a verba pública está sendo investida em universidades que não irão proporcionar uma boa formação para o bolsista, nem todos os egressos do Prouni saem com uma formação do nível da PUC. Ela acredita que a política é boa, mas precisa ser reestruturada em relação a baixa qualidade e o alto valor das isenções para universidades, acredita que foi uma opção mais barata e mais prática para o governo, foi uma política dentro de um contexto de redução de gastos e benefícios imediatos. Muitos alunos tiveram acesso e se formaram, mas não tem condições de exercer suas profissões e tudo isso sai caro para os cofres públicos. Além disso, ela toca em um ponto fundamental, estas universidades criam mentes para *bater* no próprio governo que fornece essas possibilidades. A criação de uma *nova classe média* beneficiada por estas políticas critica o governo por se considerar em uma posição social que não é condizente com sua condição social. Ela também acredita que a política deveria ter um prazo para acabar, realizarem avaliações periódicas de desempenho e pensar estratégias futuras para que ela pudesse ser extinta e a verba fosse aplicada no setor público. O Reuni¹⁶ foi criado e não atendeu a demanda que o Prouni atendeu.

¹⁶ O REUNI é o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, parte integrante de um conjunto de ações do Governo Federal no Plano de Desenvolvimento de Educação do MEC. Foi instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dar às instituições condições de expandir o acesso e garantir condições de permanência no Ensino Superior.

3.2. Daniel – O único dos irmãos a seguir uma trajetória escolar

“O Prouni é uma política de inserção social, é muito válida em nosso país, já que a gente tem uma desigualdade muito grande, dá acesso ao conhecimento, a empregabilidade, ascensão econômica, cultural, no país que a gente vive é algo superimportante, um país que é tão desigual, faz uma diferença muito grande. A política pública do Prouni não pode ser extinta, tem que ser incentivada.”

Antes de pensar em ingressar numa universidade, o entrevistado seguiu carreira militar. Relata que sua família estava passando dificuldades financeiras e não tinham condições de pagar um curso superior, e sua mãe não tinha conhecimentos sobre o assunto, ou até sobre cursos técnicos para direcionar o filho. O militarismo foi uma opção de estabilização financeira rápida, teve apoio de um tio, que pagou seu curso preparatório para carreira militar e estudou durante um ano e meio, realizando duas provas e conseguindo aprovação na segunda para sargento do exército. Foi trabalhar no Mato Grosso do Sul¹⁷ onde ficou por pouco mais de dois meses, retornou ao RJ por motivos de doenças físicas e psicológicas de sua mãe, que precisou realizar uma cirurgia na época, além de ter tido princípio de infarto duas vezes. Outro motivo pela escolha do retorno para casa foi a situação dos irmãos, mais crescidos, a mãe já não conseguia controlá-los, um dos irmãos criou o hábito de sair de casa e ficar dias fora, sem dar explicações para sua mãe, devido a todas estas situações deu baixa no exército, pois sabia que não retornaria para o RJ e sua preocupação com a mãe estava em um nível bastante elevado. Após seu retorno começou a trabalhar, como auxiliar administrativo, trazendo sua bagagem dos cursos preparatórios conseguiu aprovação no Enem para ingressar na faculdade.

Sua trajetória na faculdade começou na época do vestibular, que foi realizado em dois momentos da sua vida. Primeiramente, tentou vestibular para as faculdades públicas, foi o primeiro ano do Enem em que o acesso às universidades públicas era possível através do SISU, ele tinha pretensões sobre o curso de Educação Física. A nota obtida no Enem era suficiente para entrar em duas Universidades Federais, no curso escolhido por ele, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizada em Seropédica¹⁸ e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), localizada no bairro do Fundão, ambas eram bem distantes do seu local de residência na Zona Oeste, como já mencionado anteriormente, ficaria difícil

¹⁷ Mato Grosso do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Localiza-se no sul da Região Centro-Oeste do país.

¹⁸ Seropédica é um município da Microrregião de Itaguaí, na Mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Localiza-se a 50 quilômetros da capital do estado.

custear a passagem/alimentação e caso conseguisse um emprego a dificuldade de locomoção seria ainda maior.

O Prouni foi fundamental na questão da mobilidade, a Estácio tinha vários campi, próximos a sua residência – em Bangu – e futuramente ao seu trabalho – em Campo Grande –, ambos na Zona Oeste do RJ, começou cursando a faculdade em Madureira – Zona Norte do RJ – e depois conseguiu transferência para o mesmo bairro onde trabalhava.

“Se não tivesse o Prouni na minha vida eu demoraria mais tempo para me inserir no mercado de trabalho, mais tempo para eu ter uma ascensão na área econômica, profissional, levaria mais tempo para conquistar o que eu conquistei”.

Cursou Administração na Universidade Estácio de Sá, o maior motivo na alteração da escolha do curso, em relação ao anterior quando prestou vestibular para as Universidades Públicas, foi a questão financeira, de empregabilidade, tinha uma visão que o curso de administração lhe traria melhores condições de vida, que teria um mercado mais amplo do que o curso de Educação Física. Quando ingressou na faculdade visava muito a questão do emprego, após o início do curso a construção de conhecimento também se tornou um alvo. Apesar do interesse em estudar e adquirir cada vez mais conhecimento, por conta do seu perfil de aluno-trabalhador, trabalhando em um banco 8 horas por dia, – esta foi a maior dificuldade encontrada por ele para seguir os estudos – ele não conseguia participar plenamente das poucas atividades direcionadas a pesquisa que a faculdade oferecia, relata que dos seminários que eram divulgados pela faculdade frequentou somente alguns quando os professores encaminhavam os alunos de suas disciplinas para os eventos que estavam ocorrendo. Relata que nunca sofreu nenhum tipo de discriminação por ser bolsista do Prouni, que essa informação não era divulgada pela faculdade, os próprios beneficiários contavam e haviam muitos bolsistas em sua instituição.

Seu pai foi o grande influenciador da sua trajetória escolar, lhe deu exemplo, trabalhava como assistente administrativo na prefeitura, era funcionário público, mas sempre buscava ampliar a renda com trabalhos informais. Sua mãe era técnica de contabilidade, cursou alguns períodos do curso de administração, mas após a maternidade abandonou os estudos e o trabalho para cuidar da casa e dos filhos. Porém seu interesse pela vida universitária foi algo mais pessoal, sem um grande influenciador, até em decorrência do falecimento precoce do pai.

Quando questionado sobre as contribuições que a passagem pela universidade trouxe para sua vida ele diz que foi fundamental em todos os aspectos:

“Proporcionou uma ascensão em todos os aspectos, financeiro, social, conhecimento profissional, político, economia, no geral foi algo determinante para o meu desenvolvimento em todos os aspectos.”

Ao contrário da maioria dos entrevistados, diz que suas expectativas não foram totalmente alcançadas, para se inserir no mercado de trabalho foi fundamental, mas relata que sentiu falta de viver um pouco mais a universidade, não teve a possibilidade de realizar nenhum estágio, de ter um contato maior com outras áreas, ficou trabalhando a graduação inteira no banco, com uma carga horária excessiva, algum tempo após sua formatura foi demitido e hoje se encontra desempregado, em um momento de crise em que a busca por emprego se torna cada dia mais angustiante. Ainda assim, ele continua estudando, atualmente está cursando MBA na sua área de formação, e pensando em conseguir se inserir em um programa de mestrado – com interesse em seguir carreira docente –, fez preparatório para concursos – tem intenções em realizar provas voltadas para sua área e para a área policial –, curso de inglês, cursos de extensão em sua área de formação e curso de informática. Ainda pensa em cursar educação física, mas diz que isso vai depender muito da sua situação financeira, pois é algo que ele gosta muito, seria mais uma realização pessoal.

A faculdade lhe proporcionou crescer em vários aspectos, tendo em vista que conseguiu adquirir bens materiais, investir em sua formação, ajudar sua família, reformar a casa, adquirir eletrodomésticos, além da ampliação do seu campo de leitura e atividades culturais, momentos de lazer e uma alimentação melhor. Apesar de não ter se mudado da casa da mãe, construiu uma casa para ele em cima da casa de sua mãe que ainda não está finalizada. Ele também construiu um salão de beleza para seu irmão mais novo trabalhar, no terreno de sua casa, além de ter realizado algumas reformas na casa da mãe. No período da faculdade ele comprou um carro, mas o vendeu há pouco tempo. Também teve a oportunidade de realizar algumas viagens para outros estados e viajar dentro do RJ. Já em relação as suas escolhas políticas, ele diz que nada mudou, apenas amadureceu.

Em relação à política de cotas, o entrevistado só se posiciona a favor das cotas sociais, ligadas à renda, escola pública ou para os portadores de necessidades especiais, mas é contrário às cotas raciais.

O entrevistado é o irmão mais velho de três filhos, ele tem vinte e sete anos, seus irmãos vinte e cinco e vinte, acredita que a trajetória escolar dos irmãos ficou abalada a partir do momento em que o pai faleceu, ele também ficou bastante abalado, mas como era mais velho, mais independente, não deixou isto refletir em seu desempenho escolar, relata que antes do falecimento do pai “tudo ia bem”. Sua mãe, muito fragilizada, acabou ficando com alguns problemas psicológicos, teve síndrome do pânico, e a família ficava percorrendo entre a casa em que moravam e a casa da avó paterna, localizada na Vila da Penha, zona Norte do RJ, bem distante do bairro em que moram, trocaram de escolas inúmeras vezes, por conta das mudanças repentinas, com isso acabavam perdendo muitas aulas, além da pouca referência em uma pessoa para direcionar seus caminhos, ele relata que a mãe não teve “pulso” com os irmãos mais novos, a pouca autonomia também afetou muito, por terem menos idade que o entrevistado ainda precisavam de alguém ao lado para direcioná-los ao melhor caminho. Quando ficaram mais velhos, o motivo da trajetória escolar truncada foi a falta de interesse e a busca por meios de retorno financeiro imediato. Seus dois irmãos não completaram o ensino médio.

Seus dois irmãos já são pais, o irmão do meio – hoje com 25 anos – tem três filhos, de mães distintas, o filho mais velho tem três anos, o do meio um ano e o mais novo nasceu neste ano. Este irmão trabalha fazendo “bicos”, não tem um emprego formal, de carteira assinada. O irmão mais novo – hoje com 20 anos – tem dois filhos, também de mães distintas, o mais velho com um ano e o mais novo nasceu neste ano também, o irmão caçula trabalha no salão que ele construiu no terreno da casa da mãe, como já mencionado anteriormente. Nenhum dos dois irmãos chegou a morar com a mãe de nenhum dos filhos, vivem na casa com a mãe e o irmão mais velho, seus filhos moram com as respectivas mães e as famílias de ambos os lados auxiliam na criação das crianças.

Ele acredita que a grande diferença em relação ao seu comportamento para o dos irmãos foi a ligação dele com a igreja católica e a religião em si. Ele relata que o convívio social e doutrinário da igreja preencheu uma lacuna que existia em sua educação.

“A grande diferença na questão da minha educação em relação a dos meus irmãos foi a educação religiosa, não a educação vinculada ao colégio, mas por eu ter uma religião frequentar a igreja, foi algo que fez a diferença, deu uma direção para minha vida nessa época de adolescência e me diferenciou dos meus irmãos, de ter uma direção na religião. Eu sou católico e não é só uma questão da religião e da fé, tem toda uma questão social, maneira de se comportar, um comportamento que condiz com o que você acredita, isso me direcionou de uma forma positiva, se eu não tivesse tido isso, acho que teria seguido o mesmo caminho dos dois.”

O entrevistado é solteiro, não tem filhos e por enquanto não pensa nisso, tem uma concepção de família bem diferente dos irmãos, pensa em encontrar uma moça legal, que seja batalhadora, queira crescer na vida, estudiosa, se casar e aí sim constituir uma família. Ele é católico, participa de atividades da igreja. Também pensa em morar fora, estudar mais, é nítida a divergência em relação a percepção de vida e os objetivos traçados do entrevistado e seus irmãos, ele relata que eles não pensam muito na vida, no futuro, veem somente o hoje.

3.3. Renata – Prouni na conquista do sonho da profissão de sua vocação

“O Prouni foi uma política pública muito importante, na época não tínhamos nada parecido, se você quisesse cursar uma faculdade particular você tinha que pagar, no máximo você conseguia uma bolsa de 50%, mas não pagar a faculdade, não tinha isso naquela época, foi uma política muito importante, falando por mim e pelos meus irmãos, além de algumas pessoas que eu conheço, foi essencial para nossa trajetória. Acredito que o Prouni não deveria ser extinto, mas não sei como ficará em relação a esse novo governo, esse novo partido que está no poder, pode ser que mais para a frente eles queiram cortar, mas não deveriam fazer isso, vai impedir que muita gente boa tenha possibilidade de frequentar uma faculdade.”

Seus pais sempre incentivaram seus estudos e o caminho pela educação, se sacrificavam muito para manter os três filhos na escola particular, pois acreditavam estar oferecendo desta forma uma educação de melhor qualidade, na qual ela se manteve da educação infantil até a antiga 5ª série do ensino fundamental, mas em um momento de maiores dificuldades financeiras não conseguiram custear a mensalidade e tiveram que matricular os filhos na escola pública. Seus pais sempre estiveram presentes, cobrando um bom desempenho, auxiliando nas tarefas, um incentivo fundamental para a trajetória escolar dela e dos irmãos.

Oriunda das camadas populares da sociedade, de uma família composta por quatro filhos, em que a renda familiar não era suficiente para custear faculdade particular para todos eles, eis que surge o Prouni nesta família, em que dos quatro filhos, três foram beneficiários e entrevistados neste trabalho, somente o filho caçula não foi bolsista, pois conseguiu ingressar em uma instituição pública.

“A renda da minha família era muito baixa, conseguir pagar uma faculdade naquela época era inviável, pelo fato de ter vindo justamente no ano em que eu e meus irmãos nos formamos, veio numa hora excelente, nós entramos no mesmo ano na faculdade, coisa que não

seria possível se não tivesse o Prouni, nós realmente não teríamos condições naquela época. ”

Sua trajetória na Universidade iniciou-se no vestibular, no qual realizou a prova tendo em mente o curso de fisioterapia para Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esta escolha se deu a partir de uma lista de possíveis cursos da faculdade, em que ela acreditou que este seria o mais “interessante”, mesmo não se identificando com a área. No ano seguinte cursou um pré-vestibular e sua opção foi o curso de pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), não chegou a ser classificada na primeira chamada, mas após algumas reclassificações poderia ter ingressado na instituição, entretanto como em sua residência não possuía acesso à internet ela acabou perdendo a data de matrícula. Contudo, na época já havia iniciado o curso de pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, na condição de bolsista do Prouni. Ela relata uma frustração por não ter se formado pela UERJ, mas diz que o importante foi ter conseguido o diploma. Sua grande vocação sempre foi o curso de pedagogia, desde a infância sonhava em ser professora, inclusive auxiliava a professora de seu irmão mais novo, que estudava na mesma escola, quando sua turma não tinha aula, o trabalho com crianças sempre foi seu verdadeiro interesse profissional.

“O Prouni foi importante em primeiro lugar por me possibilitar não pagar a faculdade, além de crescer profissionalmente, aprender a teoria e a prática na área que eu estava pretendendo seguir, trabalhar com aquilo que eu gostava, poder me aperfeiçoar, conseguir um bom emprego, passar em um concurso, sempre tive isso em mente. ”

Cursou a maior parte da faculdade no turno da noite, suas dificuldades para se manter no curso foram muitas. No início ela sequer possuía o dinheiro para custear sua passagem, tendo que ir andando de sua casa – no bairro do Riachuelo – até a faculdade – no bairro do Méier –, ambos na zona Norte do RJ. Como sua faculdade era no turno da noite, o retorno para casa andando era demasiadamente perigoso, tendo em vista os inúmeros bairros de alto risco durante o percurso, neste momento contou com ajuda de uma tia que lhe dava o dinheiro da Kombi – com um custo inferior ao ônibus – para que ela pudesse retornar em segurança. Outra dificuldade presente em sua trajetória universitária foi em relação ao material didático, ela também não tinha condições financeiras para adquirir as cópias de textos e livros que os professores solicitavam durante as aulas, neste caso contava com o auxílio de amigos da faculdade para que pudesse estudar. Esse panorama só se modificou quando ela começou a estagiar e conseguiu ter uma renda, pois o Prouni proporciona o ingresso em uma faculdade, não garantindo a permanência do aluno, que precisava buscar meios alternativos para conseguir

se locomover, adquirir o material didático, se alimentar, entre outras necessidades que a faculdade demanda¹⁹.

Em relação aos incentivos a pesquisa, sua faculdade apenas disponibilizava seminários para os alunos, não havia outros contatos com a atividade de pesquisa. Dos que eram disponibilizados pela Estácio ela participava assiduamente.

Na condição de bolsista do Prouni em uma faculdade privada relata nunca ter sofrido discriminação, todos sabiam quem eram os bolsistas e os alunos pagantes, assim como os professores, nunca os trataram de maneira diferente, sua turma foi a primeira na faculdade a receber bolsistas do PROUNI.

“O Prouni contribuiu muito para minha vida, primeiro que eu não tinha experiência nenhuma, nunca tinha trabalhado, depois que passei pela faculdade além de aprender tudo sobre minha área, eu passei a ter outros pensamentos de mundo, social, e a questão financeira também melhorou bastante depois da minha formação.”

Após sua formação, diz que suas expectativas ao término da faculdade foram atendidas, ela esperava ter passado em um concurso público logo após a conclusão do curso, o que não aconteceu, mas tomou posse neste ano como Professora efetiva do 1º segmento do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II, uma das instituições mais renomadas da área, tanto no quesito profissional, como no quesito financeiro, de plano de carreira. Sua renda melhorou muito, hoje sua família vive em um outro contexto, ela ainda não se mudou da casa dos pais, mas construiu uma casa com seu noivo no bairro da Pavuna – Zona Norte do RJ – que está praticamente pronta, faltando apenas o acabamento, ela deve se mudar em breve, também comprou um carro. Também teve a possibilidade de realizar várias viagens dentro e fora do estado.

A entrevistada entrou ano passado em uma pós-graduação em sua área e está cursando, visando se aprimorar mais e aumentar seus rendimentos através do plano de carreira da

¹⁹ De acordo com o site oficial do PROUNI (<http://Prouniportal.mec.gov.br/bolsa-permanencia>): “A Bolsa Permanência destina-se a estudantes com bolsa integral em utilização do Prouni, matriculados em cursos presenciais com no mínimo 6 (seis) semestres de duração e cuja carga horária média seja igual ou superior a 6 (seis) horas diárias de aula, de acordo com os dados cadastrados pelas instituições de ensino junto ao MEC. (...) A seleção dos bolsistas aptos ao recebimento da Bolsa Permanência é realizada mensalmente, no primeiro dia de cada mês, observado o cálculo da carga horária e a disponibilidade orçamentária e financeira do Ministério da Educação.” Entretanto, alguns de nossos entrevistados mencionaram não ter conhecimento da existência da bolsa, nunca sendo divulgado pela faculdade a possibilidade do benefício e os que tinham conhecimento nunca conseguiram participar da seleção, diziam que era uma ‘lenda urbana’ dentro da faculdade.

instituição em que trabalha, fez também curso de inglês, mas não concluiu, pois não conseguia “aprender”. Hoje, aos trinta anos, ela tem pretensões de realizar mestrado e doutorado na área para que possa sempre crescer na profissão, se aprimorar e aprender cada vez mais, entretanto pretende continuar na área em que trabalha, pois é algo que gosta muito e se identifica como já está em um emprego público federal, que demonstra grande valorização pelo profissional, tem interesse em crescer no espaço em que já se encontra, saindo da sala de aula e assumindo uma coordenação, orientação pedagógica.

Suas escolhas políticas também se aprimoraram após sua passagem pela faculdade, se considera muito mais crítica, tem outro olhar sobre diversas situações e busca com mais frequência entender e se envolver com as questões discutidas no país. Coloca-se a favor da política de cotas, em razão da dívida que o país tem em relação aos estudantes de escola pública, pois acredita que se encontram em desvantagem em relação aos estudantes de escolas particulares, e que o caminho para reparar esta desigualdade é investindo na escola, nos professores, para que a qualidade seja elevada. Em relação a cota racial ela diz que acredita que a maioria dos negros são de origem popular e estão inseridos na escola pública, mas só se coloca a favor desde que esteja atrelada a renda. Também se coloca a favor da cota para portadores de necessidades especiais.

3.4. Luiza – Prouni como meio de acesso ao ensino superior e mobilidade social

“Se eu não tivesse feito faculdade pelo Prouni eu não estaria onde estou hoje, não estaria na empresa que eu estou, com o cargo que eu tenho, eu não sei nem se teria conseguido fazer a faculdade, provavelmente teria que estudar e me dedicar para passar em uma faculdade pública, o que seria muito difícil, e eu não teria condições naquela época, onde eu trabalhava, com o salário que eu tinha, de pagar uma faculdade, então o Prouni foi totalmente essencial para eu ter um maior conhecimento, **senão eu não teria feito faculdade, com certeza.**” (grifos nossos)

Seus pais sempre foram muito presentes em seu processo educativo, sempre colocando os filhos para estudar, acompanhando seu desempenho, cobrando notas boas, auxiliando nas tarefas, realizando questionários para ajudar os filhos a estudar, estando lado a lado durante todo o processo. Investiram também na escola privada, que cursou até a antiga 6ª série, fato que ela relata que fez grande diferença em seu processo educativo, pois quando foi transferida para a escola pública notou a brusca diferença, muitas matérias que já havia aprendido em anos anteriores no colégio particular, foram vistas anos depois na escola pública.

O Prouni foi sua primeira e única opção para o acesso ao ensino superior – não chegou a prestar vestibular para as faculdades públicas –, cursou Administração pela faculdade Mackenzie.

“Nem eu nem meus pais tínhamos renda para pagar uma faculdade, então veio a opção do PROUNI e eu aproveitei a oportunidade para fazer minha faculdade. Eu até me inscrevi para UERJ, mas não fiz a prova, tinha muito na minha cabeça que eu não ia passar no vestibular de faculdade pública, por isso que eu nem me interessei, como eu terminei o 2º grau e consegui logo a bolsa, nem pensei em parar para estudar e fazer o vestibular para uma universidade pública, eu não tinha base e com o ensino do colégio público não daria para passar.”

Antes de entrar para a faculdade, já trabalhava na área administrativa e se identificava muito, com a faculdade poderia aprender mais, se aprimorar, crescer profissionalmente e ter uma diretriz da área administrativa que gostaria de seguir. Ela não encontrou dificuldades para cursar a faculdade, como já mencionado ela trabalhava e por mais que o salário fosse bem baixo conseguia se manter na faculdade e como esta se localizava próximo ao seu trabalho ela ia a pé até a faculdade e utilizava a passagem oferecida pela empresa para se deslocar, em relação ao material didático ela conseguia copiar as apostilas no seu trabalho então também não tinha custos. Sua faculdade oferecia alguns seminários para os alunos e ela chegou a participar daqueles destinados ao seu curso.

Em sua faculdade tinham vários bolsistas do Prouni, não eram divulgados, os próprios alunos se identificavam, ela relata nunca ter sofrido nenhum tipo de discriminação nem por parte dos alunos, como dos professores e funcionários, na sua turma também tinham muitos bolsistas.

A entrevistada iniciou sua carreira na área administrativa como recepcionista, antes de ingressar na faculdade, saiu do seu emprego fixo de carteira assinada, para ser admitida como estagiária, visando aprender cada vez mais, se aprimorar, adquirir experiência e crescer em sua área. Realizou dois estágios no período da faculdade e quando formada foi contratada e começou a trabalhar no setor financeiro, área que mais se identificou dentro da administração. A faculdade lhe proporcionou ser bem-sucedida na profissão que ela escolheu, sua renda melhorou significativamente, ganhando hoje mais de 10x o que ganhava antes de ingressar na faculdade.

Além dos ganhos financeiros, a faculdade lhe trouxe novas relações sociais, cita que seus melhores amigos são da época da faculdade, pessoas com que tem contato diário. Teve a possibilidade de realizar várias viagens, dentro e fora do estado, conhecer lugares novos, ampliar seus horizontes.

Atualmente, aos trinta e um anos, está cursando uma pós-graduação na sua área, visando aprimorar cada vez mais sua formação, realizou curso de informática, e pretende ingressar no curso de inglês quando concluir a pós-graduação, além de ter pretensão de realizar outros cursos em sua área para que possa se tornar uma gestora da empresa em que trabalha, pois hoje se encontra no cargo de analista em uma multinacional.

Em relação a política de cotas ela diz ser favorável a cota para estudantes da escola pública, já que a considera de baixa qualidade e mesmo que um aluno egresso da escola pública tenha se esforçado, estudado, dedicado, ela considera muito difícil concorrer com um aluno da escola privada. Já em relação as cotas raciais não acha justo, tendo em vista que em alguns casos um negro pode ter maiores condições socioeconômicas que um aluno branco de origem popular, na questão da raça acredita que deveria ser igual para todos.

O grande influenciador pela sua entrada na faculdade foi o irmão Ricardo – também entrevistado –, o primeiro da família a conseguir uma bolsa do PROUNI, ambos incentivaram os outros irmãos a ingressarem na faculdade, seu chefe na época também teve um papel importante, pois tinha acabado de concluir a faculdade e a incentivava a também ingressar, se especializar, para que ela pudesse crescer profissionalmente.

Em relação a política pública do Prouni ela diz que hoje é excelente, pois os bolsistas têm que realizar uma prova de vestibular – o ENEM – e faz com que os alunos tenham que se dedicar minimamente para conseguir atingir a nota, na sua época era realizada uma avaliação na própria faculdade, uma redação, mais especificamente, e a realização da prova não era obrigatória por parte da faculdade. Ela acredita que a política pública ajuda muito quem precisa, mas a fiscalização não é rigorosa, muitas pessoas que não precisam conseguem a bolsa, desde que tenham estudado em escola pública, e em alguns casos o aluno tem condições de pagar uma faculdade, o que prejudica muitos que não tem renda e por algum motivo não conseguem a bolsa.

3.5. Ricardo – A possibilidade de ingresso na PUC através do Prouni

“Eu não gosto muito de alguns programas que são populistas e que não ensinam a ‘pescar’, só que o PROUNI e o PRONATEC são justamente o ensinar a ‘pescar’, quando você dá a oportunidade da pessoa fazer uma faculdade ou um curso técnico, você encaminha as pessoas para terem uma profissão, e aí independentemente de onde você fez a faculdade, vai conviver com pessoas e ter acesso a outras oportunidades.”

O entrevistado tem vinte e nove anos, foi o primeiro de sua família a conseguir uma bolsa do Prouni, influenciou suas irmãs Renata e Luiza – entrevistadas neste trabalho – a ingressarem em uma faculdade na condição de bolsista, além dos três influenciarem o irmão caçula no ingresso ao ensino superior, hoje ele cursa uma faculdade na UERJ.

“Eu fiz curso técnico no 2º grau, então quando eu terminei o colégio no ano seguinte eu iria estudar para fazer o vestibular, só que eu tentei o ENEM no meio do caminho e eu fui bem, então foi uma oportunidade, eu peguei o primeiro ano do PROUNI, então foi uma oportunidade ótima, eu estava com uma nota alta e pude escolher com menos dificuldade do que as pessoas têm hoje, para mim foi bom, eu consegui a minha primeira opção.”

Ele cursou Sistemas de Informação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), que para sua área é a melhor do país. Oriundo de origem popular, não teria condições financeiras para pagar uma Universidade como a PUC – com mensalidades bem distantes da realidade – dos jovens de origem popular, na época que ingressou na faculdade ele não trabalhava e vivia da renda dos pais e da irmã mais velha. Como logo no início da faculdade conseguiu um estágio a questão financeira ao decorrer da faculdade foi relativamente tranquila, conseguia se manter e não precisou da bolsa auxílio oferecida pela PUC.

“Eu tive acesso fácil a estágio ao longo da faculdade, fiz uma média de seis estágios, o que foi muito bom, até para escolher que área dentro de sistemas de informação que eu queria atuar, depois quando me formei eu vi o peso do diploma, me ajudou muito no início da carreira profissional.”

A principal dificuldade encontrada durante sua graduação foi a questão da mobilidade, já que a PUC se localiza no bairro da Gávea – Zona Sul do RJ – e sua residência ficava no bairro Riachuelo – Zona Norte do RJ –, como ele cursou a faculdade no turno da noite, saía da faculdade às onze horas, com somente um ônibus disponível para seu retorno, quando por ventura algum imprevisto acontecia e ele perdia o ônibus, a volta para casa se complicava ainda mais, tendo que buscar alternativas de retorno através de mais conduções gastando mais

dinheiro de passagem e tempo de locomoção. Outra dificuldade encontrada foi em relação ao turno da faculdade, todas as disciplinas eram oferecidas no turno da noite, como ele trabalhava durante o dia só poderia frequentar neste turno, aproximadamente na metade da faculdade algumas matérias foram restritas ao turno da manhã, o que o inviabilizava frequentá-las. Entretanto, ele não desistiu, agendou uma conversa com o diretor, expôs sua condição e conseguiu cursar as disciplinas de manhã bem cedo, antes do início do seu expediente no trabalho.

Relata que nunca sofreu discriminação, mas já ouviu histórias que em outros cursos havia discriminação, chegando ao ponto de existir divisão de alunos, formação de grupos entre bolsistas e pagantes, ele acredita que seu curso não tinha um perfil de discriminação, o perfil dos estudantes de informática é mais *nerd*.

“As oportunidades que a faculdade trouxe de conviver com pessoas de classes sociais diferentes foi interessante, acho que abriu um pouco minha mente para conviver com tipos de pessoas diferentes e profissionalmente fez toda a diferença, a expectativa que eu tinha se confirmou, o diploma pesa muito no mercado”.

Em relação a política de cotas, ele se considera a favor devido a enorme desigualdade presente em nosso país:

“A pessoa que estudou no colégio público e consegue passar para uma faculdade pública por mérito próprio ela não é um símbolo de esforço, ela é uma exceção, porque na média as pessoas não têm uma base de estudo suficiente para competir com uma criança que estudou em uma escola particular, cobrada a vida toda. Em relação a cota racial, o nosso país é bastante racista, entretanto existe um preconceito social que marginaliza um pouco a raça, quem é oriundo de favelas na maior parte é de origem negra, então tem que ter, é uma dívida histórica e só pode acabar no dia em que tivermos menos desigualdade”.

Suas escolhas políticas mudaram após sua entrada na faculdade, na época ele tinha um posicionamento totalmente voltado para a esquerda, mas devido a seu contato com outros cenários sociais, principalmente no primeiro estágio em que lidava com o mercado financeiro, convivendo com muitas pessoas de posicionamento político de direita, hoje ele não se considera totalmente de esquerda e nem de direita, se coloca como centro-esquerda.

Após sua formação, conseguiu um bom emprego em sua área, sua renda melhorou consideravelmente, hoje ele é coordenador de desenvolvimento em uma empresa multinacional

de comércio eletrônico. Saiu da casa dos pais, comprou seu próprio apartamento, atualmente residindo no Bairro Del Castilho – Zona Norte do RJ – e também adquiriu um automóvel. Além dos bens materiais, realizou inúmeras viagens a lazer e a trabalho dentro e fora do país, ampliando seus horizontes, conhecendo novos lugares, fato que não era possível antes da faculdade.

O entrevistado deu continuidade aos estudos após sua formação, realizando uma pós-graduação em sua área pela UFRJ, além de ter se formado em inglês e realizado pequenos cursos na área. Suas pretensões futuras são as mesmas que ele tinha no início da faculdade: abrir sua própria empresa. Relata que não o fez até o momento por falta de capital financeiro.

3.6. João – A possibilidade de mudança de vida através da formação superior

“O PROUNI foi a porta de entrada para eu chegar aqui hoje, começar a analisar as conquistas que eu tenho, **eu não sei se minha vida teria sido diferente. Eu estou aqui hoje, em primeiro lugar, por causa do PROUNI, ele foi fundamental para minha formação e para minha trajetória.** O PROUNI ajuda a desenvolver o país, as pessoas que não têm a oportunidade, eu sou de escola pública e é muito difícil você entrar em uma faculdade pública. O ensino básico não é adequado, ele não serve, os vestibulares não são feitos para quem está saindo de uma escola pública. O PROUNI é uma política pública fundamental para garantir que pessoas menos favorecidas, de baixa renda tenham acesso a uma outra educação, a uma outra formação e quiçá ter um futuro diferenciado, sejam alguém no futuro.” (grifos nossos)

O entrevistado foi o primeiro da família a ingressar em uma faculdade, sempre teve a percepção de querer ir além, ser diferente da família, ter um bom emprego, estável, não viver de “pequenos trabalhos”. Seus pais sempre deram apoio financeiro aos estudos dos filhos, permitindo que durante a educação básica eles se dedicassem integralmente aos estudos, mas sua família não tinha condições de matricular os filhos em uma escola particular, o que ele acredita que o prejudicou muito, pois sua educação básica foi de baixa qualidade, ele diz que quando tiver filhos investirá ao máximo em educação. Seu pai concluiu o ensino médio e antes de se aposentar trabalhava como eletricitista, sua mãe não chegou a concluir os estudos e dividiu a vida entre as profissões de doméstica e dona de casa, ele acredita que sua mãe não concluiu a escola devido a sua trajetória: nordestina, veio para o Rio de Janeiro muito cedo, somente alfabetizada, engravidou precocemente e dedicou sua vida a criação dos filhos, somente após

ter finalizado a criação das crianças tentou retornar a escola, mas não tinha a mesma disposição e acabou por abandonar os estudos.

Ele ficou sabendo da existência da bolsa do Prouni através de um conhecido, mas realizou a inscrição com poucas informações acerca do funcionamento da política pública. Na época seus estudos eram mais voltados ao vestibular das universidades públicas.

Sua trajetória na universidade começou através do vestibular, sua primeira opção de curso era jornalismo, tanto para o Prouni, como para as faculdades públicas. Em relação ao Prouni das cinco opções disponibilizadas pelo SisProuni de escolhas de cursos as três primeiras ele optou por jornalismo, a quarta administração e a quinta, e última, direito. Para sua surpresa a vaga que o sistema lhe disponibilizou foi exatamente sua quinta opção: o curso de direito. Ele relata que se sentiu um pouco frustrado no início, pois o desejo de cursar jornalismo ainda era muito forte, mas aproveitou a oportunidade da bolsa e migrou suas escolhas para o curso de direito, realizando sua graduação na Universidade Estácio de Sá.

“Na época meus pais não tinham condições de arcar com uma faculdade ou quiçá me manter estudando, prestando vestibular, então o PROUNI foi uma excelente oportunidade para eu começar essa experiência, não tínhamos condições, meus pais não tinham condições de me manter estudando, sem trabalhar e se eu começasse a trabalhar talvez não teria feito faculdade, então eu devo isso a proposta, ao sistema do PROUNI.”

Suas expectativas ao ingressar em uma faculdade, à princípio, eram estritamente profissionais, ter uma profissão e ter meios de sobrevivência eram seus maiores objetivos. Durante a faculdade já teve contato com a área de sua formação, através dos estágios que realizou durante dois anos e pôde ampliar suas concepções acerca da profissão. Toda a resistência do início do curso em relação a não estar inserido na carreira desejada foi abandonada a partir do segundo período, em que percebeu que ele havia se identificado com o curso, começando assim a deslanchar em sua trajetória acadêmica.

O entrevistado sofreu discriminação em sua faculdade por ser bolsista do Prouni – dado pouco observado em nossas pesquisas – mesmo em sua turma em que o número de bolsistas era considerável, todos estavam suscetíveis a esta. A explicação desta discriminação pode ser relacionada ao curso de direito, por se tratar de um curso de alto valor social, elitizado, entretanto ele acredita que este comportamento é geral em todos os cursos. Ele sempre foi um aluno que estreitava suas relações a sala de aula, não conversava com ninguém e nem buscava

se enturmar, no final da faculdade com a formação dos grupos ele começou a perceber a discriminação mais fortemente.

“Os pagantes achavam que eles estavam custeando meu estudo, a minha faculdade, então eles nos discriminavam. Já ouvi muitas piadinhas nesse sentido dos alunos. Eu ignorava as pessoas, não valia a pena levar isso a frente, era tão pequeno esse tipo de discussão, esse tipo de problema, então eu não ia me aborrecer em relação a isso. Quando alguém comentava era para que fosse ouvido e atingisse todo mundo. A gente não falava, mas de alguma forma eles acabaram tomando conhecimento da nossa condição de bolsista. Tinha gente que fazia a piadinha para outros sem saber que eu era do Prouni, então também tinha esse problema.”

Quando questionado sobre a política de cotas, se coloca a favor:

“Ajuda um determinado grupo que sempre foi segregado a se inserir, a sociedade é totalmente preconceituosa, e as pessoas continuam sendo excluídas só pelo simples fato de pertencerem a determinado grupo, determinada raça, eu acho muito importante.”

Apesar de todos os problemas enfrentados durante a graduação, acredita que sua passagem pela universidade foi fundamental para sua vida, hoje ele trabalha na área em que se formou, suas expectativas foram atendidas, ele é Analista de Defensoria Pública, funcionário público da área jurídica, foi aprovado na prova da OAB²⁰ ainda na graduação, ele também teve a possibilidade de realizar um curso de inglês. Sua renda melhorou consideravelmente possibilitando que todo núcleo familiar fosse afetado.

“A faculdade é minha vida, tudo que eu tenho hoje foi por causa da minha formação profissional, trabalho na área, fiz concurso, sou concursado e foi por causa da faculdade. Tudo o que eu construí, agreguei nos cinco anos de curso eu carrego para minha vida, foi fundamental.”

Apesar de não ter se mudado, realizou reformas em sua residência. Além do crescimento profissional, ele ampliou seus horizontes realizando viagens para dentro e fora do estado. Atualmente, aos trinta anos, ele pretende continuar estudando para que possa alcançar a carreira/cargo que objetiva, prestando outros concursos.

²⁰ Sigla que corresponde a "Ordem dos Advogados do Brasil", uma instituição destinada a reunir e representar a classe profissional dos advogados em todo território brasileiro.

3.7. Hugo – 14 anos fora da escola e um retorno de sucesso

“O Prouni foi fundamental, se não fosse o Prouni não estaria atuando na área contábil, provavelmente, seria muito mais difícil ter um nível superior, iria demorar mais tempo pra conquistar isso, porque eu já entrei na faculdade com 35 anos, uma idade bastante avançada para um universitário, para começar a estudar, ou voltar a estudar, porque meu foco era outro, era ter meu próprio negócio, mas como outras coisas me aconteceram me vi obrigado a voltar a estudar para melhorar minhas condições – profissional e financeira – então foi fundamental.”

O entrevistado teve uma trajetória escolar bastante “truncada”, pois foi forçado a abandonar a escola para trabalhar na 7ª série, aos 13 anos de idade. Na época ele não conseguiu uma escola de turno noturno e nem o acesso, posteriormente, a Educação de Jovens e Adultos. Só retornou à escola quando conseguiu a vaga no turno noturno, o que, infelizmente, levou um tempo considerável. Ao retornar à escola e concluir o ensino fundamental, fez a prova para o ensino médio e cursou o ensino médio técnico no Colégio Daltro Santos, em Bangu. Na época em que concluiu os estudos já era pai, o que tornou sua trajetória escolar ainda mais complicada.

Somente aos 35 anos, conseguiu entrar em uma faculdade como bolsista do Prouni, formou-se em Ciências Contábeis pela Universidade Castelo Branco, suas expectativas eram basicamente profissionais, antes de seu ingresso ele trabalhava como vigilante, um emprego que lhe desgastava muito e trazia pouco retorno financeiro, permaneceu neste emprego nos dois primeiros anos da graduação, e foi durante a mesma que conseguiu se inserir na área, abandonando o emprego de vigilante. Ele nunca chegou a prestar vestibular para as faculdades públicas, não enxergava esta possibilidade em sua trajetória, o Prouni foi a grande oportunidade de acesso ao ensino superior.

“O Prouni gerou oportunidade para quem não poderia, não tinha condições, quando eu entrei estava trabalhando como vigilante e cursei um pré-vestibular pra fazer a prova pra faculdade pública, mas por eu ter ido trabalhar na Ilha do Governador²¹ não pude estudar mais, então eu vi a oportunidade de fazer o Enem na época e cursar a faculdade, então eu acho que ele (o PROUNI) deu essa oportunidade e está dando essa oportunidade pra muita gente que talvez não teria condições de pagar uma faculdade ou entrar na faculdade pública, que a gente sabe

21 A Ilha do Governador localiza-se no lado ocidental do interior da Baía de Guanabara, no estado do Rio de Janeiro. Compreende catorze bairros do município do Rio de Janeiro. Faz parte da região da Zona Norte do Rio de Janeiro.

que as vagas são bem reduzidas pra muita gente que quer estudar, então acho que foi muito válido, **foi um dos poucos programas, que na minha opinião, fez sucesso e foi bom pra população, para mim ele deveria continuar.**” (grifos nossos)

De acordo com ele, sua faculdade possuía inúmeros incentivos a pesquisa como Grupos de Pesquisa, Bolsas de Iniciação Científica, Congressos e Seminários, mas infelizmente ele só teve a possibilidade de se aproximar deste universo nos seminários que eram realizados pela faculdade, pois encontrou inúmeras dificuldades para cursá-la, a principal delas foi conciliar trabalho e estudo. Durante toda a graduação ele trabalhou durante o dia e cursou a faculdade no turno da noite. Além das dificuldades em relação ao tempo para estudar e se dedicar as atividades acadêmicas tinha também a questão da distância e do tempo de locomoção entre seu trabalho na Ilha do Governador/Centro da Cidade e sua faculdade localizada em Realengo – Zona oeste do RJ. Chegava sempre atrasado nas aulas devido ao trânsito, mas relata que os professores eram bastante compreensivos com a situação dos alunos-trabalhadores, e os colegas de turma também auxiliavam repassando a matéria. Não trancou o curso e concluiu sua graduação no tempo pré-estabelecido pela faculdade. Ele nunca se sentiu discriminado por ser bolsista do Prouni, tanto pelos professores, quanto pelos alunos, diz que esta informação era irrelevante para os mesmos.

“A faculdade mudou minha vida da água para o vinho, quando você cursa uma faculdade abre outros horizontes, você tem novas oportunidades, mesmo não sendo às vezes na área que você estudou, as oportunidades são melhores, você tem uma visão ampla de vários outros tipos de formações que você possa ter, de outras áreas que você possa pesquisar, se dedica mais, aprende a pesquisar melhor, faz uma grande diferença.”

Depois de formado ele nos relata que todas as suas expectativas em relação ao ensino superior foram atendidas, durante a graduação ele conseguiu se inserir na área de contabilidade e depois de formado cresceu no emprego – trabalha na mesma empresa até hoje e já foi promovido três vezes – e não parou por aí, ao se formar realizou uma pós-graduação – MBA em controladoria, auditoria e financeiro – em sua área e tem pretensão se continuar se especializando cada vez mais, através de outra pós-graduação e quem sabe outra graduação (administração) futuramente. Relata também sua satisfação em relação ao rendimento na nova função, bem diferente da sua profissão de vigilante no período anterior a entrada na faculdade. Devido aos aumentos em sua renda ao longo dos anos teve a possibilidade de comprar um carro e reformou a casa, que é a mesma em que morava antes do ingresso no ensino superior.

Seus pais tem o Ensino Médio completo – o pai trabalhou na área administrativa e a mãe era dona de casa –, o que para sua geração é algo de grande valia, tendo em vista que na época de seus pais o estudo não era uma prática valorizada socialmente, principalmente para as mulheres, que eram educadas para cuidar do lar e da família, sendo a educação escolar um caminho distante em suas trajetórias. Ele relata que seus pais sempre incentivaram os quatro filhos a seguir a trajetória educativa, mesmo separados auxiliavam nos estudos, cobravam responsabilidade, enquanto os filhos estiveram na escola estudar era uma obrigação. Sua mãe tinha mais este papel, devido também ao falecimento precoce de seu pai. Contudo, ainda que a família tivesse este pensamento em relação a educação, ele deixou a escola na 7ª série por necessidades maiores, como já dito anteriormente. Em relação ao Ensino Superior, ele não foi influenciado por ninguém, sua própria visão de mundo e perspectiva de vida o direcionaram a este segmento de ensino.

A família é composta por quatro filhos, um dos irmãos é formado em administração e trabalha na área. Ele também tem duas irmãs, uma delas tem necessidades especiais e não foi alfabetizada, mora com a irmã que é responsável pelos cuidados dela, esta irmã atualmente é dona de casa, pensionista, cuida da família e da irmã.

O entrevistado tem duas filhas (uma delas enteada) e nos diz na entrevista que sempre teve a preocupação em proporcionar uma boa educação para elas, assim como faz atualmente com os netos, que a faculdade ampliou e o possibilitou direcionar melhor o pensamento que ele sempre nutriu em relação a educação, passando para suas filhas que o único meio de melhorar de vida – intelectual e financeiramente – é através dos estudos, se mostrando sempre presente nas trajetórias escolares, auxiliando nas tarefas de casa e acompanhando seus rendimentos de perto, após sua formação só pôde comprovar aquilo que sempre falava em sua casa. Uma de suas filhas seguiu seus passos e faz Ciências Contábeis na UCB, mesmo sempre tendo demonstrado interesse pelas licenciaturas, a trajetória do pai foi de grande influência para alteração da escolha do curso. Sua outra filha concluiu o Ensino Médio e pretende fazer outros cursos. Seu genro também foi influenciado, já pensa em entrar em uma faculdade. O irmão também foi um membro da família que usou a trajetória dele como exemplo, depois que ele entrou na faculdade o irmão também ingressou e se formou em administração. O entrevistado diz que se considera um exemplo para a família, pois sempre enfatizou que qualquer um poderia entrar na faculdade, trouxe essa realidade para sua família que a via como tão distante de suas

possibilidades, e vendo alguém tão próximo conseguir traz uma motivação para aquele grupo tentar também.

Em relação a suas escolhas políticas, ele nos informa que não mudou de opinião, mas que se sente mais capaz de realizar análises sobre as conjunturas, buscar maiores informações, refletir sobre, para ver se suas convicções estão corretas ou não, tendo sempre a mente aberta para uma possível mudança de opinião após esta análise.

“O Prouni é muito importante em relação as políticas públicas porque ele gera oportunidades para as pessoas que vem do ensino público e não tem condições de entrar em uma faculdade pública, que querendo ou não são as melhores que tem no país, de concorrer de igual pra igual com outra pessoa no mercado, é a oportunidade para muitas pessoas, não é porque a pessoa vem de baixo e não tem grana que não vai conseguir passar para a faculdade pública, mas são poucos, a maioria tem que trabalhar e estudar, então fica mais difícil e o PROUNI dá essa oportunidade, gera mais vagas e caso ele não consiga numa pública pode ir pra particular, se formar, ter uma condição melhor, ter um curso superior, fazer uma pós-graduação. É uma política pública que seria fundamental que continuasse, e eu espero que continue. Enquanto as escolas públicas não oferecerem um ensino de qualidade e o jovem não puder só estudar, enquanto o jovem tiver que sair pra trabalhar e estudar ele perde na concorrência na hora de fazer uma prova, e as universidades públicas não tem vaga pra todo mundo, o PROUNI veio pra abrir portas nas faculdades particulares. Enquanto um aluno não puder entrar no pré-escolar, fazer um ensino fundamental e um ensino médio de qualidade, sem precisar trabalhar, para ter condições de brigar, aí pode até ser que acabe, mas hoje não chegamos neste patamar.”

Quando questionado sobre a política de cotas, se coloca a favor da cota social, porém em relação a cota racial ele diz que “tem que ter muita discussão”, levando em consideração que a grande maioria dos pretos e pardos são de origem popular ele acredita que ela seja válida, já com o Prouni as cotas poderiam ser retiradas, tendo em vista que o PROUNI já é uma ação afirmativa para quem pertence as camadas mais pobres da sociedade e oriundos da escola pública.

3.8. Liliane – O Prouni como meio de acesso ao emprego público

“Assim que eu terminei a faculdade prestei concurso para a Faetec e com certeza a pontuação que eu tive e o fato de eu ter conseguido ingressar em um concurso público, foi o arcabouço teórico que a

faculdade me deu, teórico e ponto. Hoje, estando em outro nível em um espaço público, eu vejo que a formação crítica passa longe, nada chega para gente, não tomamos conhecimento de eventos, de seminários, de debates, eu tive um excelente ensino teórico e ponto. Isso eu tenho que dizer que eu consegui entrar na Faetec devido ao ensino que eu tive na Unigranrio. O engraçado é que são esses mesmos professores que dão aula na UERJ, na UFRJ, na Unirio, mas eles não passam para gente esse debate crítico, acho que também o fato de sermos alunos-trabalhadores, que na minha turma era a maioria. Então é isso, o ensino e ponto, o que fez para minha vida hoje foi o fato de ter conseguido ingressar em uma instituição pública e ter uma faculdade.”

O Prouni foi sua primeira e única opção para o ingresso no ensino superior por meio de vestibular, ela não se sentia segura para tentar ingressar nas faculdades públicas devido ao seu ensino médio de baixa qualidade e pouco voltado para a realidade dos vestibulares. Estimulada pela escola realizou a prova do ENEM, e somente após a realização desta conheceu o Prouni e a possibilidade de cursar uma faculdade na condição de bolsista. Na primeira chamada não foi convocada e chegou a se matricular na Universidade Estácio de Sá para cursar Letras, pagando a mensalidade, entretanto, na segunda chamada do Prouni, ela foi selecionada e migrou para o curso de Pedagogia na condição de bolsista.

“Se eu não tivesse sido chamada pelo Prouni com certeza não teria concluído essa graduação, eu não teria tido condições de continuar pagando, eu ganhava na época cerca de 600 reais, a mensalidade custava em torno de R\$400, se você colocar passagem, mais as despesas, com certeza eu não conseguiria ter concluído. Eu acho que não só eu, mas muitas pessoas terem tido essa política foi a oportunidade de estar em uma universidade, ainda que fosse uma universidade particular. Se eu tivesse que ter tido que pagar uma faculdade com certeza não teria continuado. Não sei se tentaria um vestibular, que eu tenho pavor. Tendo vindo do curso normal, e **tendo a trajetória da minha família, a universidade pública nunca foi vista como o meu lugar**, o mais acessível era a privada e a forma que eu tinha de chegar lá era através do PROUNI.” (grifos nossos)

Cursou o ensino médio na modalidade normal e seu ingresso na faculdade foi visando ampliar horizontes já conhecidos durante sua fase escolar, tendo em vista que ambos os cursos escolhidos por ela se tratavam de licenciaturas, além disso, visava também uma ascensão profissional em sua carreira, atrelada a um aumento da sua renda.

Suas maiores dificuldades durante a faculdade foram em relação a mobilidade, moradora de Inhaúma – Zona Norte do RJ – cursava a graduação em Vicente de Carvalho – Zona Norte

do RJ –, durante o trajeto casa-faculdade em seu percurso passava pelo Morro do Juramento, onde haviam tiroteios constantes impedindo que ela chegasse até o local de suas aulas ou sair da faculdade para ir à sua casa, tendo que buscar dormitório em casa de parentes que moravam na área, havia uma certa compreensão por parte do corpo docente, muitas vezes, estes também não conseguiam se deslocar até a faculdade. Em relação as dificuldades financeiras, não sentiu tanto por sempre ter trabalhado, mas relata que seu salário todo era destinado as despesas com a faculdade: transporte, material didático, alimentação, entre outros.

Em relação a discriminação por ser bolsista em uma universidade privada, relata nunca ter sofrido, pelo contrário, seus colegas de turma achavam que ela era demasiadamente inteligente por ter conseguido ingressar na faculdade com uma bolsa de 100%. Por outro lado, diz que a faculdade em que estudava era pequena, com poucas turmas.

“Eu me sentia inferiorizada, na verdade, por estar cursando uma faculdade privada, eu achava que isso ia me fechar muitas portas no mercado de trabalho futuramente, o que não aconteceu, eu tive uma formação teórica tão boa que consegui passar em um concurso público”

As expectativas em relação a universidade foram superadas, no início era bastante desestimulada por conhecidos em relação ao curso de pedagogia, a sociedade tem um preconceito muito grande no que tange a pedagogia e suas atribuições, reduzindo o curso, com um arcabouço teórico e prático tão amplo, ignorando a real função e o valor de um pedagogo em nossa sociedade. Após sua entrada na faculdade, principalmente após sua formação, ela pode perceber que seus conhecidos estavam equivocados, que sua formação era bem mais ampla do que imaginava e para comprovar tudo o que pensava, foi aprovada rapidamente em um concurso público. A graduação foi só o início da sua trajetória acadêmica.

Após sua formação realizou uma especialização na mesma universidade de sua graduação, em seguida realizou outra especialização na UCAM e atualmente, aos vinte e oito anos, ela está cursando Mestrado acadêmico pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ela também se casou e se mudou com o marido para o mesmo bairro que residia no início da faculdade, realizou reformas em sua residência e comprou um carro, antes disso melhorou a residência da família com a aquisição de bens materiais que sua mãe almejava. Teve a possibilidade de realizar inúmeras viagens – a trabalho, congressos ou lazer – dentro e fora do estado do RJ, ela acredita que o fato de ser funcionária pública fez toda diferença em sua trajetória.

A entrevistada está grávida, mas tem um enteado, sua percepção de educação em relação aos filhos é a mesma que sua mãe passava para as filhas. Ela sempre enfatizou que as filhas tinham que conquistar uma independência financeira, realçava muito a emancipação feminina, ter uma profissão para não precisar depender de ninguém, sua mãe foi a grande influenciadora em seu processo educativo. A importância que sua família dava ao estudo fez toda diferença em sua trajetória, sua mãe tratava a educação como único meio de ascensão social e ela acredita que só chegou onde está por ter seguido os conselhos da mãe – que também cursou uma faculdade –, ela percebe a diferença quando observa primos, pessoas próximas que tenham idade semelhante à sua e não seguiram o caminho educativo.

Em relação às suas escolhas políticas ela diz que se tornou outra pessoa. O fato de ter sido beneficiária de uma política pública de ação afirmativa mudou sua concepção política. Entretanto, relata não ter percebido esta mudança em colegas também bolsistas, que não enxergam o Prouni como uma política de assistência do governo, criticando outros tipos de assistencialismo.

“Quando você entra em uma universidade privada com uma política de ação afirmativa, você já está assumindo uma postura política no momento em que você faz essa escolha, eu não vejo como mudar isso no meio do caminho, como de repente você voltar atrás e achar que o governo não tem que ter política assistencialista. Depois disso eu fui só buscando me inteirar mais, me informar mais, já que eu nunca fui antenada com política, eu acho que a gente é criada com aquela questão que política, religião e futebol não se discute, e a gente vê o quanto isso é feito para formatar a nossa cabeça e a gente continuar dentro da nossa caixinha, então hoje eu sei que política se discute sim, que justamente essa ausência de discussões que faz com que a gente fique alienado na mesma linha. Meu posicionamento político mudou e vem mudando cada vez mais.” (grifos nossos)

Quando a questioneei sobre a política de cotas, sua resposta foi bastante embasada, levando em consideração sua pesquisa de mestrado na área:

“Eu tenho uma crítica hoje, que na verdade é a bandeira da defesa das cotas raciais, pelo fato delas estarem dentro das cotas sociais, embora isto tenha sido um avanço dos movimentos sociais, eu acho que são coisas diferentes e que elas não deveriam estar no mesmo lugar, mas se foi assim que elas conseguiram ser aprovadas... Eu acho que as cotas ainda têm muito que ser discutidas, para as pessoas entenderem qual é a proposta desse recorte de vagas, mas foi um grande avanço no sentido de que outras pessoas como eu, que não era paupérrima, de uma classe baixa, mas não pobre como muitas pessoas são, de conseguir se enxergar, ter uma perspectiva de sair da educação básica. **Eu vejo as**

cotas hoje, quando eu converso com as pessoas, como uma grande placa dizendo ‘A universidade também é seu lugar’, para o negro, o pobre, o indígena, eu vejo como uma herança, um direito social de quem não tem condições de ter a mesma preparação, mesmo acesso, mas acho que ainda tem muito que ser discutido, tem que haver um avanço nesta discussão. Os alunos do ensino médio deixam de ser beneficiados pelas cotas por preconceito, por achar que são menos capazes e menos inteligentes caso se beneficiem das cotas, e não é por aí. Talvez eu não teria tido uma graduação se eu não tivesse sido cotista do PROUNI e muitas outras pessoas também. Ainda tem espaços, como as universidades federais da zona sul, que tem uma elite muito grande ali dentro, **a cota é para mostrar que ali é o seu lugar, que você pode chegar ali e tem que ocupar este espaço que também é seu, mas as pessoas ainda não conseguem ver desta forma. **As cotas são um avanço, uma grande porta de entrada para essa mudança social**, mas ainda há muito que se conscientizar em relação a isso, para quem elas são, para que servem, porque elas existem.” (grifos nossos)**

Seus planos para o futuro contemplam trabalhar com formação de professores, em uma universidade – pública ou privada –, para que ela possa desmistificar muitas informações, trabalhar questões políticas, trazer para os estudantes as discussões que ela não teve durante sua formação, só conseguida através do mestrado.

“Talvez se eu tivesse passado por uma universidade privada sem ser aluna de política pública ou até de uma universidade pública, eu não tivesse o mesmo posicionamento político e estivesse na turma do assistencialismo e desse discurso assistencialista. Hoje é um grande motivo de briga das pessoas, eu tenho muitas colegas de fenótipo branco que brigam comigo sobre cotas raciais e quando eu digo para elas que elas foram cotistas, porque o Prouni é cota, elas ficam assustadas, ‘você é branca, nariz fino, cabelo loiro e você foi cotista e você não é negra’, então a ficha meio que não cai para as pessoas, eu **vejo que o PROUNI foi minha porta de entrada para o nível superior, para minha mudança salarial e para o meu posicionamento político também**, embora eu saiba que isso não acontece com todo mundo, mas aí junta ser mulher, negra, você tem que estar com o peito aberto para brigar, não tem jeito.” (grifos nossos)

Ela também realiza uma análise acerca dos interesses por traz da política pública, que apesar do impacto gerado na trajetória de muitas pessoas de origem popular beneficia empresas privadas:

“Na verdade, existe uma outra discussão, por trás do PROUNI, desse financiamento das universidades privadas, tem interesses muito

particulares, o que eu não paguei de faculdade alguém recebeu. Eu acho que tem que haver um estudo, uma análise por parte de especialista na área, porque talvez exista outro meio de se investir, que obviamente não será agora, pois estamos em uma época de corta tudo, de recessão e não de discussão, novas propostas. **O Prouni é muito bom, isso eu não tenho como negar, dá realmente oportunidades, só que por trás disso tudo tem alguém recebendo, e muito.** A necessidade de reavaliar o que se gasta e como se gasta e se não existe a possibilidade dessa verba ser investida em universidades públicas, que estão cada vez mais sucateadas e na própria educação de base. De repente a ampliação de vagas na universidade pública e a melhora na educação de base seriam uma outra forma de assistir aos estudantes de baixa renda e/ou negros de entrarem na universidade. É uma política pública positiva, mas ela é questionável e discutível. Será que não tem outra forma de investir esse dinheiro sem ter que financiar as universidades privadas? Existe uma série de políticas que podem ser feitas para assistir esse público que busca o PROUNI. ”

Sua passagem pela universidade também influenciou alguns membros de sua família a ingressarem em uma faculdade, seja como exemplo, fornecendo informações e encorajando pessoas, se tornando uma referência naquele espaço, direcionando estas pessoas para o caminho da educação. Ela acredita que hoje com o SISU a entrada na faculdade pública também ficou mais fácil.

3.9. Juliana – Da baixada fluminense para a puc: ampliando as perspectivas de vida

“Por mais que eu tivesse também passado para uma federal, eu acho que a vivência seria diferente, a vivência que eu tive na PUC foi muito ímpar, me possibilitou ter uma infraestrutura absurdamente excelente, ter professores gabaritadíssimos.”

A entrevistada foi a primeira de sua família a ingressar em uma faculdade, oriunda de uma família bastante humilde, com pais pouco escolarizados – sua mãe cursou até a antiga quinta série e seu pai até a antiga segunda série – mas sempre preocupados com sua educação e presentes em sua formação escolar, sempre valorizando a educação e a enxergando como única forma de ascensão social, incentivando os filhos, que não precisavam trabalhar, a estudar, se dedicar para melhorar de vida. Ela levou estes conselhos muito a sério e sempre buscou estudar e se aprimorar cada vez mais. Seu irmão já seguiu o caminho inverso, dois anos mais novo, abandonou a escola no final do ensino médio para trabalhar, o anseio pelo retorno financeiro imediato falou mais alto e os estudos acabaram ficando em segundo plano. Anos depois, ao

conseguir um emprego de carteira assinada e se deparar com a situação de não ser promovido por não ter concluído a educação básica, a necessidade de conseguir a certificação do ensino médio se mostrou necessária e ele realizou a prova do ENEM sendo aprovado e conseguindo o certificado. Sua irmã tentou convencê-lo a cursar uma faculdade, mas não obteve sucesso, tendo em vista que ele não queria “gastar dinheiro pagando faculdade, que estudar não é para ele, que não gosta e não quer”, contudo, ainda não desistiu de tentar direcioná-lo para o caminho da educação. Entretanto, sua entrada na faculdade foi a motivação de outros seis membros de sua família a ingressar na faculdade, dois deles no mesmo ano, sendo que um foi seu tio com quarenta e três anos.

Ela afirma que quando tiver filhos não pretende colocá-los na escola privada, acreditando que a escola pública traz uma lição de vida para o indivíduo e contato com a diversidade, ela acredita que sua trajetória como um todo reflete também sua vivência na escola pública, além disso, se hoje ela tem um diploma da PUC é em razão da sua trajetória escolar no ensino público. No caso de seus pais não foi uma opção matricular os filhos na escola pública, eles realmente não tinham condições de proporcionar outro tipo de educação.

Quando prestou o vestibular, por influência da madrinha, que custeou seu curso pré-vestibular, optou pelo curso de direito em uma das universidades públicas e para as demais universidades o curso de pedagogia, que sempre foi sua principal escolha, desde os catorze anos ela sabia que queria ser professora. Ela chegou a ser aprovada para UFRJ no curso de Pedagogia, mas como o resultado do Prouni e desta universidade saíram concomitantemente ela optou em ser bolsista e estudar na PUC – fato bastante observado neste trabalho no que tange aos egressos da PUC – além disso, o fato da PUC oferecer um auxílio permanência também foi fundamental, já que ela não teria condições de se manter em uma faculdade pública. Em relação ao curso de direito, foi chamada em uma das reclassificações, como já estava cursando Pedagogia pela PUC não foi assumir a vaga.

Suas expectativas ao início da faculdade eram a mudança de vida, aos dezoito anos ela já havia concluído o curso normal e poderia exercer a profissão de professora, entretanto, não lhe proporcionaria uma ascensão financeira e uma possibilidade de melhoria de vida para ela e sua família. Quando concluiu o curso normal suas maiores aspirações eram trabalhar em uma escola conceituada do bairro, estudar a noite na Unigranrio – faculdade localizada em Caxias, bairro da Baixada Fluminense – próxima de sua residência. Somente no último ano do ensino médio

ela vislumbrou outros horizontes, descobrindo assim a possibilidade de ingressar em uma universidade como a PUC.

A faculdade lhe permitiria avançar mais, ter uma habilitação para conseguir empregos melhores e proporcionar essa melhora de vida tão sonhada. Apesar do seu primeiro emprego não ter sido por intermédio da faculdade, o concurso que ela realizou exigia somente a formação do ensino médio normal, outras oportunidades galgadas lhe exigiriam esta formação. Além disso, a faculdade lhe proporcionou uma ascensão dentro da própria carreira, já que por ser aluna da PUC foi convocada para ser coordenadora de um projeto no município do RJ.

Em relação a PUC, as expectativas eram muitas, logo que ingressou na faculdade percebeu o quão voltado o ensino é para a área acadêmica e de pesquisa, a todo momento os alunos eram incentivados a ingressar em grupos de pesquisa e participar das diversas atividades. Ela acredita que a PUC não oferecia formação suficiente para se trabalhar em escolas públicas, em locais de baixa renda, a formação era mais voltada para exercer a profissão em escolas da zona sul, lidando com aquele público. Entretanto, com o Prouni o público da PUC se pluralizou e houve a necessidade de uma discussão sobre o currículo, eles passaram a receber alunos da baixada, de locais mais humildes da cidade, alunos que só ingressaram naquele espaço graças a uma política pública e só conseguiam se manter em decorrência do auxílio oferecido pela instituição, este público quando formado teria interesse em realizar concurso público, trabalhar nas prefeituras, estado, com um público que difere totalmente do habitual das antigas turmas da PUC. Além disso, para as demais alunas de sua turma que não haviam realizado o ensino médio na modalidade normal, esta entrada em sala de aula seria ainda mais complicada, inclusive recorriam muito ao auxílio dela para estas questões.

Sua maior dificuldade foi o choque cultural entre a menina que saía de São João de Meriti – bairro da Baixada Fluminense – e suas colegas de classe oriundas da zona sul. A questão socioeconômica era algo que predominava na PUC, os bolsistas sofriam preconceito de diversas formas, principalmente do que tange a bagagem cultural, a vivência que os alunos de origem popular não tiveram, este discurso era constante, proferido na frente de professores e funcionários que ficavam sem reação diante dos inúmeros episódios.

A faculdade assumia uma postura contra este tipo de discriminação, chegou a realizar um estudo em relação as notas dos bolsistas e dos pagantes, em que os primeiros possuíam um desempenho mais elevado, contudo, alguns dos alunos pagantes ainda afirmavam que se tornariam profissionais superiores aos bolsistas por terem uma vivência cultural elevada, os

humilhando constantemente. Mesmo com todas estas questões, os alunos bolsistas faziam questão de se identificar, algo que os professores/faculdade não faziam, eles eram os primeiros de sua família a ingressar em uma faculdade, fato que só foi possível através de uma política pública, em que eles tiveram que realizar uma prova, ter um ótimo desempenho para que conseguissem a gratuidade, logo isto era motivo de muito orgulho para eles.

Em relação à mobilidade de São João de Meriti-Gávea ela relata que no início foi muito difícil, ela não conseguia sequer tempo para estudar, além disso o transporte público lotado deixava sua rotina ainda mais desgastante. Sua tia, que morava no Anil – Zona Oeste do RJ – ofereceu que ela se mudasse para sua casa, apesar de não ser próximo da faculdade, ela iria pegar somente um ônibus, reduzindo significativamente seu tempo de deslocamento.

“Ter a vivência desse choque cultural, isso foi muito rico para mim, para quem entrou comigo no Prouni e para quem era pagante, mais para o final do curso tivemos alguns momentos de conversar sobre isso e as pessoas falavam como aprenderam com a gente e como aprendemos com elas. O Prouni foi fundamental, sem o Prouni eu não teria a oportunidade de ter essa vivência nesse lugar, acho que até faria uma graduação, talvez uma faculdade particular bem mais barata ou uma federal, mas aquela vivência naquele momento se não fosse o Prouni eu não teria tido, com toda a certeza”

No início do terceiro período foi convocada para o concurso público que havia passado, sua rotina na faculdade ficou bastante complicada, mas ela conseguiu conciliar trabalho e estudo, entretanto, relata que muita da vivência acadêmica foi perdida, já não havia possibilidade de participar de determinados espaços de eventos, palestras, seminários, além do tempo de estudo. Além disso, levou dois anos a mais para se formar, devido a pouca flexibilidade fornecida pela PUC em relação aos horários das disciplinas, cogitando inclusive pedir uma transferência – por receio de perder a bolsa do Prouni – quando a faculdade não lhe dava soluções e ela não conseguia concluir o curso. A faculdade não estava preparada para receber um perfil de aluno-trabalhador.

“O Prouni me possibilitou cursar uma faculdade de excelência e como eu dei muita sorte de conseguir um trabalho que me deu a possibilidade de continuar estudando, eu consegui conciliar trabalhar e estudar, porque se não tivesse conseguido iria optar pela minha formação, apesar de precisar muito do dinheiro. Eu tive uma oportunidade que poucas pessoas tiveram e eu valorizava isso, quando me surgiu a possibilidade do concurso, apesar de precisar muito, eu não iria abrir mão da formação que eu estava tendo, porque eu não teria em outro lugar, não daquela maneira. Meu salário era R\$900,00 a mensalidade da PUC

R\$2.500,00 eu nunca teria condições de pagar pela PUC, e se eu fosse cursar uma outra faculdade eu não teria a formação que eu tive na PUC”

Sua passagem pela faculdade contribuiu muito para sua vida, culturalmente ampliou imensamente seus horizontes, além da área acadêmica, a PUC enfatizava muito esta formação e ela reconhece que se estivesse sido bolsista em outra instituição hoje, aos vinte e sete anos, ela dificilmente teria concluído um mestrado acadêmico. Além do mestrado ela realizou uma pós-graduação em sua área e iniciou um curso de línguas, mas não chegou a concluir. Suas expectativas ao início da faculdade foram mais que superadas na PUC, que desde os primeiros períodos ela já começou a pensar além. Em relação as viagens realizadas, a faculdade também superou suas expectativas, antes do ingresso na PUC, ela só havia realizado duas viagens dentro do estado do RJ, após seu ingresso na universidade, logo no início já teve a possibilidade de sair do estado, visitar inúmeras regiões do país e realizar uma viagem internacional.

Ao realizar uma breve avaliação sobre a política pública do Prouni, ela reflete sobre sua trajetória relacionando com a de outros bolsistas que não tiveram a mesma oportunidade de frequentar uma universidade como a PUC, que oferecia uma formação de excelência, auxílio permanência, incentivos a pesquisa, entres outros. Além disso, reitera a importância do auxílio permanência fornecido pela PUC, fundamental para muitos estudantes e inexistente em outras faculdades:

“No meu caso, especificamente, ali onde eu estava se eu não tivesse essa ajuda da PUC eu não ia conseguir me manter, sem a estrutura que a universidade oferecia, que também só oferecia por ser uma universidade filantrópica, apesar do valor exorbitante oficialmente não visa lucro, visa o desenvolvimento acadêmico. Eles tinham essa preocupação em ter esse setor que auxiliava os alunos financeiramente, quem morava muito distante conseguia pensionato com freiras, é uma estrutura da universidade, eu não sei se só a bolsa ajudaria. Quando eu passei fiquei pensando, porque o auxílio se eu passasse pela triagem só começaria no segundo semestre, a minha renda familiar era menos de quinhentos reais para uma família de quatro pessoas, para eu me manter no primeiro semestre minha mãe fez uma campanha arrecadando dinheiro, passando rifa, alguns parentes ajudavam, o primeiro semestre é muito sofrido. Não almoçava na faculdade o bandeirão da PUC é muito caro, ou eu tirava xérox ou comia um pão de queijo – que era mais barato que o salgado –, isso foi no primeiro semestre, imagina isso uma graduação inteira, você não consegue. Sem esse auxílio a pessoa consegue se virar um semestre, talvez dois, mas a faculdade inteira não dá.”

Relata que antes da faculdade não possuía um posicionamento político, suas concepções de mundo eram muito restritas apenas ao local em que residia. A faculdade foi a grande responsável por esta mudança em sua vida. Principalmente no que tange a reflexão sobre seu papel dentro daquela universidade, como bolsista de uma das políticas públicas de maior visibilidade do país. Em relação a política de cotas, ela diz ser muito complexa esta discussão, que não possui uma opinião formada, se coloca a favor da política, porém não sabe se os critérios utilizados são os mais adequados. As camadas sociais têm que ocupar espaços anteriormente negados, porém ainda reflete se o correto seria a cota racial, ou uma cota estritamente econômica, tendo como panorama sua própria trajetória – na condição de ter a pele branca e ser de origem popular – acredita que a cota deveria visar muito mais as questões econômicas.

Quando concluiu seu mestrado, tinha planos de seguir carreira acadêmica e dar aula no ensino superior, entretanto ano passado ela foi aprovada em um concurso federal para ser professora da educação básica no Colégio Pedro II, trabalhar com a faixa etária de sua preferência com o reconhecimento financeiro que tanto almejava, seus planos foram alterados, ela quer cursar o doutorado, mas continuar no atual emprego trabalhando com crianças.

CAPÍTULO 4

DESCOBERTAS E PERSPECTIVAS

A presença de estudantes de origem popular no ensino superior é um fenômeno relativamente recente no cenário educacional brasileiro, já que remonta à década de 1990, quando o maior número de concluintes do ensino médio, a presença de movimentos de juventude, como os pré-vestibulares populares, e a incidência de algumas políticas universitárias de ação afirmativa, como as cotas raciais, ampliaram as possibilidades de ingressar na universidade para jovens que tinham, até então, como teto máximo de escolaridade a conclusão do ensino médio ou de alguma modalidade de curso profissionalizante. No entanto, passada mais de uma década, a adoção de ações afirmativas de caráter racial ainda divide opiniões, mobiliza discussões acaloradas e aponta a necessidade de se aprofundar pesquisas sobre estratégias de enfrentamento das múltiplas desigualdades brasileiras.

Após perpassar todo esse emaranhado de relações, expectativas, desejos e sentidos presentes em cada fala de nossos entrevistados, vemos como necessário assentar toda a discussão recolocando-a na esteira das políticas e estudos voltados para a juventude. Isso não é uma questão simples, tendo em vista a própria complexidade das discussões entorno da ideia de juventude – envolvendo as idades da vida, “relacionadas ao desenvolvimento biofísico das pessoas”, mas envolve também atribuição de significados, por sua vez, influenciados por “resultados de diferenças culturais e processos históricos”. Nesse sentido, “ao longo da História, a noção de Juventude expressa diferentes sentidos. Desta maneira, ao falar de crianças, jovens e idosos estamos sempre falando sobre as diversas maneiras de estabelecer as relações entre gerações construídas por diferentes culturas e sociedades” (ABRAMO, 2014).

4.1. Justificando o Campo: a importância do estudo de trajetórias e biografias para a construção de produto científico.

Em nosso trabalho a trajetória dos indivíduos, dando voz a estes, privilegiou o sentido próprio dado por eles a partir de como enxergam sua própria história. Desta forma podemos considerar o material aqui exposto como indicador do sentido que o Prouni – ou uma política pública que atende em grande parte a juventude – possui na vida dos seus beneficiários. Pois como elucidada Bourdieu:

“Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário”. (2006:184)

Podemos considerar também, que além dos dados elaborados como indicadores – acerca da família, inserção no mercado de trabalho, mobilidade – ficou clara a importância de apreendermos a *trajetória subjetiva* dos egressos – inclusive para uma melhor interpretação daqueles indicadores mais objetivos –, como DUBAR expõe, ao recuperar discussão feita por artigo de Jean Claude Kaufman (1994) acerca do próprio daquele autor:

“O primeiro que Kaufman nos propõe chamar de processo identitário individual é, geralmente, apreendido a partir de produções de linguagem do tipo "biográfico" e diz respeito às diversas maneiras pelas quais indivíduos tentam dar conta de suas trajetórias (familiares, escolares, profissionais...) por meio de uma 'história', no intuito, por exemplo, de justificar sua 'posição' em dado momento e, às vezes, antecipar seus possíveis futuros. ” (DUBAR, 1998:1-2.)

Para nós foi importante este tipo de abordagem, onde os *processos identitários individuais*, no sentido em que seu ponto de partida está no relato do próprio "percurso" por um indivíduo, numa entrevista de pesquisa DUBAR (1998), ganha o centro das atenções, dentro de um programa que atinge um público bastante variado. Principalmente, num momento, concordando com NOVAES (2007), que “Pelo mundo afora, são os jovens os mais atingidos: tanto pelas transformações sociais, que tornam o mercado de trabalho restritivo e mutante, quanto pelas distintas formas de violência física e simbólica”, ouvir como alguns jovens se moveram nesse cenário, obtendo sucesso inclusive, é exercício, a nosso ver, fundamental.

“Inúmeros estudos no campo da sociologia da educação, desde então, têm tratado de temas tais como a capacidade de a educação promover mobilidade e maior igualdade, procurando calcular as chances de crianças de diferentes origens de classe de alcançar vários estágios no processo educacional. Alguns desses estudos, mesmo não tratando de um conceito mais amplo de “valor social da escola”, focalizam os efeitos tanto de atributos socioeconômicos como de certas práticas escolares sobre um aspecto que se associa aos interesses deste estudo, qual seja, as aspirações e as escolhas educacionais e de carreira dos alunos. ” (COSTA; KOSLINSKI, 2006:136)

De maneira geral, as trajetórias são consideradas aqui como de sucesso, já que muitas das aspirações dos indivíduos egressos do PROUNI obtiveram suas expectativas alcançadas, inclusive muitas expectativas que surgiram após a entrada num curso de nível superior e por

conta dessa inserção e de todas as experiências derivadas dessa. Mesmo de trajetórias que passaram por oscilações, podem-se tirar muitos aspectos positivos, pela forma como o indivíduo pôde se colocar de maneira diversa frente ao mercado de trabalho, possuindo nível superior, bem como por suas redes terem sido ampliadas e por – como aparecem em muitas falas – mudar as visões de mundo. Considerando ainda que, no caso dos jovens, a experiência ou in experiência no mercado de trabalho é um período crucial para sua redefinição identitária, o PROUNI trouxe maior segurança diante das incertezas do mercado, e dos desafios que pareciam inalcançáveis – muitos achavam que não seria possível atingir o ensino superior, mas já fizeram até pós-graduação.

4.2. Educação como Meio Propulsor de Mobilidade Social e Ascensão Profissional

No que tange aos três entrevistados egressos da PUC, com pais pouco escolarizados, oriundos de classes populares, contradizendo vários estudos básicos sobre o tema, apresentaram uma maior mobilidade em relação aos demais, como nos traz Barros (2010:87):

“A mobilidade social que caracteriza a trajetória desses jovens deve ser pensada a partir de suas biografias e das trajetórias familiares. Elas são fundamentais para entender como jovens oriundos de famílias de baixa escolaridade, com condições de trabalho precárias, entraram para a universidade e estão buscando postos de trabalho que mais se aproximam de suas aspirações profissionais e financeiras, identificadas pelo prestígio e status. De certa forma, a avaliação dos economistas que atribuem à educação as melhores condições de acesso a bens é reproduzida no discurso positivo dos jovens sobre a aquisição de capital educacional e cultural.”

É notório que a PUC proporcionou a seus egressos uma formação diferenciada, inclusive presente em várias entrevistas, anexa a uma preocupação em relação a qualidade da educação oferecida pelas demais universidades. Não acreditamos ser mera coincidência a relação dos três egressos da PUC com a maior mobilidade observada. Concordando ainda que “As desigualdades educacionais, caracterizadas principalmente pelas baixas taxas de universalização de educação média e superior no Brasil, acentuam a heterogeneidade do que pode ser denominado de *estruturas de transições*” (CARRANO, 2008), podemos notar que houve uma mobilidade considerável entre os demais entrevistados – mesmo quem continuou morando no mesmo bairro de antes, conseguiu mudar sua “posição” profissional completamente, por exemplo, observando que a maioria se encontra em empregos públicos ou de grande prestígio – como multinacionais, por exemplo.

Como indicamos ainda no início de nosso trabalho a centralidade do aspecto acesso ao mercado de trabalho é ponto fundamental nas expectativas dos jovens, o que nossas entrevistas vieram confirmar. Ficou notória a opção pelo ensino superior – ao entrar mesmo em cursos que não eram os almejados no início – como essa oportunidade de melhor se inserir no mercado de trabalho. Daí extraímos também um dos grandes papéis do Prouni, pois vendo o quadro que nos apresenta Peregrino:

“Se levarmos em conta que a partir dos 18 anos a predominância do trabalho sobre a escola é realidade para a imensa maioria dos brasileiros, veremos que o aumento discreto da representação da escola nesta faixa etária, no período demarcado não é suficiente para justificar a queda significativa da representação do trabalho nesta faixa da juventude. Provavelmente, o que estamos vendo é um aumento das dificuldades de penetração dos jovens extremamente pobres, nesta faixa etária, no mercado de trabalho.” (2014:4)

Podemos considerar que o Prouni, no mínimo, incidiu nas “condições de possibilidade” (Bourdieu) de seus beneficiários:

“Martuccelli (2007) assinala que os indivíduos, ao serem obrigados a se defrontar com obstáculos diversos (provas ou desafios), socialmente produzidos e diferencialmente distribuídos, podem ter êxito ou fracassar, tal como ocorre em toda a prova no sentido mais escolar do termo. As provas não são independentes das posições e dos contextos sociais realmente vividos, mas são heterogêneas no interior de uma mesma posição social e dos contextos de vida semelhantes. Sendo múltiplas, explicariam os sentimentos plurais que experimentam os atores uma vez que o que ganham em determinado momento podem perder em outra ocasião.” (Carrano; Marinho; Oliveira, 2015, p. 1441)

Pelas trajetórias trazidas em nosso trabalho, podemos levantar a ideia que o Prouni modificou as “condições de possibilidade” de seus beneficiários, enfrentando as provas com que se deparam em seus contextos – que por sua vez, mostraram-se, de fato, bastante heterogêneas, levando em consideração que todos podem ser considerados de origem popular – ganhando em boa parte dos momentos, mas também perdendo, contudo mesmo nessa perda – o que poderia caracterizar uma trajetória descendente -, perde-se mas com um “campo de possibilidades” mais abrangente a vista. Entendemos que os bolsistas desenvolveram uma espécie de *inteligência institucional*²² – tal como diz Jailson de Souza e Silva, quando comenta

²² “Ela revela-se através do grau de compreensão manifesto pelos alunos sobre as regras do jogo no campo escolar e a maneira de jogar com elas.” (p.126)

sobre a *capacidade de jogar* com as normas disciplinares (isso poderia ajudar a interpretar inclusive a fala de alguns de nossos entrevistados, quando falam, em alguns casos, do preconceito contra os bolsistas) – na medida em que se movimentaram da melhor maneira para extraírem os resultados que esperavam do curso superior e até mesmo por modificar em alguns momentos o que esperavam do curso que faziam, na instituição em que faziam²³ e nas condições em que faziam o ensino superior.

“Enxergando por esse prisma é possível afirmar que os condicionantes sociais que delimitam determinada estrutura de transição (processo de mudanças para distintas situações de vida) interferem na constituição das trajetórias sociais dos jovens, na constituição de seus “modos de vida” e na possibilidade que encontram de elaborar seus sentidos de futuro.” (CARRANO, 2008, p.68.)

Portanto a problemática, suscitada por Adalberto Cardoso, que comentamos no início de nosso trabalho, de que agora, os jovens transitam da *escola para a força de trabalho*, não necessariamente empregada, ou para a inatividade pura e simples”, deve ser problematizada através das condições que passam para força de trabalho. Podemos dizer que o PROUNI colocou os jovens aqui entrevistados em outra condição, já que na grande maioria dos casos romperam uma das maiores provas colocadas para a juventude nos últimos anos, tal como explicita Peregrino:

“Os dados comparados mostram, portanto, que se as políticas de correção de fluxo têm refletido avanços nos indicadores de educação, mostrando efetiva melhora nos números que medem a “fluidez” dos processos educativos experimentados, com particular importância entre os jovens mais pobres, essas melhoras não têm se traduzido, para este conjunto, em ampliação das oportunidades de trabalho. O que percebemos é que permanecem as dificuldades para a penetração dos jovens mais pobres no mundo do trabalho, apesar do acesso a patamares mais amplos de escolarização.” (2014:5)

Nos casos dos egressos entrevistados o que ficou evidente é que a perspectiva dos jovens estava para além da realização do curso superior em si, diferente do que aponta o trabalho já utilizado anteriormente de SILVA (2011) nesse ponto, mas igual a outro aspecto encontrado por aquele autor, no sentido do programa ser visto “como um instrumento para a melhoria da posição social”, bem como os outros aspectos, quando o autor diz: “Eles acreditavam que a realização do curso ampliaria o acesso a novas referências culturais, a campos profissionais

²³ É notória a questão de menores possibilidades em desenvolverem o aspecto da pesquisa dentro do ensino ofertado pela maioria das universidades onde os bolsistas cursaram o ensino superior – com exceção dos que ingressaram na PUC, tanto pelo que a universidade oferta de possibilidades de pesquisa, quanto pelas condições que a universidade oferece a partir de uma bolsa de auxílio permanência.

mais qualificados e com maior retorno financeiro e/ou daria oportunidade para uma ascensão profissional do Serviço Público, dentre outras possibilidades.”

É inegável como os “modos de vida” se alteraram, pelas redes de relacionamento interpessoal, pelos interesses, principalmente relacionadas a atividades e eventos culturais (leitura, espaços como museus, viagens), pelas perspectivas profissionais, sempre numa orientação progressiva (tanto por querer empreender, quanto por se estabilizar crescendo em alguma carreira), e por conquistas materiais, construção ou reforma de casa, saída da casa dos pais, automóvel, eletrônicos etc. Verifica-se que o campo de possibilidades se expandiu, até mesmo através das movimentações cotidianas – ainda que com dificuldades na maioria das vezes – ocasionados pela inserção numa universidade, em outro bairro, em outra cidade em alguns casos. Isso remete a consideração de que:

“A cidade como espaço de práticas educativas não se resume ao âmbito das aprendizagens institucionais, tais como aquelas que ocorrem na escola e em outros espaços não escolarizados de aprendizagem constituídos com a intenção pedagógica de educar. A cidade pode ser considerada educativa também no sentido ampliado de espaço-tempo social de relacionamentos, experiências públicas, compartilhamento de significados e vivência de situações conflituosas mais ou menos bem resolvidas pelos sujeitos.”
(CARRANO, 2008:63)

Podemos considerar então que o campo de possibilidades foi alterado em grande parte pelo papel educativo das redes que os egressos construíram ao passar e para passar pela universidade, desse modo o Prouni incidu nos “percursos juvenis” de nossos entrevistados:

“O mundo do trabalho, as relações familiares, a participação em atividades educativas orientadas, a participação no circuito de produção e consumo de mercadorias culturais, os percursos pela cidade, o acesso à fruição de bens culturais materiais e imateriais, a vivência ou negação da experiência pública da circulação pelas ruas e espaços públicos, dentre outras possibilidades desigualmente distribuídas pelo tecido urbano, compõem uma complexa rede educativa que envolve espaços formais de aprendizagem e possibilidades para experiências informais que configuram a dimensão educativa de uma cidade.”
(CARRANO, 2008, p.63.)

O Prouni possui muitas lacunas, talvez a principal delas, apontadas pelos entrevistados, é a falta de garantia de permanência, situação vivenciada também pelo estudante de origem popular que está cursando uma universidade pública e “gratuita”. Em suma, o Prouni foi a principal política pública de financiamento voltado para a educação superior, o que, por si só, já justifica o interesse em conhecer os efeitos desse programa.

4.3. Uma Breve Discussão sobre a Relação da Política com os Incentivos ao Setor Privado

Há uma tendência presente no campo de estudos que trata políticas públicas de classificar e hierarquizar rigorosamente as iniciativas. Assim, por financiar a educação privada, o Prouni é classificado no rol das chamadas políticas “neoliberais”, o que leva que a maioria dos estudos se voltem para a análise de aspectos negativos do Programa. Sem dúvida, o Prouni significou o poder de barganha do setor empresarial que domina a educação superior no país, sem dúvida ofertou, em geral, uma educação de menor qualidade (sem pesquisa, sem extensão) e não há porque não pensá-la no campo das políticas “neoliberais”. Inclusive, essa temática surgiu em várias entrevistas na qual os egressos mencionam uma preocupação com os rumos do programa e as altas isenções destinadas ao empresariado.

É notório que o PROUNI democratizou o acesso à educação superior da população jovem, como previa uma das metas do PNE, tendo também grande aceitação por parte desse público, porém o que entra em discussão é até que ponto essa democratização está sendo eficaz, no sentido de fornecer esse benefício a quem realmente precisa, e que a verba pública seja utilizada de forma responsável, sendo fiscalizada pelos órgãos competentes e remediada para que o programa se torne, cada vez mais, um instrumento real de democratização do ensino superior as camadas menos favorecidas da sociedade. O programa contou com uma auditoria²⁴ realizada

²⁴ Não iremos nos aprofundar na temática por não ser o objetivo central da pesquisa, entretanto, como observamos em várias entrevistas a preocupação e crítica dos egressos em relação aos rumos da política, trouxemos uma breve discussão e indicação de leitura da auditoria e dos dois monitoramentos para maiores esclarecimentos: Tribunal de Contas da União. Relatório de auditoria operacional: Programa Universidade para Todos (ProUni) e Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)/Relator Ministro José Jorge. – Brasília: TCU, 2009. Disponível em: <http://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?inline=1&fileId=8A8182A14D92792C014D9283C47B77D7>. 1ª Relatório de Monitoramento do Tribunal de Contas da União. Monitoramento dos acórdãos 816/2009 e 2043/2010, ambos do plenário. Auditorias operacionais. Programa universidade para todos (PROUNI) e no fundo de financiamento ao estudante do ensino superior (Fies). Avaliação do cumprimento e implementação das determinações e recomendações expedidas. Constatação de melhorias e avanços na gestão e controle dos programas. Necessidade de continuidade do monitoramento. Autorização. Comunicação. Arquivamento. Brasília: TCU, 2011. Disponível em: <http://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?inline=1&fileId=8A8182A14D92792C014D928464122E93>. 2ª Relatório de Monitoramento do Tribunal de Contas da União. Monitoramento. Acórdãos 816/2009 e 2043/2010, ambos do plenário. Auditorias operacionais nos programas PROUNI

pelo Tribunal de Contas e dois monitoramentos do mesmo, em que diversos pontos foram debatidos e soluções foram apontadas para que houvesse um melhoramento da política pública.

No entanto, a despeito de tudo isso, o Prouni teve um tremendo impacto sobre seus beneficiários, como este estudo de caso buscou mostrar e foi seu principal objetivo. Isso nos leva a pensar que para se pesquisar nesse campo deve-se buscar sempre analisar os muitos planos que envolvem uma política pública, com especial atenção aos seus efeitos inesperados.

4.4. Descobertas

A primeira grande “descoberta” do trabalho é que não há um modelo único de política capaz de garantir a democratização educacional. O exemplo das políticas de acesso e permanência na universidade implementadas no país nos últimos anos exemplifica perfeitamente isso. O Prouni “coube”, como afirma Abramo (2009), na vida de um perfil de jovem que não conseguiria cursar a universidade mesmo conseguindo acessar instituições públicas, fosse pela distância de casa e do trabalho, fosse por precisar combinar educação e trabalho, optando por cursos noturnos nem sempre disponíveis em universidades públicas. Assim, à medida que a universidade foi se tornando uma possibilidade concreta para grandes parcelas da juventude, materializando o direito à educação, foi necessário combinar diferentes políticas para públicos também distintos. Para os egressos aqui analisados, as questões da localização e do turno oferecidos tiveram relevância na escolha pelo Prouni. Foi necessária uma política específica que ofertasse possibilidades e percursos não contemplados por outras políticas igualmente importantes, como o ENEM, as cotas ou as bolsas de estudos.

Decorrente dessa primeira questão, uma segunda “descoberta” importante da pesquisa foi igualmente trivial e, por isso, uso o termo descoberta entre aspas. Ou seja, analisar políticas focais como o Prouni ajuda a reforçar a visão de que as mudanças educacionais se dão a médio e longo prazos. A passagem pela universidade não representa um portal mágico de cidadania que coloca os sujeitos em situações radicalmente distintas das quais se encontravam. Nos casos

e Fies. Segunda avaliação. Elevado nível de implementação das deliberações do TCU. Encerramento do ciclo de monitoramento. Comunicações. Apensamento. Brasília: TCU, 2013. Disponível em: <http://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?inline=1&fileId=8A8182A14D92792C014D92845BB81DE2>.

analisados, a passagem pela universidade ajudou a garantir uma certa mobilidade social a seus egressos, visível na situação de trabalho e domicílio que têm, correspondente ao padrão do extrato de classe média que pertencem. Inicialmente, usamos o conceito de “ascensão social”, mas que em pouco tempo se mostrou um pouco grandiloquente para descrever mudanças pontuais de posição e/ou consolidação de uma trajetória familiar de ascensão, já que de acordo com Azevedo: “as trajetórias de mobilidade social são caracterizadas pela curta distância. As pessoas subiram na hierarquia socioeconômica mas subiram, em geral, para o degrau imediatamente superior ao que seus pais ocupavam. Houve relativamente pouca gente com origem nos grupos de status mais baixos que conseguiu chegar aos grupos mais altos. ”. Isso ajuda a pensar no campo das políticas públicas como um campo marcado por avanços, mas cujo alcance não é fácil, rápido nem garantido. As políticas avançam e retrocedem. Por isso, é tão importante pesquisar os efeitos delas, pois apontam novos *campos de possibilidades* para se garantir a expansão dos direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do Prouni foi garantir um maior acesso à universidade e isso ele efetivamente conseguiu, atingindo especialmente jovens e adultos de origem popular e/ou integrantes dessa nova classe média que emergiu no país a partir de um conjunto de políticas públicas de inclusão. O Prouni foi uma política de inclusão no ensino superior, feita em parceria com o setor privado, que promoveu deslocamentos nas posições sociais de muitos estudantes que, historicamente, não tinham na universidade uma perspectiva presente em suas trajetórias educacionais. Efetivar o direito à educação, sobretudo a um bem social tão almejado quanto é o diploma universitário, não é um processo simples, pois enfrenta obstáculos materiais e simbólicos.

Após dois anos do início desse projeto de pesquisa muitas coisas mudaram, mas a ideia principal se manteve: a necessidade de se estudar trajetórias desses novos sujeitos que vem acessando a universidade. No atual contexto político do país, marcado pela recessão e corte de políticas sociais, pensar a importância de uma política pública como o Prouni é fundamental, pois qual teria sido o destino de mais de um milhão de jovens sem essa política pública? Significa relegar novamente às sombras uma camada da sociedade tradicionalmente excluída do ensino superior, já que universidade não era para pobre, negro, morador de periferia e a entrada desses sujeitos nos espaços anteriormente ocupados exclusivamente pela elite, no mínimo incomoda.

Nos últimos anos, tivemos um rol de políticas sociais que mudaram a vida desses sujeitos, tais como a ampliação das vagas na escola pública, correção de fluxo, educação de jovens e adultos, ampliação das vagas em universidades e institutos federais, criação e ampliação dos cursos noturnos, política de cotas e o Programa Universidade para Todos, foco desse estudo. Todas essas políticas contribuíram para o deslocamento social desses sujeitos em relação à posição de seus pais, avós, que nunca almejavam ingressar em uma universidade, muitos deles, inclusive, não conseguiram sequer concluir a educação básica, como nos diz Barros (2010:86): “A trajetória de vida dos pais é percebida e valorizada pelas marcas positivas da superação das condições sociais desfavoráveis e pelo valor do trabalho honesto, que abrem as possibilidades para a mobilidade social dos filhos e para que estes tenham seus próprios projetos de vida.”, isso mudou e não tem volta, pois se incorporou ao horizonte dos anseios dos grupos populares.

A partir dos relatos dos egressos entrevistados observamos que todas as questões mencionadas acima se confirmam, alguns deles enfatizam que mesmo com a criação de políticas voltadas para a universidade pública, ainda não enxergavam ali uma possibilidade para

suas trajetórias, as vagas ainda eram reduzidas, vestibulares fora da realidade e tempo de dedicação que eles não teriam, pois, a necessidade de ingressar no mercado de trabalho era significativa, distância dos locais de suas residências – o Rio de Janeiro, local onde a pesquisa foi realizada, como boa parte das grandes metrópoles tem um grave problema de mobilidade como nos traz Pero e Stefanelli (2015:385): “Diversos estudos internacionais já apontaram a existência de uma vulnerabilidade relativa a desvantagens no transporte urbano, isto é, existiria uma ‘exclusão social’ em termos de mobilidade, que fica evidente nas diferenças de acesso ao sistema de transporte urbano entre as camadas mais ricas e as mais pobres da sociedade.”, inclusive foi um ponto bastante destacado pelos entrevistados, não é simples se locomover na cidade, o transporte público é precário e restrito –, impossibilidade financeira e de horário para mobilidade. O Prouni veio para tornar possível o sonho desses jovens que não se enxergavam pertencentes ao espaço da universidade pública, mesmo com a baixa qualidade de ensino ofertada – como muitos relataram ao longo das entrevistas –, foi esse modelo de universidade que “coube” na vida desses indivíduos, que modificou suas trajetórias pessoais, educacionais, profissionais e familiares.

Portanto, após essas reflexões, ressaltamos a importância de políticas públicas diversificadas, como o Prouni, assim como a necessidade de avaliação desses programas, visando a otimização de resultados para que mais indivíduos tenham suas trajetórias modificadas, seu campo de possibilidades ampliado, que os improváveis continuem trilhando suas trajetórias de sucesso, pois todos têm direito à educação de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena (org.); PINHEIRO, Diógenes; ANDRADE, Eliane; ESTEVES, Luiz Carlos; FARAH, Miguel; PEREGRINO, Mônica; SILVEIRA, Olívia; NOVAES, Regina. *Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude – Brasília: SNJ, 2014.*

AZEVEDO, Sérgio de. Dois estudos de mobilidade social no Brasil. *RBCS Vol. 15 no 44 outubro/2000. Pág. 180.*

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Trajetórias de Jovens Adultos: Ciclo de Vida e Mobilidade Social. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 71-92, jul./dez. 2010.*

BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.*

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino/Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron; tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. 6. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.*

_____. *A ilusão biográfica. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos & Abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro, editora FGV, 2006.*

_____. *Capital simbólico e classes sociais. Novos estudos, julho/2013.*

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.*

_____. *Lei Nº 10.933, de 11 de agosto de 2004. Dispõe sobre o Plano Plurianual para o período 2004/2007.*

_____. *Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências.*

_____. *Medida Provisória nº 213, de 10 de setembro de 2004. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior, e dá outras providências.*

_____. *Projeto de lei nº. 3.582, DE 2004. Dispõe sobre a instituição do Programa Universidade para Todos – PROUNI, e dá outras providências.*

_____. *Emenda Constitucional nº. 59/2009.*

_____. *Tribunal de Contas da União. Relatório de auditoria operacional: Programa Universidade para Todos (Prouni) e Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) / Relator Ministro José Jorge. – Brasília: TCU, 2009.*

CARDOSO, Adalberto. *Transições da Escola para o Trabalho no Brasil: Persistência da Desigualdade e Frustração de Expectativas. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 3, 2008, pp. 569 a 616.*

_____, Adalberto Moreira. *Ensaio de Sociologia do mercado de trabalho brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.*

_____, Adalberto Moreira. A construção da Sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1439-1454, dez., 2015.

COSTA, Márcio da; KOSLINSKI, Mariane Campelo. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do ensino fundamental do Rio de Janeiro. Revista brasileira de educação, v.11, n.31, jan./abril. 2006.

CUNHA, Luiz Antônio. A universidade temporã: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (org.). Juventude e Contemporaneidade. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

FILARDO, Verônica. Transiciones a la adultez y educación. 2010 – UDELAR, Uruguay.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Um retrato de duas décadas do mercado de trabalho brasileiro utilizando a Pnad. Comunicados do Ipea nº 160, 07 de outubro de 2013.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.

_____. Indivíduo e Mistura de Gêneros: Dissonâncias Culturais e Distinção de Si. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 50, no 4, 2007.

MAINARDES, Jeferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

NERI, Marcelo. A Nova Classe Média: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, escola e trabalho: uma aproximação é necessária. Boletim CEDES janeiro a março de 2014. Disponível em: http://www.cis.puc-rio.br/cis/cedes/PDF/janeiro_marco_2014/Artigo%20-%20Monica%20Peregrino.pdf.

PERO, V.; STEFANELLI, V. A questão da mobilidade urbana nas metrópoles brasileiras. Rev. Econ. Contemp., Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 366-402, set-dez/2015.

POCHMANN, Marcio. Nova classe média?: o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. *Juventudes e Educação: escola e transições para a vida adulta no Brasil*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20.

SCHWARTZMAN, Simon. Massificação, equidade e qualidade: Os desafios da educação Superior no Brasil - Análise do Período 2009-2013. Disponível em: https://archive.org/details/universia_port_201501. Último acesso em: 02/12/2016.

SILVA, Enid Rocha Andrade; MACEDO, Débora Maria Borges de; FIGUEIREDO, Marina Morenna Alves. *Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar na juventude brasileira*; Organização Internacional do Trabalho (OIT); OIT Escritório no Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). - Brasília: OIT, 2015.

SILVA, Jailson de Souza. “Por que uns e não outros?” *Caminhadas de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

TEIXEIRA, Elsa. Percursos Singulares: Sucesso escolar no ensino superior e grupos sociais desfavorecidos. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010*.

UNGER, Roberto Mangabeira. Os Batalhadores e a Transformação do Brasil. In: SOUZA, Jessé. *Os Trabalhadores Brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose Antropologia das sociedades complexas*. Zahar, 1994.

_____, Gilberto. O desafio da proximidade. In VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ZAGO, Nadir. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. *Paidéia*, FFCLRP-USP, Rib. Preto, jan/julho/2000.

ANEXO I

Questionário Egressos do PROUNI: Vida antes da Universidade: Trajetórias dos Familiares e Trajetória Escolar (FASE 1).

Nome: _____

e-mail: _____

Telefone: _____

BLOCO PERFIL

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Cor/Raça [Definição do IBGE]: () Amarela () Branca () Indígena () Parda () Preta
3. Data de Nascimento: ___/___/____
4. Naturalidade: UF: _____ Município: _____
5. Religião: () Afro-brasileira () Católica () Espírita () Evangélica () Sem religião/Agnóstico () Outra
6. Estado Civil: () Solteiro/a () Casado/a ou União estável () Separado/a ou Divorciado/a () Viúvo/a
7. Tem filhos: () Sim. Quantos? _____ () Não

BLOCO TRAJETÓRIA FAMILIAR

8. Nível de escolaridade dos pais ou responsáveis que tenham exercido este papel em sua criação:

ESCOLARIDADE	PAI	MÃE	OUTRO
Não teve pai/mãe ou pessoa que exerceu este papel na sua criação			
Sem instrução, não alfabetizado			
Sem instrução, sabe ler e escrever			
1º Segmento do Ens. Fundamental – Incompleto			
1º Segmento do Ens. Fundamental – Completo			
2º Segmento do Ens. Fundamental – Incompleto			
2º Segmento do Ens. Fundamental – Completo			
Ensino Médio – Incompleto			
Ensino Médio – Completo			

Superior – Incompleto			
Superior – Completo			
Mestrado ou Doutorado			

9. Seus pais ou responsáveis trabalham? () Sim. Qual atividade? _____ () Não

10. Possui irmãos? () Sim [Responda o quadro abaixo] () Não

ESCOLARIDADE	1	2	3	4	5	6	7	8
Possui quantos irmãos								
Sem instrução, não alfabetizado								
Sem instrução, sabe ler e escrever								
1º Segmento do Ens. Fundamental – Incompleto								
1º Segmento do Ens. Fundamental – Completo								
2º Segmento do Ens. Fundamental – Incompleto								
2º Segmento do Ens. Fundamental – Completo								
Ensino Médio – Incompleto								
Ensino Médio – Completo								
Superior – Incompleto								
Superior – Completo								
Mestrado ou Doutorado								

11. Seu/s irmão/os trabalham? () Sim. Qual atividade? _____ () Não

BLOCO TRAJETÓRIA ESCOLAR

12. Onde cursou a maior parte da Educação Básica: () Público () Privado () Privado com bolsa

13. Repetiu algum ano na fase escolar: () Sim. Qual (is)? _____ () Não

14. Já interrompeu os estudos? () Sim [Responda abaixo] () Não

a) Interrompeu os estudos quantas vezes? _____

b) Qual o maior período que ficou fora da escola? _____

ANEXO II

Roteiro para entrevista – Egressos do PROUNI: Vida na Universidade

BLOCO I – Entrada na Universidade

1. Qual o curso e faculdade cursados pelo PROUNI?
2. Qual a data de entrada e saída na faculdade?
3. Você prestou vestibular para as Universidades públicas? () Sim. Quantos anos? _____.
() Não
4. Caso tenha prestado vestibular para as Universidades públicas, o curso escolhido foi o mesmo do PROUNI? () Sim. () Não. Qual o outro curso?
5. Caso a escolha tenha sido diferente, quais foram os motivos da alteração da escolha do curso?
6. O que te levou/qual foi sua motivação em escolher cursar uma faculdade através do PROUNI?
7. Qual era sua renda aproximada ao entrar na faculdade?
8. Você trabalhava? Com o que? Quem eram os componentes da família que compunham esta renda?

BLOCO II – Trajetória na Universidade

9. Quais eram suas expectativas ao ingressar em uma faculdade?
10. Qual turno você estudou na maior parte da faculdade? () Manhã () Tarde () Noite () Integral
11. Você possuía algum auxílio para se manter na faculdade? () Transporte () Alimentação () Material Didático () Moradia () Outros: _____.
12. Durante o período da faculdade você trabalhava? () Sim. Qual atividade, quantas horas por dia e por quanto tempo? _____. () Não
13. Durante o período da faculdade você chegou a estagiar? () Sim. Quanto tempo? _____. () Não
14. A sua faculdade possuía incentivos a pesquisa? () Grupos de Pesquisa () Bolsas de Iniciação Científica () Congressos e Seminários () Outros: _____.
15. Como você tomou conhecimento destes incentivos a pesquisa?
16. Você Participou de algum deles? () Sim. Quais? _____. () Não. Qual motivo? _____.
17. Você encontrou alguma dificuldade em cursar a faculdade? () Sim. Quais? _____. () Não.
18. Você trancou a faculdade? () Sim. Por que e quantas vezes? _____. () Não.
19. Como você avalia a infraestrutura da sua faculdade [bibliotecas, laboratórios, estrutura das salas de aula, entre outros.]? () Excelente () Boa () Regular () Ruim () Péssima
20. Você se sentiu discriminado por ser bolsista do PROUNI?

21. O que a passagem pela Universidade contribuiu para sua vida profissional, acadêmica, cultural, social?
22. Por que o PROUNI coube na sua trajetória?

BLOCO III – Vida após a Universidade

23. Suas expectativas foram atendidas após o término da faculdade?
24. Você trabalha na área na qual se formou?
25. Sua renda melhorou? Qual a renda aproximada da sua família hoje? Quem são as pessoas que compõem essa renda?
26. Você se mudou? Reformou a casa? Comprou carro?
27. Você teve a possibilidade de realizar alguma viagem? Quais? Para onde?
28. Após a Universidade você deu continuidade aos estudos (Pós-graduação, cursos diversos, etc.)?
29. Caso você tenha filhos, sua percepção em relação a educação mudou de alguma forma? Realiza algum tipo de investimento em educação que não realizava antes do ingresso na faculdade?
30. Você adquiriu novos hábitos culturais (leitura, teatro, cinema, consumo cultural, etc.)?
31. Você acha que suas escolhas políticas mudaram após a entrada na faculdade?
32. Você é a favor da Política de Cotas?
33. O que você pretende fazer daqui em diante (trabalhar, passar em concurso, estudar, etc.)?
34. Qual impacto o PROUNI teve na sua trajetória de vida?
35. Você acredita que a sua passagem pela Universidade gerou algum impacto no seu núcleo familiar? Que tipo de impacto? Em quais membros do grupo familiar?
36. Como você avalia a Política Pública do PROUNI, tendo como base sua trajetória

ANEXO III
Quadro Analítico Geral

	Moradia		Idade atual	Raça	Sexo	Educação Básica	Instituição	Credenciamento	Curso	Turno	Idade ao entrar na faculdade	Pais/Responsáveis	Irmãos
	Antiga	Atual											
Tatiana	Rocinha	Jacarepaguá	27	Branco	Feminino	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	PUC	Universidade	Pedagogia	Manhã	18	Mãe manicure e pai garçom – ambos com 2º Segmento do Ens. Fundamental Completo.	Irmã professora e doutoranda, irmão técnico em análises clínicas e cursando Ens. Superior.
Daniel	Bangu	Bangu	27	Pardo	Masculino	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	Estácio	Universidade	Administração	Noite	21	Pai falecido – Ens. Médio Completo – e mãe dona de casa – Superior Incompleto.	Irmão 1 pedreiro e irmão 2 cabeleireiro, ambos com Ens. Médio incompleto.
Renata	Riachuelo	Riachuelo	30	Pardo	Feminino	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens. Fundamental cursados em escola particular, os demais anos de escolaridade no setor público de ensino. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	Estácio	Universidade	Pedagogia	Noite	19	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã analista de finanças e irmão 1 coordenador de planejamento, ambos pós-graduados em sua área. Irmão 2 cursando o Ens. Superior.
Luiza	Riachuelo	Riachuelo	31	Pardo	Feminino	Escola particular até o 7º ano, a partir do 8º ano cursou no ensino público. Nunca houve retenção e	Mackenzie	Faculdade	Administração	Noite	20	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã professora, cursando pós-graduação, irmão 1 coordenador de planejamento

						interrupção nos estudos.							pós-graduado e irmão 2 cursando o Ens. Superior.
Ricardo	Riachuelo	Del Castilho	29	Preto	Masculino	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens. Fundamental no setor privado, os demais anos de escolaridade cursados na escola pública. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	PUC	Universidade	Sistemas de Informação	Noite	18	Pai modelista – Superior completo – e mãe cozinheira – Superior incompleto.	Irmã 1 analista de finanças pós-graduada, irmã 2 professora, cursando pós-graduação e irmão cursando o Ens. Superior.
João	Pavuna	Pavuna	30	Pardo	Masculino	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	Estácio	Universidade	Direito	Noite	19	Mãe dona de casa – Ens. Médio incompleto – e pai aposentado concluiu o ensino médio.	Irmão 1 Militar – Superior completo –, irmã vendedora – Ensino médio completo – e irmão 2 menor impúbere.
Hugo	Bangu	Bangu	42	Pardo	Masculino	Escola pública, nunca houve retenção, interrompeu os estudos no 8º ano, ficou fora da escola por 14 anos.	Castelo Branco	Universidade	Ciências Contábeis	Noite	35	Pai e mãe falecidos, ambos concluíram o Ens. Médio.	Irmão administrador concluiu o ensino superior, irmã 1 não alfabetizada (Portadora de Necessidades Especiais) e irmã 2 dona de casa, concluiu o ensino médio.
Liliane	Inhaúma	Inhaúma	28	Preto	Feminino	Educação Infantil e 1º Segmento do Ens.	Unigranrio	Universidade	Pedagogia	Noite	18	Pai gráfico com formação técnica e mãe agente de pessoal do	Irmã desempregada, concluiu o

						Fundamental cursados em escola particular, os demais anos de escolaridade no setor público de ensino. Nunca houve retenção e interrupção nos estudos.							município, concluiu o ensino superior.	ensino superior.
Juliana	São João de Meriti	Jacarepaguá	27	Branco	Feminino	Escola pública, nunca houve retenção e interrupção nos estudos.	PUC	Universidade	Pedagogia	Integral	18		Pai aposentado – 1º segmento do ensino fundamental incompleto – e mãe autônoma completou o 1º segmento do ensino fundamental.	Irmão desempregado, concluiu o ensino médio.